



Vozes Italo-brasileiras I

Voci Italo-brasiliane I

Organização / Organizzazione: **Rosalie Gallo**



La presente antologia *BrasilItalia*, composta di magnifiche narrative letterarie, è una stretta di mano tra gli organismi REBRA (Rete di Scrittrici Brasiliane) e COMITES (Comitato degli Italiani all'Estero) i quali, ispirati dalle loro rispettive missioni, hanno deciso di perpetuare le storie delle famiglie di immigrati italiani in Brasile.

È stato inoltre convenuto di comune accordo che tali narrative avrebbero avuto migliore espressione attraverso delle voci femminili, perché nessuno sa raccontare meglio delle donne le loro stesse storie e quelle dei loro figli, mariti, fratelli; perché tutto ciò che passa attraverso i loro occhi attenti e le loro menti argute diventa, automaticamente, parte delle loro anime.

Ed è con entusiasmo che ora offriamo l'eccellente risultato dei nostri sforzi, presentandolo ai lettori perché scoprano l'incanto creato dalla nitida simbiosi di questi due popoli: il brasiliano e l'italiano.

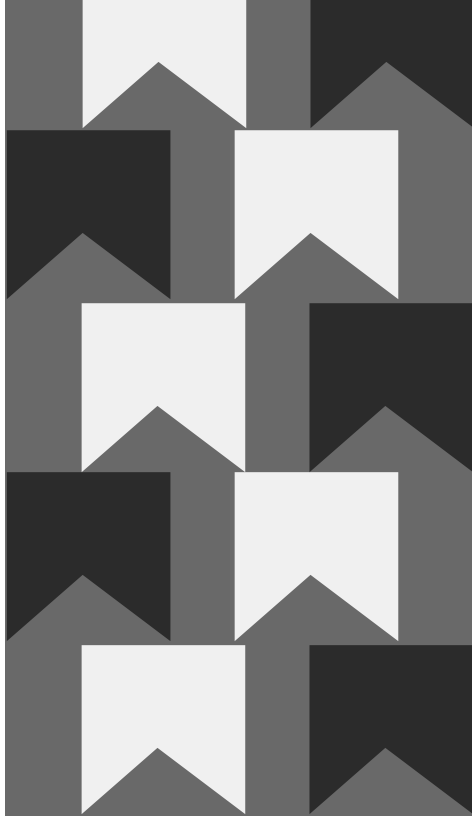
Joyce Cavalccante è autrice di tredici libri di prosa narrativa e presidente della REBRA, Rete di Scrittrici Brasiliane.

Essa coletânea – *BrasilItália* – composta por magníficas narrativas literárias, é um aperto de mãos entre a REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras e o COMITES/SP - Comitato degli Italiani all'estero – que, inspirados por suas respectivas missões – decidiram perenizar as histórias das famílias de imigrantes italianos no Brasil.

Acordamos também que tais narrativas caberiam melhor nas vozes femininas, pois ninguém melhor do que as mulheres para descrever suas próprias sagas e as sagas de seus filhos, maridos, irmãos; pois tudo que passa por seus atentos olhos e suas mentes argutas, torna-se, automaticamente, parte de suas almas.

E é com entusiasmo que aqui entregamos o excelente resultado de nossos esforços, apresentando-o ao público para que descubram o encanto gerado pela nitida simbiose desses dois povos: O brasileiro e o italiano.

Joyce Cavalccante é autora de treze livros de ficção de prosa e presidente da REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras.



Vozes Italo-brasileiras I

Voci Italo-brasiliane I



Todos os direitos desta publicação estão reservados à Editora In House que detêm os direitos autorais da obra para a Língua Portuguesa e Italiana.

O texto aqui reproduzido é uma obra de autoria e responsabilidade de seu autor e não representa, necessariamente, a opinião da Editora.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização por escrito do editor ou do autor.

Jundiaí, São Paulo, Brasil, agosto de 2016.

Editor responsável / Capa: Márcio Martelli
Editor Assistente: Said Forhat
Assist. de Marketing: Leonardo Vendramini
Tradução: Reginaldo Francisco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Gallo, Rosalie (org.)
Vozes Italo-brasileiras I - Voci Italo-brasiliane I / Rosalie Gallo (org.) -- Jundiaí, SP : Editora In House, 2016.

ISBN 978-65-86978-55-1 - Edição digital

1. Literatura Brasileira. 2. Literatura Italiana I. Gallo, Rosalie (org.). II. Título.

CDD - B869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura Brasileira B869.93



A nossos antepassados
Ai nostri antenati



Sumário

Apresentação	6
Prefácio	10
Introdução	12
La realtà è un'interpretazione - Joyce Cavalcante	16
Babbo & Barboleta - Eliana Magrini Fochi	22
Andrea Maria Ribeiro de Carvalho Rodrigues	28
Angélica Royo	34
Aparecida de Lourdes Micossi Perez	38
Beth Silberstein	44
Carmen Teresa do Nascimento Elias	50
Celia e Celma Mazzei	56
Custodia Wolney	62
Debora Pio	68
Edih Longo	72
Eugenia Zerbini	78
Gisela Cochrane Rao	84
Hebe Canuto da Boa-Viagem de Andrade Costa	88

Helen Heyzel Gnocchi	96
Helena Peixoto Dagnino	102
Ivone da Fonseca	108
Joana Merlin Scholte	114
Juliana Winkel	120
Laís de Barros	126
Leonir de Lurdes Batista	132
Liliana Laganá	136
Lionizia Goyá	142
Lorien Marta Zanini	150
Luciana de Souza Mazur	156
Maria de Fatima Boni de Oliveira	162
Maria Helena Curti	168
Maria Rosa Fontebasso	174
Marília Ferreira Emmi	180
Sandra Silvestre	186
Vitalina Maria Frosi	192
Yolanda Cintrão Forghieri	198
Biografia	204

Apresentação

O 1º Concurso literário BrasilItalia é fruto de uma importante colaboração entre a Rede de Escritoras Brasileiras (REBRA) e a Comissão de Cultura do Comites de São Paulo.

O empenho e a dedicação do nosso Comites são mais uma vez confirmados por uma iniciativa de grande impacto emotivo que enriquece e complementa a história da nossa imigração no Brasil.

Os muitos contos enviados, em sua variedade de estilo e natureza, testemunham profundas emoções e valorizam, uma vez mais, percursos de vida impregnados de expectativas e projetos de vida. A força desses sentimentos se faz sentir ainda hoje e os relatos testemunham tradições familiares, episódios específicos, anedotas singulares imbuídas de sentimentos transmitidos com precisão: sentimentos que marcaram a vida simples dos migrantes e que chegam, intactos, até nós.

A história da imigração italiana se confunde com a história dos brasileiros e, mesmo na simplicidade de suas origens, os migrantes italianos souberam dar um forte impulso ao desenvolvimento deste maravilhoso país.

Italianos e brasileiros se misturaram, acolheram-se reciprocamente e viveram grandes histórias, tornando-se um só grande povo, mas que conserva a memória das diversas origens. Uma memória que se faz presente também por meio desta nova coletânea, que se transforma em livro bilíngue justamente para ser apreciada tanto pelo público italiano quanto pelo brasileiro.

Esta antologia, que será enviada às principais bibliotecas dos dois países e divulgada em muitas universidades italianas, aju-

Presentazione

Il primo concorso letterario Brasil Italia è il frutto di un'importante collaborazione tra la Rete di Scrittrici Brasiliane (REBRA) e la Commissione Cultura del Comites di San Paolo.

L'impegno e la dedizione del nostro Comites vengono ancora una volta confermati da un'iniziativa di grande impatto emotivo che arricchisce e complementa la storia della nostra immigrazione in Brasile.

I molti racconti inviati, nella loro varietà di stile e carattere, testimoniano profonde emozioni e valorizzano, ancora una volta, percorsi di vita impregnati di aspettative e progettualità. La forza di questi sentimenti è ancor oggi molto sentita e i racconti testimoniano tradizioni famigliari, singoli episodi, aneddoti singolari intrisi di sentimenti che si tramandano puntualmente: sentimenti che hanno segnato le semplici vite dei migranti e che sono giunti, intatti, a noi.

La storia dell'immigrazione italiana si confonde con la storia dei brasiliani e, pur nella semplicità delle loro origini, i migranti italiani hanno saputo dare un forte impulso allo sviluppo di questo meraviglioso paese.

Gli italiani ed i brasiliani si sono mescolati, si sono reciprocamente accolti ed hanno vissuto grandi storie diventando un solo grande popolo che conserva, comunque, la memoria delle diverse origini. Una memoria che si fa presente anche attraverso questa nuova raccolta che diventa libro bilingue, proprio per essere fruito sia dal pubblico italiano che da quello brasiliano.

Questa antologia, che sarà inviata nelle principali biblioteche dei due paesi e promossa in molte università italiane, ci

da-nos a recompor um percurso histórico que muitas vezes não é investigado com a necessária profundidade, e nos faz revisitar um fragmento de história realmente significativo.

Fica portanto minha gratidão, por esta preciosa contribuição, à REBRA e também ao Comites de São Paulo, que com seu empenho constante torna viva e ativa a nossa comunidade italiana no Brasil, estimulando e criando novas oportunidades para mantermos vivas nossas histórias e nossas tradições.

Michele Pala
Cônsul-geral da Itália em São Paulo

aiuta a ricomporre un percorso storico che molto spesso non é indagato con la necessaria profondità e ci fa ripercorrere un segmento di storia davvero significativo.

La mia gratitudine va quindi, per questo prezioso contributo - oltre che a Rebra, al Comites di San Paolo che con il suo costante impegno rende viva ed attiva la nostra comunità italiana in Brasile stimolando e creando nuove occasioni per mantenere vive le nostre storie e le nostre tradizioni.

Michele Pala
Console Generale di San Paolo

Prefácio

Os Comites (Comitês dos Italianos no Exterior) são órgãos governamentais eletivos que representam as exigências dos cidadãos italianos no exterior nas relações com as representações diplomático-consulares. Os Comites podem representar instâncias da coletividade italiana residente na circunscrição consular, junto às autoridades e instituições locais. Além disso, ainda contribuem para a identificação das exigências de desenvolvimento social, cultural e civil da sua comunidade.

O Comites de São Paulo é considerado o mais ativo e também aquele que representa no mundo a maior coletividade italiana fora da Itália. É com essa responsabilidade e com grande prazer que juntamente com a REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras, através de nossa Comissão Cultura, promovemos esta iniciativa que resgata um pouco da memória de nossa imigração, que vem desde o século XIX com os primeiros navios a vapor recheados de esperança naquele horizonte repleto de café, ou daqueles que passaram por grandes dificuldade e deixaram seus lares fugindo da guerra assim como, esta nova imigração que busca a recolocação do jovem especializado no mercado de trabalho moderno.

Aproveito a oportunidade para agradecer nossa caríssima conselheira Rosalie Gallo que, com grande paixão conduziu este belíssimo projeto. *Grazie mille!*

Cordiali saluti,

Renato Sartori

Presidente do Comites de São Paulo

Prefazione

I Comites (Comitati degli Italiani all'Estero) sono organi governativi elettivi che rappresentano le esigenze dei cittadini italiani all'estero nei rapporti con le rappresentanze diplomatico-consolari. I Comites possono rappresentare istanze della collettività italiana residente nella circoscrizione consolare alle autorità e alle istituzioni locali. Inoltre, contribuiscono ad individuare le esigenze di sviluppo sociale, culturale e civile delle stesse comunità rappresentate.

Il Comites di San Paolo è considerato il più attivo ed è anche quello che rappresenta la più grande collettività italiana fuori dai confini nazionali. In considerazione dell'importante ruolo che svolgiamo e mossi da immenso piacere abbiamo deciso di promuovere, mediante la compartecipazione della nostra Commissione di Cultura e la REBRA (Rete di Scrittrici Brasiliane), la presente iniziativa volta a rievocare parte della memoria della nostra migrazione in Brasile. Una memoria che risale al XIX secolo e ai primi piroscafi che salpavano carichi di speranza verso quell'orizzonte pieno di caffè; o quella di coloro che affrontarono grandi difficoltà e lasciarono le loro case fuggendo dalla guerra; ma anche la testimonianza di questa nuova migrazione che mira alla ricollocazione del giovane specializzato nel moderno mercato del lavoro.

Colgo l'occasione per ringraziare la nostra carissima conselheira Rosalie Gallo che con grande passione ha condotto questo bellissimo progetto. *Grazie mille!*

Cordiali saluti,

Renato Sartori

Presidente del Comites di San Paolo

Introdução

Escrever sobre um texto literário não é fácil. Escrever sobre os textos que compõem uma Antologia será tantas vezes mais difícil quantos forem os textos contidos porque variam as situações, os estilos, as tramas e principalmente o afeto dedicado pelo leitor a cada um dos textos que escorrem um logo depois do outro.

Neste caso, em particular, vale lembrar que havia um tema geral a explorar – a imigração italiana para o Brasil. Havia mais outra limitação: o espaço de poucas linhas para contar sobre toda a saudade, a imensa coragem e sobretudo o inesgotável espírito de aventura a que os imigrantes italianos, como todos os demais de outras etnias, se submeteram para enfrentar o desconhecido em busca da *Mérica*, fosse ela a do Norte ou a do Sul.

Trabalhos inusitados, o desconforto do clima inicialmente inóspito, as dificuldades advindas da nova língua, os diferentes traços de cultura encontrados e o desgosto pelo abandono da pátria eram os motes básicos para esses seres corajosos à força enfrentarem o mar a fim de alcançar um solo onde pudessem viver com dignidade. Mais que isso, oferecer à família, muitas vezes vinda depois de algum tempo, o futuro não mais vislumbrado na amada pátria abandonada quase sempre... para sempre!

Nestes textos podem-se encontrar os ecos dessas passagens. Ora de forma jocosa, ora de forma muito melancólica, as narrativas fluem e nos levam de volta ao passado de nossos valorosos ascendentes. Quase todos não existem mais, se pensarmos nas primeiras ondas de imigração. No entanto, se hoje desfrutamos de uma vida menos difícil devemos a eles, os desbravadores da vida, nossos queridos parentes que construíram neste Brasil um

Introduzione

Scrivere su un testo letterario non è facile. Scrivere sui testi che compongono un'antologia sarà tanto più difficile quanti saranno i testi in essa contenuti, perché variano le situazioni, gli stili, le trame e soprattutto l'affetto dedicato dal lettore ai testi che scorrono uno dopo l'altro.

In questo caso specifico va ricordato che c'era un tema da approfondire — l'immigrazione italiana in Brasile. E c'era un limite: lo spazio di poche righe per raccontare tutta la nostalgia, l'immenso coraggio e soprattutto l'inesauribile spirito di avventura degli immigrati italiani, così come di tutti gli altri, di altre etnie, ad affrontare l'ignoto in cerca della *Merica*, sia quella del Nord che quella del Sud.

Nuovi mestieri, lo sconforto del clima inizialmente inospitale, le difficoltà di imparare una nuova lingua, i tratti culturali diversi e il dolore di abbandonare la patria erano la triste base su cui questi necessariamente coraggiosi affrontarono il mare per raggiungere un suolo dove avrebbero potuto vivere con dignità. Oltre a ciò, offrire alla famiglia, che spesso sarebbe venuta dopo qualche tempo, un futuro ormai non più realizzabile nell'amata patria, abbandonata quasi sempre... per sempre!

In questi testi si possono trovare gli echi di questi passaggi. Ora in modo giocoso, ora in modo molto malinconico, le narrative fluiscono e ci portano al passato dei nostri valorosi ascendenti. Quasi tutti non ci sono più, se pensiamo alle prime ondate di immigrazione. Tuttavia, se oggi beneficiamo di una vita meno difficile lo dobbiamo a loro, gli esploratori della vita, i nostri cari parenti che crearono in questo Brasile un angolo d'Italia in ogni casa costruita; che fecero derivare dalle loro abitudini familiari

canto da Itália em cada casa erguida; que fizeram derivar de seus hábitos familiares a herança cultural herdada por esta terra; que legaram a todos os brasileiros um patrimônio musical inigualável; que forneceram ao vocabulário português palavras e sons extirpados do coração saudoso e do sentimento de solidariedade entre os homens, algo só possível de se sentir quando não se está em solo pátrio.

Assim, agradeço a todas as participantes deste 1º Concurso Literário BrasilItalia, a doação de seus relatos. Agradeço aos três jurados especialíssimos que voluntariamente se debruçaram sobre a leitura emocionante dos textos: Prof. Augusto Bellon, Diretor de Ensino do Consulado Geral da Itália em São Paulo; Dra. Livia Raponi, Adida Cultural do Instituto Italiano de Cultura de São Paulo e Dra. Eliana Magrini Fochi, escritora representante da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras.

O mais, daqui para diante, é ler os textos. Saborear cada assunto. Degustar cada emoção. Relembrar nossas raízes. E jamais se esquecer que estas raízes que unem nossos dois países partem do coração de cada um de nós porque somos a continuidade do que já existiu.

Rosalie Gallo

Comissão de Cultura

Comites – Comitê dos Italianos no Exterior/SP

l'eredità culturale ricevuta da questa terra; che lasciarono a tutti i brasiliani un patrimonio musicale senza pari; che fornirono al vocabolario portoghese parole e suoni strappati dal cuore nostalgico e dal sentimento di solidarietà fra le persone, che si può sentire soltanto quando non si è sul suolo patrio.

Pertanto ringrazio tutte le partecipanti di questo Primo Concorso Letterario BrasilItalia per la donazione dei loro racconti. Ringrazio i tre giurati specialissimi che volontariamente si sono dedicati all'emozionante lettura dei testi: Prof. Augusto Bellon, Dirigente Scolastico del Consolato Generale d'Italia in San Paolo; Dott.ssa Livia Raponi, Addetta Culturale dell'Istituto Italiano di Cultura di San Paolo e Dott.ssa Eliana Magrini, scrittrice rappresentante della REBRA — Rete di Scrittrici Brasiliane.

Adesso non ci resta che leggere i testi. Assaporare ogni argomento. Degustare ogni emozione. Ricordare le nostre radici. E non dimenticare mai che queste radici che uniscono i nostri due paesi vengono dal cuore di ognuno di noi, perché siamo la continuità di ciò che è già esistito.

Rosalie Gallo

Commissione di Cultura

Comites – Comitato degli Italiani all'Estero/San Paolo

La realtà è un'interpretazione

Segundo minha mãe, meu pai considerava a realidade apenas uma interpretação pessoal.

E completava: – Os Saboias são assim. Adoram mentir.

Eu então, como Saboia que sou, resolvi ir as últimas consequências e institucionalizar a mentira, fazendo dela a parte mais abençoada da minha vida. Considerando-a o mais importante instrumento de trabalho do meu ofício de escritora. E agradecendo a Deus esse dom de iludir que carrego no sangue desde os tempos em que, inocentemente, perguntava:

– O que quer dizer ascendente, papai?

– Ascendentes são os parentes que vieram antes da gente para esse mundo, e assim deram origem a nossa família.

– E quem foi nosso primeiro ascendente?

– Adão. Adão e Eva. – Dizia sorrindo e exibindo a dentuça, marca registrada da família.

– Mas Adão e Eva não vale. Eu quero saber como começou nossa família. A família Saboia.

– Se você jurar que não vai me interromper, eu conto.

– Juro. Juro. – Garantia de pés juntos, querendo escutar e entender aquela história.

– Os Saboias do Brasil são todos descendentes do primeiro Rei da Itália.

Meu avô, o pai da minha mãe, era filho de Ernesto Guerrieri, nascido em Turim no ano de 1850. Ele, por sua vez, era filho natural do rei Victor Emanuele II, Rei da Itália, cujo nome completo era Vittorio Emanuele Maria Alberto Eugenio Ferdinando Tommaso di Savoia. É aí que entra a família Saboia, a versão em português para a palavra italiana Savoia.

Não mais aguentando, interrompi para perguntar:

La realtà è un'interpretazione

Secondo mia madre, mio padre considerava la realtà soltanto un'interpretazione personale.

E concludeva:

– I Saboia sono così. Amano mentire.

Allora io, in quanto Saboia, ho deciso di portare alle ultime conseguenze e istituzionalizzare la menzogna, facendone la parte più benedetta della mia vita, considerandola il più importante strumento di lavoro del mio mestiere di scrittrice. E ringrazio Dio di questo dono di saper illudere che porto nel sangue fin dai tempi in cui, inocentemente, chiedevo:

– Cosa vuol dire ascendente, papà?

– Ascendenti sono i parenti che vennero prima di noi a questo mondo, e così diedero origine alla nostra famiglia.

– E chi fu il nostro primo ascendente?

– Adamo. Adamo ed Eva – diceva sorridente, esibendo i dentoni, marchio registrato della famiglia.

– Ma Adamo ed Eva non vale. Voglio sapere come cominciò la nostra famiglia. La famiglia Saboia.

– Se prometti di non interrompermi, te lo racconto.

– Lo giuro. Lo giuro – lo rassicuravo, ansiosa di sentire e capire quella storia.

– I Saboia del Brasile sono tutti discendenti del primo Re d'Italia.

Mio nonno, padre di mia madre, era figlio di Ernesto Guerrieri, nato a Torino nel 1850. Lui, a sua volta, era figlio naturale di Vittorio Emanuele II, Re d'Italia, il cui nome completo era Vittorio Emanuele Maria Alberto Eugenio Ferdinando Tommaso di Savoia. Ed è lì che comincia la famiglia Saboia, la versione in portoghese per il nome italiano Savoia.

– E o que é filho natural?
 – Vai continuar interrompendo? – Perguntou irritado meu pai.
 – Desculpe. Pedi e me quietei.
 – Victor Emanuelle era casado com a sua prima, a princesa Maria Adelaide da Áustria. Teve um monte de filhos com ela, considerados filhos legítimos, o que quer dizer, dentro da lei. Mas, mesmo assim, ele teve também uma amante. Uma moça linda chamada Rosa Vercellana Guerrieri, a quem chamavam de Bela Rosin. Com ela teve igualmente um monte de filhos. Esses eram chamados de filhos naturais, porque foram feitos fora da legalidade do casamento e, portanto, não tinham o direito de usar o sobrenome da família.

Um desses foi Ernesto Guerrieri, seu tataravô.

Ernesto sempre foi muito querido pelo pai. O Rei. Poder-se-ia dizer que, entre os inúmeros filhos que Victor Emanuelle II andou espalhando prodigamente pelo mundo, ele era o favorito.

E embora não tivesse direito de usar o sobrenome Saboia, se comportava como um deles. Era aventureiro, mulherengo, corajoso e louco por uma confusão. Mentia para ampliar sua sensualidade. Um sedutor que vivia as soltas pelas tabernas do Piemonte. Nos bordeis era mais conhecido como *Piccolo Re*, porque era a cara do pai.

E assim como o pai, era chegado aos grandes desafios. Tão irrequieto quanto ele, aos 16 anos se engajou ao exército de Giuseppe Garibaldi por ocasião *Risorgimento*. Sua bravura foi notada no episódio da libertação de Veneza, então sob o domínio austríaco.

– O que quer dizer mesmo *Risorgimento*? – Perguntei.

– Veja na enciclopédia. Aliás, me deixe terminar de contar a nossa história e vá conferir tudo para ver se estou inventando. – Respondeu-me com impaciência e continuou:

– O jovem Ernesto se fez amigo próximo do guerreiro Garibaldi. E foi dele que ouviu, pela primeira vez, falar do Brasil, um lindo e mágico país distante, do qual acabara de chegar.

O pai ralhava com o encrenqueiro filho, mas sempre o per-

lo che non ne potevo più lo interrompi per chiedere:

– E cos'è figlio naturale?

– Ma continuerai ad interrompermi? – diceva lui infastidito.

– Scusami – e restai in silenzio.

– Vittorio Emanuele era sposato con sua cugina, la principessa Maria Adelaide d'Áustria. Ebbe un sacco di figli con lei, considerati figli legittimi, cioè, riconosciuti dalla legge. Tuttavia, ebbe anche un'amante, una bella ragazza che si chiamava Rosa Vercellana Guerrieri. La chiamavano Bella Rosin. Con lei ebbe ugualmente un sacco di figli. Essi erano chiamati figli naturali, perché erano nati fuori della legalità del matrimonio e perciò non avevano il diritto di usare il cognome della famiglia.

Uno di essi fu Ernesto Guerrieri, tuo quadrisavolo.

Ernesto fu sempre molto amato dal padre, il Re. Si potrebbe dire che, fra i tanti figli che Vittorio Emanuele II sparse profusamente per il mondo, lui fosse il suo favorito.

E anche se non aveva il diritto di usare il cognome Saboia, si comportava come uno di loro. Era avventuroso, donnaiolo, coraggioso e amava mettersi nei pasticci. Mentiva per ingrandire la sua sensualità. Un seduttore che viveva liberamente fra le taverne del Piemonte. Nei bordelli era più noto come *Piccolo Re*, perché aveva la faccia del padre.

E proprio come a suo padre, gli piacevano le grandi sfide. Inquieto quanto lui, a 16 anni si arruolò nell'esercito di Giuseppe Garibaldi all'epoca del *Risorgimento*. La sua arditezza divenne nota durante la liberazione di Venezia, allora sotto il dominio austríaco.

– Cosa vuol dire *Risorgimento*? – chiesi.

– Cercalo nell'enciclopedia. A proposito, lasciami finire la nostra storia e poi vai a controllare tutto per vedere se sto inventando— mi rispose con impazienza e continuò:

– Il giovane Ernesto divenne un amico intimo del guerriero Garibaldi. E fu da lui che sentì parlare per la prima volta del Brasile, un paese lontano ricco di bellezza e di magia, da cui Garibaldi era appena tornato.

doava. E quem sabe lá no fundo secreto de seu coração real, preferisse ser substituído no trono por esse filho de destemperado perfil piemontês do que pelo ponderado Umberto, príncipe herdeiro do trono da Itália, mas portador de emoções louras como sua mãe austríaca.

Quando Ernesto tinha 20 anos, mudou-se para Roma que acabara de sair das mãos do Papa para as mãos do Rei. Finalmente, a luta pelo *Risorgimento* acabara e a unificação da Itália estava concluída. Nova época, novas leis, novos costumes. Mas nada tão enérgico que pudesse frear a agressividade desse rebento bastardo do Duque de Saboia e também, pela graça de Deus, Rei da Itália.

Ousado, cortejou e apaixonou-se perdidamente por Francesca della Rovere, uma dama lindíssima e esposada com o poderoso Conde Alessandro Strozzi.

Embora Francesca fosse uns dez anos mais madura do que Ernesto, ele não se intimidou. Mantiverem um abrasador romance, até serem descobertos pelo marido ofendido que, furioso, desafiou Ernesto para um duelo, sem se importar com o peso da paternidade do rapaz, nem se importar com a desvantagem da diferença de idade, pois o Conde não era moço. Pobre Conde. Tanta imprudência lhe valeu a vida.

E ao vitorioso Ernesto valeu uma longa viagem sem volta. Foi proscrito e desterrado para o lendário Brasil.

Ou era isso ou era a morte, porque após a unificação do Reino, os duelos foram proibidos pelo próprio Victor Emanuel, atendendo a uma exigência do Parlamento. O castigo para os desobedientes era o fuzilamento, mas os sentimentos do Rei escolheram embarcar o filho às pressas, dando-lhe a sua benção e o direito a usar o sobrenome Saboia, como se príncipe fosse.

Joyce Cavalccante

Presidente da REBRA – Rede Brasileira de Escritoras

Il padre sgridava il figlio combinaguai, ma poi lo perdonava sempre. E chissà che nel profondo più segreto del suo cuore regale non preferisse essere sostituito sul trono da questo figlio con un intemperante carattere piemontese piuttosto che dal ponderato Umberto, principe erede del trono d'Italia, ma di emozioni diafane come la madre austriaca.

Quando Ernesto aveva 20 anni, si trasferì a Roma, appena passata dalle mani del Papa alle mani del Re. Finalmente la lotta per il Risorgimento era finita e l'unificazione dell'Italia era stata completata. Nuova epoca, nuove leggi, nuovi costumi. Ma niente di così energico che potesse frenare l'aggressività di questo figlio bastardo del Duca di Savoia e, per la grazia di Dio, Re d'Italia.

Spavaldo come non mai, corteggiò e s'innamorò perdutamente di Francesca della Rovere, una dama bellissima e sposata con il potente Conte Alessandro Strozzi.

Sebbene Francesca fosse circa dieci anni più matura di Ernesto, lui non s'intimidì. Vissero una storia d'amore ardente finché furono scoperti dal marito offeso che, furioso, sfidò Ernesto a duello, senza badare al peso della paternità del ragazzo e neppure allo svantaggio della differenza di età, dato che il Conte non era giovane. Povero Conte. Tale imprudenza gli costò la vita.

E al vincitore Ernesto costò un lungo viaggio senza ritorno. Fu proscritto e esiliato nel leggendario Brasile.

O l'esilio o la morte, perché dopo l'unificazione del Regno, i duelli erano stati proibiti dallo stesso Vittorio Emanuele per soddisfare un'esigenza del Parlamento. La punizione per i trasgressori era la fucilazione, ma i sentimenti del Re scelsero di imbarcare in fretta il figlio, dandogli la sua benedizione e il diritto di usare il cognome Saboia, come se davvero un principe fosse.

Joyce Cavalccante

Presidente di REBRA – Rete di Scrittrici Brasiliane

Babbo & Barboleta

Babbo era Ottavio e veio da vila de Ponte a Poppi, de uma casa de tijolões e pedra fincada na área rural, a menos de um quilômetro do município de Poppi na província de Arezzo, Toscana.

A rigor, nem foi uma viagem heroica. O pai Giuseppe, de 59 anos e já viúvo de Rosa, defenestrou-se com a família da propriedade em que cultivava uvas para os padres, por duas fortes razões, ambas de sangue. O que se contou:

Numa noite, o “belo Antonio” alisou a camisa engomada, gostou do que via no espelho, pavoneou-se. O mais velho dos filhos de Giuseppe era aquele homem bonito, o forte carabinieri que em sua vistosa farda desfilava na guarda em festas datas e também diariamente para uma certa mulher da cidade, indiferente ao risco de meter-se com a esposa do intendente local. Enrodilhados os olhos dos dois, presos nos anzóis de tentação da carne jovem, nem reparavam que o mundo tem janelas... e vê. E também ouvidos, especialmente os do intendente, que logo traduziram corretamente os cochichos acerca dos arroubos e voejos da esposa.

Certo ou incerto, boato precisa ser levado em consideração. E por via da certeza de uns, Antonio se viu em luta corporal com o intendente. Estando ambos desarmados, um ou outro soco acertou a autoridade, que foi ao chão, sangrou e deu ao carabinieri a convicção de que acabara com a vida do homem; ali, já se desenharam ao moço todas as consequências vindouras.

O galã chegou à casa do pai como era de esperar – com a valentia devidamente domada nas calças: tinha de escafeder-se para não arcar com os cornos do caso. Foi daí que nasceu a ideia

Babbo & Barboleta

Babbo era Ottavio ed era venuto dal villaggio di Ponte a Poppi, da una casa fatta di pietra e mattoni nella zona rurale, a meno di un chilometro dal comune di Poppi in provincia di Arezzo, in Toscana.

A dirla tutta, non fu un viaggio eroico. Suo padre Giuseppe, di 59 anni e già vedovo di Rosa, si defenestrò con la famiglia dalla proprietà in cui coltivava l'uva per i preti per due forti ragioni, entrambe di sangue. Ciò che si raccontò:

Una sera, il “bell’Antonio” inamidò la camicia e si ammirò davanti allo specchio, si compiacque di ciò che vedeva, si pavoneggiò. Il più vecchio tra i figli di Giuseppe era quel bell’uomo, il robusto carabiniere che sfilava nella sua vistosa divisa nei giorni festivi, e anche in quelli feriali per una certa donna della città, incurante del rischio che correva a corteggiare la sposa dell’intendente locale. Intrecciati gli sguardi dei due, catturati all’amo delle tentazioni della carne giovane, non fecero attenzione al fatto che il mondo ha delle finestre... e vede. E anche degli orecchi, soprattutto quelli dell’intendente, che presto tradussero correttamente le voci che correvano sui bollori e le civetterie della sposa.

Vera o infondata, la diceria va presa in considerazione. E spinto dalla certezza di alcuni, Antonio si trovò a lottare corpo a corpo con l’intendente. Essendo entrambi disarmati, qualche pugno colpì l’autorità che cadde a terra sanguinante, e diede al carabiniere la certezza di aver ucciso l’uomo; si prospettavano davanti agli occhi del giovanotto tutte le future conseguenze.

Il rubacuori andò a casa come c’era da immaginarsi— con

e a saída nada heroica de fugir para il Brasile, terra nuova, nostra rica Mérica...

Verdade verdadeira, que se soube depois, o intendente apenas desmaiara, tivera o supercílio cortado e ficara vivinho da silva, e forte o suficiente para arrastar sua dalila pelos cabelos até a casa do pai dela, a quem a devolveu, por imprestável para a honra de um homem público. Foi um caso de forte reverberação na vila, onde Antonio acabou se tornando famoso por cornear a autoridade, coisa que a pândega sempre prestigiou.

Segundo se contou, pouco depois, a largada do intendente aproveitou seus anos vindouros para conhecer – biblicamente – quase toda a população masculina das cercanias, chegando, com franca vocação e alto senso de oportunidade, a abrir e gerir um rendoso negócio (regional!) focado na putaria. Antonio tinha favorecido, afinal, o espírito empreendedor da tal dona.

De Ponte a Poppi para Gênova, e Antonio foi dar com os costados em Minas Gerais. Por alguns tempos, sempre usando nome falso, mandou umas poucas notícias aos pais e irmãos, contando a viagem e os novos sucessos em terra brasileira.

Então, o primeiro motivo do trisavô Giuseppe foi reunir-se com o fugido; o segundo, também muito prático, foi evitar que seus outros filhos homens e ainda adolescentes fossem convocados para as lutas em que se envolvia então a Itália, aliás, naqueles anos, recém derrotada em suas investidas contra a Etiópia. Somme-se a isso o excedente de mão de obra num país de agricultura ainda arcaica, industrialização engatinhando; e, por inevitável, o sonho de outras oportunidades. Foram, todos esses, fortes impulsos à corrente de emigração italiana para “fazer a América”.

Nota: a família nunca encontrou Antonio em terras brasileiras.

l'arditezza debitamente domata nei pantaloni: doveva svignarsela per non dover affrontare le conseguenze di ciò che era avvenuto. Ecco da dove nacque l'idea tutt'altro che eroica di fuggire in Brasile, la terra nuova, la nostra ricca Merica...

Per dire la vera verità, che si seppe più tardi, l'intendente era soltanto svenuto, si era rotto il sopracciglio ed era ancora vivo e vegeto, e abbastanza forte per trascinare la sua dalila per i capelli fino a casa del padre, a cui la restituì perché ormai inutile per l'onore di un uomo pubblico. Fu un caso di forte risonanza nel villaggio, dove Antonio finì per diventare famoso per aver messo le corna all'autorità, roba sempre pregiata dal volgo.

Da quello che si racconta, tempo dopo, l'abbandonata dell'intendente approfittò gli anni venturi per conoscere — biblicamente — la quasi intera popolazione maschile delle vicinanze, arrivando, con sincera vocazione e gran senso di opportunità, ad aprire e gestire un redditizio commercio (regionale!) specializzato nel puttanesimo. Antonio aveva favorito, in fin dei conti, lo spirito imprenditoriale di tale signora.

Da Ponte a Poppi a Genova e fino al Minas Gerais, dove Antonio andò a stabilirsi. Per un po' di tempo, sempre usando un nome falso, inviò qualche notizia ai genitori e ai fratelli, raccontando del viaggio e dei nuovi avvenimenti in terra brasiliana.

Quindi la prima ragione che mosse il trisavolo Giuseppe fu quella di riunirsi al fuggitivo; la seconda, anche molto pratica, fu di evitare che i suoi figli maschi e ancora adolescenti fossero chiamati alle armi nei conflitti in cui era coinvolta a quel tempo l'Italia, essendo, tra l'altro, appena stata sconfitta nelle sue offensive contro l'Etiopia. Si aggiunga a questo l'eccedenza di manodopera in un paese dall'agricoltura ancora arcaica, l'industrializzazione ancora all'inizio e l'inevitabile sogno di cercare altre opportunità. Furono tutte queste le ragioni insieme che diedero forte impulso alla corrente di emigrazione italiana che andava a “far l'America”.

Nota: la famiglia non ha mai incontrato Antonio in terre brasiliane.

Barboleta!!!

E era a menina, assim mesmo, Barboleta, como a chamava o Babbo. A criança sempre-viva era xodó dos olhos daquele cuja voz tonitruante e autoridade o tempo e a asma domaram. Cada manhã da cidade pequena revia a rotina de uma meninazinha assim magrela e seu bisavô branco-branco, olhos transparentes de outroras mares ou céus. Iam mais ou menos encantados (ela, sim) fazer entregas de hortaliças, que ele ainda cultivava. Os outros já viviam na cidade, e ele ainda ficava lá, no sítio que fez as histórias de algumas gerações.

Ainda hoje ela os tem vivos, aqueles passeios na carroça das verduras. São nuvens de imagens, mas vivíssimas num lugar longe dos olhos, impenetrável e defendido. Um coração que revê ou reinventa cada uma daquelas manhãs, que talvez nem fossem tão belas como são na saudade. Um bisavô, um avô, as avós da Barboleta encheram sua infância de sotaque e de uma herança longínqua de laços de sangue, cançonetas, versos, madonas-mias... uma coleção ainda vivinha na boca; e nos olhos, sempiternos, os rostos-risos avoengos.

Barboleta não perdeu nada que a vida lhe deu pela família: uma de dar inveja, tantas foram as gentes felizes e preciosas que se somaram para fazê-la uma – a – família. Ser Barboleta assim era um puro deleite.

Eliana Magrini Fochi
Escritora convidada

Barboleta¹!!!

Proprio così, Barboleta, la chiamava il Babbo. Una bambina vivace che era la pupilla degli occhi di quello la cui voce altisonante e la cui autorità il tempo e l'asma avevano domato. Ogni mattino la piccola città assisteva alla routine di una ragazzina magrolina e del suo bisnonno canuto, dagli occhi trasparenti di mari o cieli d'altri tempi. Andavano più o meno incantati (lei di certo) a consegnare gli ortaggi che lui ancora coltivava. Gli altri ormai vivevano in città, ma lui restava lì, nel podere che fece le storie di alcune generazioni.

Ancora oggi lei ha il ricordo vivido di quelle passeggiate sul carro delle verdure. Sono immagini nebulose ma vivissime in un posto lontano dagli occhi, impenetrabile e protetto. Un cuore che rivede o reinventa ognuno di quei mattini, che forse non sono neppure stati così belli come lo sono nella nostalgia. Un bisnonno, un nonno e le nonne di Barboleta riempiono la sua infanzia di accento e di un'eredità lontana di legami di sangue, canzonette, versi, madonne-mie... una collezione ancora vivissima nella sua bocca; e negli occhi, sempiterni, i visi-risi degli avi.

Barboleta non ha perduto nulla di ciò che la vita le ha donato attraverso la famiglia: una di quelle da far invidia, tante sono state le persone felici e preziose che si sono sommate per renderla unica – la sua famiglia. Essere Barboleta così era puro diletto.

Eliana Magrini Fochi
Escritora convidada

¹variante popolare e giocosa di *borboleta* (farfalla).

1. De todos os medos que possuímos

Andrea Maria Ribeiro de Carvalho Rodrigues

De todos os medos que possuímos, existem alguns que nos aterrorizam: morte, luto, violência, fome, sede, insegurança, medo do desconhecido, desespero.

Naqueles tempos de alegria inocente, a infância decente passou muito rápido. Sonhos de ventura.

Mas o tempo é irrecorrível e cada segundo fluía sem retorno.

Nas estradas poeirentas, cheias de pedras, flores, espinhos, cheiro de mato de frutas e perfumes das plantas, o céu que era sempre azul de sonhos poéticos, ficou cinza de pesadelos.

Caminhávamos sem parar, ao longe o barulho alucinante dos rumores da infeliz notícia, a guerra.

Meus pais gritavam desesperados: Andiamo! Andiamo!

Meus irmãos corriam na frente feito loucos desvairados, nossas trouxas de lembranças estavam pesadas, mas arrastávamos tudo com determinação, era o que se podia carregar nas costas, no peito, no coração, enquanto havia ainda pulmão pra correr.

Poeira doce poeira que ficou pra trás nas ondas do mar.

Deixamos nossa Itália querida, carregamos na lembrança, nas recordações.

Foi então que conheci o verdadeiro pavor: assistindo a angústia e a tristeza de meus pais, pelo luto.

Meus dois irmãos: o caçula Giuseppe e o mais velho dos meninos; Giuliano.

Foi um terrível acidente, não houve culpa, tragédia, duas crianças inocentes, uma arma, fogo, desgraça.

1. Fra tutte le paure che abbiamo

Andrea Maria Ribeiro de Carvalho Rodrigues

Fra tutte le paure che abbiamo, ce ne sono alcune che ci terrorizzano: morte, lutto, violenza, fame, sete, insicurezza, ignoto, disperazione.

Quell'epoca di allegria innocente, di infanzia spensierata passò troppo veloce. Sogni di ventura.

Ma il tempo è insindacabile e ogni secondo scorreva senza ritorno.

Sulle strade polverose, piene di pietre, fiori, spine, odore d'erba, di frutta e di piante profumate, il cielo che era sempre blu di illusioni poetiche, d'improvviso s'incupì di sogni spaventosi.

Camminavamo senza fermarci. Da lontano, il rumore allucinante di voci annunciavano l'infausta notizia, la guerra.

I miei genitori gridavano disperati: Andiamo via! Andiamo via!

I miei fratelli correvano avanti come impazziti. I nostri fardelli di ricordi erano pesanti, ma trascinavamo tutto con determinazione. Era tutto ciò che potevamo portare sulle spalle, in petto, nel cuore, finché avevamo fiato per correre.

Polvere, dolce polvere, rimasta dietro le onde del mare.

Lasciammo la nostra Italia amata, la portammo nella memoria, nei ricordi.

Fu allora che conobbi il vero terrore, vedendo l'angoscia e la tristezza dei miei genitori per il lutto.

I miei due fratelli: Giuseppe, il più giovane, e Giuliano, il maggiore dei maschi.

Fu un incidente terribile, non fu colpa di nessuno, un tragico evento: due bambini innocenti, un'arma, il colpo, la disgrazia.

Giuliano atirou pensando brincar com um objeto inocente, pobre criança, nada entendia, acertou a cabeça do pequenino Giuseppe, de apenas dois aninhos.

Desespero, gritos, sofrimento. Meu pai enlouquecido jogou a arma nas ondas.

De tardezinha, chovia torrencialmente, quando lançaram ao mar o corpo do pequenino Giuseppe.

E para completar a desgraça familiar, ao anoitecer, meu irmão Giuliano que havia atirado por engano, também se jogou ao mar.

Nossa viagem já estava difícil, racionamento de água, poucos suprimentos de alimentos, de higiene, de sol, de paz, de forças pra sobreviver.

Desânimo, era o quadro pintado na embarcação, com as tintas das noites escuras e frias do desalento, onde mesmo assim se podia olhar para o firmamento e enxergar estrelas a brilhar.

Passaram-se horas infinitamente desgastantes, dias de choro e lágrimas, semanas de soluções intermináveis.

Quando de repente, ouvimos um grito, tão forte e tão alto, tão carregado de energia vibrante que despertou imediatamente a vontade, o ânimo e a coragem de seguir vivendo:

Terra a vista! Terra a vista!

E o que se ouviu então a partir daí, eram os cânticos de alegria, de esperança, de coragem de todos os viajantes da agora embarcação do novo mundo, nova terra, colheitas frutíferas, a música, as palmas, os sorrisos contagiaram de tal maneira que meus sofridos pais despertaram da noite da morte para reviver na nova vida que chegaria em breve.

Até o sol voltou a brilhar, guardamos a água das chuvas e agora não haveria mais sede, na alvorada, nasce um novo dia.

Chega de tristeza, chega de chorar, a vida continua, tudo vai melhorar.

Todos cantando juntos a esperança da nossa nova terra, novo lar, o renascimento das cinzas.

Pintaríamos então novas cores de alegria no quadro azul do

Giuliano sparò credendo di giocare con un oggetto innocuo. Povera creatura, non capiva nulla, colpì alla testa il piccolo Giuseppe, che aveva solo due anni.

Disperazione, grida, sofferenza. Mio padre, impazzito, gettò la pistola tra le onde.

Pioveva a dirotto quando, nel tardo pomeriggio, lanciarono in mare il minuscolo corpo di Giuseppe.

E ad aggravare quella che già era una tragedia per la famiglia, all'imbrunire mio fratello Giuliano, quello che aveva sparato il colpo, si gettò in mare anche lui.

Fin dall'inizio il nostro era stato un viaggio difficile, l'acqua razionata, il cibo che scarseggiava, la mancanza di igiene, di sole, di pace e forze per sopravvivere.

Desolazione – era il quadro dipinto sulla nave con le tinte delle notti scure e fredde di sgomento, in cui però si poteva pure guardare il firmamento e vedere le stelle che brillavano.

Trascorremmo ore estenuanti, giorni di pianti e lacrime, settimane di singhiozzi interminabili.

Quando all'improvviso si udì un grido così forte, così carico d'energia vibrante, che risvegliò immediatamente la volontà, l'animo e il coraggio di vivere ancora:

Terra a vista! Terra a vista!

E ciò che si udì d'allora in poi furono canti di gioia, di speranza, di coraggio di tutti i viaggiatori di quella che era adesso la nave che portava al nuovo mondo, alla nuova terra, ai raccolti fruttuosi. La musica, gli applausi, i sorrisi erano così contagianti che anche i miei genitori sofferenti si risvegliarono dalla notte della morte per rivivere nella nuova vita che sarebbe presto arrivata.

Anche il sole tornò a splendere; mettemmo da parte l'acqua della pioggia, adesso non ci sarebbe stata più sete. Con l'alba nasce un nuovo giorno.

Basta con la tristezza, basta con il pianto, la vita continua, tutto andrà meglio.

Tutti cantavano insieme la speranza della nostra nuova terra, la nuova casa, la rinascita dalle ceneri.

céu, após a chuva, o arco-íris colorido de esperança de sorrisos que plantados nos espinhos dos matagais desbravados ressurgiriam nas estradas poeirentas, de flores coloridas e perfumadas, de pássaros deslumbrantes.

Meus pais gritavam esperançosos: Andiamo! Andiamo!

E todos nós corríamos em busca de nossa nova casa. Que céu azul, que encantos desta terra roxa, quantos grãos quanta fartura, água fresca, colheita, o que se ganhava num mês, dava pra viver um ano. De sol a sol, plantamos e também cantamos, dançamos e ensinamos nossas receitas, nossas experiências, nossa língua, nossa cultura e aprendemos muito, muitas festas alegres.

Foi tanto deslumbramento na terra Brasilis, meus pais tiveram mais dois filhos: Juliano e José.

Nossa família produziu e reproduziu sonhos, alegrias e mais famílias trabalhadoras, meus queridos pais ganharam genros, noras e netos brasilitálicos, a mistura deu frutos a cento por um.

De todas as alegrias que possuímos, existem algumas que nos encantam por toda uma existência:, a fé, a esperança, a colheita de bons frutos no bem que se faz e no trabalho, no esforço, na luta bendita de cada dia, a cada alvorecer.

Naqueles tempos de ventura pela maturidade decente quantos sonhos de felicidade, de contentamento, agora pareciam finalmente alcançáveis, realizáveis.

No entardecer da existência, o melhor da vida é a colheita no bem que se fez.

Todo esforço é recompensado.

O tempo não aceita recurso, não volta atrás, mas a cada novo segundo se pode fazer nova semeadura, e novas boas colheitas renascerão.

Avremmo dipinto coi nuovi colori della gioia il quadro blu del cielo dopo la pioggia, l'arcobaleno della speranza con sorrisi che, piantati sopra spine di boschi divelti, avrebbero riportato sulle strade polverose fiori colorati e profumati e uccelli sgargianti.

I miei genitori gridavano speranzosi: Andiamo! Andiamo!

E tutti noi corremmo in cerca della nostra nuova casa. Che cielo azzurro, quante bellezze su questa terra rossa, quanto grano, quanta abbondanza, acqua fresca! Il raccolto di un mese ci dava di che vivere per un intero anno. Dall'alba al tramonto, seminavamo e cantavamo, danzavamo e tramandavamo agli altri le nostre ricette, le nostre esperienze, la nostra lingua, la nostra cultura. E imparavamo molto. Sempre in allegria.

Il fascino della terra brasilis era immenso. I miei genitori diedero al mondo altri due figli: Juliano e José.

La nostra famiglia produsse e si riprodusse in sogni, gioie e altre famiglie di lavoratori. I miei cari genitori guadagnarono generi, nuore e nipoti italo-brasiliani. La mescolanza diede frutti in abbondanza.

Fra tutte le gioie che abbiamo, ce ne sono alcune che ci incantano per tutta l'esistenza: la fede, la speranza, la raccolta di frutti buoni dal bene che facciamo e dal lavoro, dallo sforzo, dalla lotta benedetta che ricominciamo ogni giorno al sorgere del sole.

A quei tempi di ventura di un'età ormai matura e soddisfatta, quanti sogni di felicità, di contentezza, sembravano adesso finalmente raggiungibili, realizzabili.

Quando la vita volge al tramonto, il meglio che possiamo riceverne è il frutto del bene che abbiamo fatto.

Ogni sforzo viene ricompensato.

Il tempo non accetta ricorsi, non torna indietro, ma a ogni nuovo secondo si può fare una nuova semina, e nuovi buoni raccolti verranno.

2. A chegada de Conchettina

Angélica Royo

Angelina não sabia o que iria encontrar nesta terra tão distante. O desconhecido quase sempre apavora. Preparou uma cesta com tomates, batatas e cebolas cozidas, ricota defumada e ficazza, uma espécie de pão. Comida típica de sua terra, Polignano a Mare. Pensou nas crianças. “Vão ter o que comer na viagem”.

Já próximos ao porto de Santos, uma confusão. Galinhas e galos a bordo, e entre eles Conchettina, a galinha das crianças, bicho de estimação.

Ela botou muitos ovos durante a viagem, para alimentar a família. Angelina tentou escondê-la, pediu às crianças certa discrição, sabia o valor dessa galinha; ela já fazia parte da família.

Na alfândega, Conchettina fez o maior sucesso. Nunca tinham visto uma galinha com tamanha desenvoltura e plumagem. Seu cacarejar era um encanto, além da desenvoltura e postura. Ela parecia que sabia quando estava sendo observada.

Tal qual a chegada da primeira galinha de Pero Vaz de Caminha, não lhe quiseram por a mão.

Tentaram impedir a entrada de Conchettina junto com a família. O chefe da alfândega insistiu: “Só entra com o certificado de propriedade. Onde estão os documentos do bicho?”.

Tentaram se comunicar, mas não falavam português. Gesticulavam muito. “Paciência” disse o marido. Angelina não se convenceu. Tentou desenrolar a língua. O que poderia querer dizer aquela mulher. Falava e gesticulava muito, parecia que iria bater em alguém.

2. L'arrivo di Conchettina

Angélica Royo

Angelina non sapeva cosa avrebbe incontrato in questa terra così distante. L'ignoto quasi sempre ci spaventa. Preparò una cesta con pomodori, patate e cipolle cotte, ricotta affumicata e ficazza. Cibi tipici del suo paese, Polignano a Mare. Pensò ai bambini. “Avranno qualcosa da mangiare durante il viaggio”.

Quando erano già vicini vicino al porto di Santos, ecco il finimondo. A bordo galli e galline, tra cui la gallina Conchettina, animale da compagnia dei bambini.

Durante il viaggio aveva deposto un sacco di uova per sfamare la famiglia. Angelina aveva provato a nasconderla e aveva chiesto ai ragazzi un po' di discrezione. Sapeva quanto contasse per loro quella gallina; faceva ormai parte della famiglia.

Alla dogana, Conchettina riscosse grande successo. Non si era mai vista una gallina così disinvolta e con un piumaggio simile, il suo chiocciare incantava tutti, per non parlare del portamento particolare. Era come se sapesse di essere osservata.

Proprio come nel racconto di Pero Vaz de Caminha sull'arrivo della prima gallina in Brasile, nessuno osò sfiorarla.

Cercarono di impedire l'ingresso di Conchettina insieme alla famiglia. Il capo della dogana insistette: “Entra solo se accompagnata dal certificato di proprietà. Dove sono i documenti della bestia?”

Cercavano di comprendersi ma la famiglia non parlava il portoghese. Gesticolavano molto. “Pazienza”, disse il marito. Angelina non si convinse. Provò a sciogliere la lingua. Che diamine voleva dire quella donna? Parlava e gesticolava molto,

Alan, colega da repartição, vendo toda a confusão disse: “Posso traduzir, se você quiser.”

Vinha de uma família inglesa das Guianas. Seu pai falava dialeto em casa. Gabava-se de falar outra língua, dizia ser bilíngue. Na verdade, queria só o reconhecimento do chefe da secção. Lia muito e as histórias que lia as tomava como sendo histórias de sua família. Tinha muita imaginação.

“Pois bem, deixe que eu resolvo o caso.”

Não falava italiano, mas sabia que italianos sempre foram bons na culinária e assim, gesticulando, ora mostrando a galinha, ora as crianças, ora as mãos de dona Angelina, chegou ao veredito. “A italiana está disposta a ensinar seu molho de tomates com almôndegas, massa de macarrão e outras receitas que só eles sabem fazer. A condição é liberar a galinha. A senhora está me dizendo que a galinha sente se houver maus tratos e se você não liberar a galinha ela pode parar de chocar e acabou-se o que era doce. Poderá morrer aqui mesmo e quem vai aguentar a dona?”

O chefe lambia os lábios e já sentia o cheiro dos quitutes italianos.

Enquanto isso Conchettina cacarejava, ia de um lado para outro brincando com as crianças.

Todos muito cansados, a família, o chefe, Alan e Conchettina.

“Muito bem, diga à italiana que aceito a proposta.”

Angelina recebeu um sorriso gentil, retribuiu com outro. Entregaram-lhe um pedaço de papel com a autorização de permanência e endereço de estadia em São Paulo: Rua do Gasômetro nº1.

Cumprimentou a todos, fez fila indiana com os filhos, Conchettina nos braços e saiu feliz para conquistarem o Brasil.

sembrava che stesse per picchiare qualcuno.

Alan, un altro funzionario della dogana, vedendo tutto quel pasticcio disse: “Posso tradurre io, se volete.”

Veniva da una famiglia inglese dalla Guiana. Suo padre parlava dialetto in casa. Si vantava di parlare un'altra lingua, diceva di essere bilingue. In realtà, voleva soltanto farsi lodare dal caporeparto. Leggeva molto e considerava le storie lette come se fossero state vicende della sua famiglia. Aveva molta immaginazione.

“Suvvia, ci penso io.”

Non parlava l'italiano, ma sapeva che gli italiani erano sempre stati bravi in cucina e così, gesticolando, ora indicando la gallina, ora i bambini, ora le mani di Angelina, raggiunse il verdetto. “L'italiana è disposta a insegnarci a fare la sua salsa di pomodoro con le polpette, la pasta e altre ricette che solo loro sanno fare. La condizione è quella di liberare la gallina. Secondo lei la gallina ne risente se la maltrattano e, se non la liberate, può smettere di fare le uova e allora saranno guai seri. Potrebbe morire davanti ai nostri occhi e a quel punto chi la sopporterebbe più questa donna?”

Il capo si leccava i baffi e assaporava già il profumo delle prelibatezze italiane.

Nel frattempo Conchettina schiamazzava e correva da una parte all'altra giocando con i bambini.

Erano tutti stanchissimi, la famiglia, il capo, Alan e Conchettina.

“Va bene, di' all'italiana che accetto la proposta.”

Angelina ricevette un sorriso gentile che ricambiò con altrettanta gentilezza. Le consegnarono un foglio di carta con il permesso di soggiorno e l'indirizzo di residenza a San Paolo: Rua do Gasômetro, nº 1.

Salutò tutti, si mise in fila indiana con i figli e tenendo Conchettina tra le braccia partì felice alla conquista del Brasile.

3. Amália

Aparecida de Lourdes Micossi Perez

Vivia em Levico Terme, no Trento, Norte da Itália. O lago di Levico ficava entre a sua moradia e a de sua irmã Luiza. A crise, a fome e a falta de perspectivas, as cartas dos que aqui aportaram antes dizendo que na América se puxava o ouro com o rastelo, que se fazia cerca com linguiça tamanha a fartura existente fizeram com que Plácido, seu marido, emigrasse para o Brasil. Como ficar lá sofrendo, passando necessidade, quando havia aqui um mundo a descobrir e se fartar? Mas, e deixar a irmã a quem tanto amava? Tanto pensou, refletiu, precisava partir: viria com os filhos juntar-se ao marido. A irmã preferiu ficar por lá. Foi dolorido para ambas, choraram, sofreram.

No navio onde embarcara cheia de esperanças testemunhou a fome, a falta de higiene, a febre, e a pior de todas as doenças que pode haver num navio: a peste. Viu horrorizada pessoas mortas serem jogadas ao mar pela impossibilidade de um sepultamento. Jamais soubera disso antes. Em dado momento um de seus filhos adoeceu, febre intensa. Nesse instante fez uma prece a Deus: se necessário, aceitaria perder todos os filhos quando piassem em terra firme, mas não queria um, que fosse, servindo de alimento aos peixes. E assim se fez: desembarcou nos idos de 1889 em companhia de uma tia e quatro filhos. Mal chegaram a Santos os filhos adoeceram e morreram. Amália, arrasada, tomou o trem que a levaria à Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo, onde seria encaminhada à pequena cidade em que passaria a viver e a refazer sua família. Mas a saudade de Luiza a fazia sofrer.

3. Amalia

Aparecida de Lourdes Micossi Perez

Viveva a Levico Terme, in provincia di Trento, nord Italia. Il Lago di Levico era fra la sua residenza e quella di sua sorella Luiza. La crisi, la fame, la mancanza di prospettive e le lettere di quelli che ci erano sbarcati prima, dicendo che in America l'abbondanza era tale che si raccoglieva l'oro col rastrello e si costruivano i recinti con le salicce, fecero sì che Placido, suo marito, decidesse di emigrare in Brasile. Come sarebbe potuta restare lì, a soffrire, a vivere nell'indigenza quando c'era qui un mondo da scoprire e sfruttare a sazietà? Sarebbe riuscita, tuttavia, a lasciare la sorella che tanto amava? Ci pensò su a lungo, rifletté, bisognava andare: sarebbe partita con i figli per raggiungere il marito. La sorella preferì restare. Fu doloroso per entrambe, piansero, soffrirono.

Sulla nave su cui si era imbarcata piena di speranze, si ritrovò davanti a fame, mancanza d'igiene, febbre e alla peggiore fra tutte le malattie che possono affliggere una nave: la peste. Vide con orrore persone morte gettate in mare per l'impossibilità di una sepoltura. Non aveva mai sentito parlare di queste cose. A un certo punto uno dei suoi figli cadde malato, con una febbre altissima. Lei pregò Dio: se necessario, avrebbe accettato di perdere tutti i figli quando avessero pestato terraferma, ma non voleva che nemmeno uno di loro servisse di cibo ai pesci. E fu proprio così che andò: sbarcò nel 1889 accompagnata da una zia e quattro figli. Appena arrivati a Santos, i figli si ammalarono e morirono. Amalia, distrutta, prese il treno per andare all'Albergo degli Immigrati a San Paolo, da dove l'avrebbero mandata

Plácido, que havia chegado antes, a esperava e aos filhos, cuja perda muito o entristeceu. Mas já estava decidido: a mudança se fizera e a vida aqui cobrava muito dos imigrantes. Ele tinha um caráter e uma força incomuns. Sabia muito bem conter as emoções. O trabalho não o assustava. Dedicou-se à lavoura e logo foi chamado para ser o administrador da fazenda, tal a sua capacidade. Falava francês, alemão e italiano. Tocava o violino, sua paixão e fumava cachimbo, um cachimbo de porcelana branca finamente pintado com um delicado cervo, presa fácil naquelas terras do norte da Itália.

Levavam sua vida na Fazenda e logo tiveram outros filhos que cresceram e se casaram, continuando a história da família. Os netos passaram a ser criados pelos avós, Plácido e Amália, enquanto os pais iam para a roça. Trabalharam e derramaram o suor na fazenda, suor esse que fertilizou a terra produzindo de tudo: café, feijão, frutas, verduras.... Ali tudo colhiam com a permissão dos patrões que lhes deixavam cultivar uma parte da terra após o horário de trabalho. Criavam também galinhas e porcos. Dizia minha mãe, neta deles, que quando os netos pediam linguíça (era feita em casa, ficava num varal de arame sobre o fogão a lenha, passando por defumação e se transformava em salame) e o avô se preparava para cortar, marcando com a faca um pedaço de uns seis centímetros no gomo da linguíça, vinha Amália dizendo que era muito grande. Plácido, para provocá-la, em tom de brincadeira cortava um pedaço maior ainda e servia às crianças.

Era de minha mãe a tarefa de limpar o velho cachimbo de porcelana decorado com o cervo, tarefa que ela realizava com o maior carinho para o avô. Enquanto o limpava, olhando o cervo, ficava a sonhar com as caçadas que seu avô herói realizara nos tempos em que vivera na Itália.

Filhos e netos com o tempo foram se mudando, buscando novos horizontes, permanecendo apenas uns poucos deles junto ao casal ancião. Plácido morreu e Amália aos 93 anos começou a confundir os fatos. Com sua mente já cansada ia para a beira

alla volta del piccolo paese in cui avrebbe vissuto e ricostruito la sua famiglia. Ma soffriva per la mancanza di Luiza.

Placido, che era arrivato prima, aspettava lei e i figli, la cui perdita lo rattristò profondamente. Ma non si poteva più tornare indietro: tutto era cambiato e la vita qui esigeva molto dagli immigrati. Lui aveva un carattere e una forza eccezionali. Sapeva benissimo come contenere le emozioni. Il lavoro non lo spaventava. Si dedicò all'agricoltura e grazie alle sue capacità presto fu invitato a far da amministratore della fattoria. Parlava il francese, il tedesco e l'italiano. Suonava il violino, la sua passione, e fumava la pipa, una pipa di porcellana bianca finemente dipinta con un delicato cervo, preda facile nelle terre del nord Italia.

La vita nella fattoria andava avanti e presto ebbero altri figli, che crebbero e si sposarono, continuando la storia della famiglia. I nipoti cominciarono a essere allevati dai nonni, Placido e Amalia, mentre i genitori lavoravano nei campi. Lavorarono e versarono il loro sudore nella fattoria, sudore che fecondò la terra per produrre ogni cosa: caffè, fagioli, frutti, ortaggi... Raccolgevano tutto con il permesso dei padroni, che li lasciavano coltivare una parte della terra dopo l'orario di lavoro. Allevavano inoltre polli e maiali. Raccontava mia madre, loro nipote, che quando lei e i suoi fratelli chiedevano della salsiccia (che era fatta a casa e pendeva da un filo sulla cucina a legna, per affumicarsi e diventare salame), e il nonno si accingeva a tagliarla, segnando con il coltello un pezzo di circa sei centimetri, Amalia reclamava che era troppo grande. Placido, per farle dispetto, scherzosamente tagliava un pezzo ancora più grande e lo serviva ai bambini.

Toccava a mia madre il compito di ripulire la vecchia pipa di porcellana con il cervo, compito che svolgeva con il più grande affetto per il nonno. Mentre la puliva, guardando il cervo, sognava le battute di caccia che il nonno, suo eroe, faceva ai tempi in cui aveva vissuto in Italia.

Figli e nipoti con il tempo si spostarono alla ricerca di nuovi orizzonti e soltanto alcuni restarono accanto alla coppia di an-

do lago da fazenda com o avental repleto de frutas e verduras e, julgando estar ainda na Itália junto ao Lago di Levico, dizia que iria levar para a Gigia – Luiza, a irmã que ficara na terra natal e de quem nunca mais soube notícias. E assim fez até que chegou seu momento de partir deste mundo.

Hoje aqui, visitando a pequena Descalvado onde seus antepassados fincaram raízes, há uma bisneta nostálgica que foi a Levico buscar suas origens e por um capricho do destino, os parentes estavam viajando de férias. Caminhou pelas vielas, perscrutou entre as janelas, se emocionou ao passar em todos os lugares que imaginou terem sido pisados por seus bisavós. Imaginou-os ali vivendo, a fome e a falta de trabalho, o frio causado pela neve que se perpetua nas montanhas ao redor. Entrou na Igreja, onde as preces a reconfortaram. Sentiu o corpo envolto por um calor... Não se conteve: deixou rolar as lágrimas, essas que ainda agora molham seu rosto e alimentam esse amor incrível pelos que não conheceu, mas que lhe deram pais amorosos e honrados, orgulho para a família. Sabe que onde estiverem, estarão recebendo sua gratidão pela família que com tanto amor constituíram.

ziani. Placido morì e Amalia, a 93 anni, cominciò a confondere i fatti. Con la mente già stanca, andava in riva al lago della fattoria con il grembiule pieno di frutta e ortaggi e, credendo di essere ancora in Italia presso il lago di Levico, diceva che sarebbe andata a portarli a Gigia — Luiza, la sorella rimasta nella terra natale e di cui non ebbe mai notizie. E così andò avanti finché arrivò anche per lei il momento di partire da questo mondo.

Oggi, qui, in visita nella piccola Descalvado, dove i suoi antenati misero radici, c'è una pronipote nostalgica che un giorno si è recata a Levico alla ricerca delle sue origini ma quando è arrivata, per uno scherzo del destino, i suoi parenti erano partiti per le vacanze. Ha camminato per i vicoli, scrutato oltre le finestre, si è emozionata a ripercorrere tutti quei posti in cui forse un giorno avevano camminato i suoi bisnonni. Li ha immaginati a vivere lì, nella fame e nella disoccupazione, col freddo della neve che si perpetua sulle montagne circostanti. È entrata nella chiesa, dove le preghiere l'hanno confortata. Ha sentito il corpo avvolto da un calore... Non è riuscita a trattenersi: ha lasciato scendere le lacrime, queste che ancora adesso le bagnano il viso e nutrono quest'amore incredibile per quelli che non ha conosciuto, ma che le diedero genitori amorevoli e onorati, orgoglio per la famiglia. Sa che, ovunque siano, sentiranno la sua gratitudine per la famiglia che hanno formato con tanto amore.

4. O encanto escondido de uma italiana desconhecida

Beth Silberstein

A intensa imigração italiana no Brasil teve como ápice o período entre 1880 e 1930, quando quase 4 milhões de italianos deixaram sua pátria, impulsionados por uma economia debilitada, altas taxas de crescimento demográfico, desemprego, fome, miséria, que, assolavam não só a Itália, mas toda a Europa.

Após o tráfico de escravos ser abolido no Brasil (1850), o governo brasileiro passou a estimular a imigração europeia como tentativa de substituição à mão de obra escrava, além da necessidade de colonizar terras no sul do país. Agentes de imigração foram espalhados por toda Itália, panfletando as maravilhas do Brasil, país de clima tropical, repleto de riquezas minerais, muita fartura, oportunidades, perspectivas de vida e trabalho.

O sonho de paz e prosperidade italiano, substituído pela dura realidade de batalhões de desempregados e camponeses sem terras, que não tinham como sustentar sua família, motivaram muitos homens a deixar para trás seu lar, baixos salários, liderando a corrente de migração à procura de emprego imediato para ganhar dinheiro, melhorar a economia familiar e, um dia, retornar à Itália. O atrativo Novo Mundo parecia oferecer essas vantagens.

Esposas e mães em geral ficaram para trás, administrando os problemas domésticos e econômicos.

Não foi diferente com esta família: Vicente Lattaro decidiu emigrar para o Brasil. Deixou na comuna de Montemurro, sul

4. Il fascino nascosto di una sconosciuta italiana

Beth Silberstein

L'intensa immigrazione italiana in Brasile ebbe il suo apice nel periodo tra 1880 e 1930, quando quasi 4 milioni d'italiani lasciarono la loro patria, spinti da un'economia indebolita, alti tassi di crescita della popolazione, disoccupazione, fame e miseria che affliggevano non solo l'Italia ma tutta l'Europa.

Dopo l'abolizione della tratta degli schiavi in Brasile nel 1850, il governo brasiliano cominciò a stimolare l'immigrazione europea come tentativo di sostituire il lavoro schiavo, oltre che per la necessità di colonizzare le terre al sud del paese. Agenti di emigrazione furono inviati in tutta Italia a pubblicizzare le meraviglie del Brasile, paese dal clima tropicale, pieno di ricchezze minerali, di abbondanza, opportunità, prospettive di vita e di lavoro.

Il sogno italiano di pace e prosperità, sostituito dalla dura realtà di eserciti di disoccupati e contadini senza terra, che non avevano il necessario per mantenere la famiglia, motivò molti uomini a lasciare la casa e i miseri stipendi. La corrente migratoria si muoveva alla ricerca di occupazione immediata per guadagnare soldi, migliorare la situazione economica della famiglia e, un giorno, tornare in Italia. L'attraente Nuovo Mondo pareva offrire questi vantaggi.

Mogli e madri furono lasciate in patria a gestire i problemi domestici ed economici.

Le cose non furono diverse per questa famiglia: Vicente Latta-

da Itália, a jovem esposa, Maria Ventura, com uma filhinha.

O destino inicial foi o campo e trabalho agrícola. Entretanto, as condições de trabalho eram péssimas. Assim que conseguiu juntar dinheiro suficiente, Vicente estabeleceu-se na pequena cidade de Monte Santo de Minas (MG), como padeiro. Logo mandou dinheiro para buscar esposa e filha.

A jovem italiana, destemida como tantas outras conterrâneas, alimentada pela promessa de desenvolvimento e progresso, enfrentou seu primeiro desafio nessa incrível jornada: chegar até o porto de embarque - Nápoles - a pé, com a filhinha de três anos.

Cruzar o Atlântico foi horrível; na época, esse percurso chegava a demorar em torno de 30 dias. Maria e Amelinha passaram esse tempo todo mal acomodadas no porão superlotado do navio. As condições eram precárias, a comida muito ruim (não eram raros os envenenamentos por comida estragada), não havia assistência médica e muitos acabavam morrendo ainda na travessia, sendo seus corpos jogados ao mar.

As duas aportaram galhardamente no Rio de Janeiro, encontrando uma terra hospitaleira, mas um tanto distante do “sonho” prometido. Registraram-se na Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores e seguiram de trem até Petrópolis. De lá, foram para Juiz de Fora, onde ficaram alojadas na Hospedaria Horta Barbosa, a maior do estado de Minas Gerais, que funcionava como ponto de acolhida dos imigrantes. Parada obrigatória da “quarentena”, período que os imigrantes tinham para se organizar e se submeter aos controles de saúde, confinados a acomodações de qualidade terrível, onde a sujeira e falta de higiene imperavam.

Finalmente... chegaram ao seu destino e a família conseguiu se reunir.

Não só a língua, o clima, a alimentação e os costumes irromperam contra as expectativas da determinada Maria, que teve que se adaptar a uma nova situação econômica e social - sem parentes ou amigos - coisa que fez com flexibilidade, unindo as tarefas básicas de criar os filhos (sete), cuidar da família e ajudar o marido na lida diária de fazer pães.

ro decise di emigrare in Brasile. Lasciò nel comune di Montemurro, nel sud Italia, la giovane sposa, Maria Ventura, e una figliola.

La prima destinazione fu la campagna. Le condizioni di lavoro erano pessime. Non appena riuscì a mettere insieme i soldi sufficienti, Vicente si stabilì nel paesino di Monte Santo de Minas, nello stato di Minas Gerais, lavorando come panettiere. Presto poté inviare dei soldi per far venire la sposa e la figlia.

La giovane italiana, coraggiosa come tante altre sue conterranee, alimentata dalla promessa di sviluppo e progresso, affrontò la prima sfida nell'incredibile viaggio: camminare fino al porto d'imbarco — Napoli — con la figlia di tre anni.

Attraversare l'Atlantico fu terribile; a quel tempo, il viaggio durava circa trenta giorni. Maria e Amelina trascorsero tutto questo tempo stipate nella stiva sovraffollata della nave. Le condizioni erano precarie, il cibo cattivo (non erano rare le intossicazioni da cibo avariato), non c'era assistenza medica e molti morivano durante la traversata, i loro corpi gettati in mare.

Sbarcarono audacemente a Rio de Janeiro, trovandoci una terra ospitale, ma un po' distante dal “sogno” promesso. Si registrarono all'Albergo degli Immigrati di Ilha das Flores e si recarono in treno a Petrópolis. Da lì andarono a Juiz de Fora, dove presero alloggio all'Hospedaria Horta Barbosa, il più grande albergo dello stato di Minas Gerais, che funzionava come luogo di accoglienza degli immigrati. Tappa obbligata della “quarentena”, periodo che gli immigrati avevano per organizzarsi e sottomettersi ai controlli sanitari, isolati in alloggi di pessima qualità, dove imperava la sporcizia e la mancanza d'igiene.

Finalmente... arrivarono al loro destino e la famiglia poté riunirsi.

Non solo la lingua, ma anche il clima, il cibo e i costumi infrangevano i sogni della risoluta Maria, che dovette adattarsi a una nuova situazione economica e sociale, senza parenti o amici. Lo fece con flessibilità, combinando i compiti basilari di allevare i figli (sette), prendersi cura della famiglia e aiutare il marito nel lavoro quotidiano di fare il pane.

Não a conheci, mas sei que Nonna Maria foi uma pessoa meiga, com muitos encantos, extremamente forte. Não é difícil de imaginar que o sucesso de sua adaptação foi crucial para toda a família, por quem deve ter feito enormes sacrifícios. Certamente, deu sua cota de contribuição para nossa sociedade e até para a economia do país.

Os italianos que vieram viver no Brasil, aqui construindo suas vidas, influenciaram na formação dessa nação em diversos aspectos. Trouxeram na bagagem inúmeras contribuições, que foram incorporadas à cultura brasileira, presentes até os dias de hoje.

Muitas palavras italianas foram, com o tempo, fazendo parte do vocabulário português do Brasil, como o uso do “tchau” em todo o Brasil, novas palavras (paúra, polenta, etc.). No campo da culinária, esta influência foi marcante, principalmente, nas massas (espaguete, nhoque, canelone, ravióli, etc.), molhos, pizzas, a popular polenta frita e o hábito de comer panetone no Natal.

Os ítalo-brasileiros são considerados a maior população de oriundi (descendentes de italianos) fora da Itália.

E eu tenho o maior orgulho de ter tido uma Nonna que, no século XIX, enfrentou uma série de empecilhos, cruzou um oceano para chegar aos confins de uma terra desconhecida, na qual criou raízes profundas, gerando muitos frutos, entre eles, eu!

Ciao, Nonna Maria!

Non l’ho conosciuta, ma so che Nonna Maria fu una persona dolce, con tante doti, ed estremamente forte. Non è difficile immaginare che il successo del suo adattamento sia stato fondamentale per tutta la famiglia, per la quale deve aver fatto degli enormi sacrifici. Certamente diede il suo contributo alla nostra società e anche all’economia del paese.

Gli italiani che vennero a vivere in Brasile, costruendoci le loro vite, influenzarono la formazione di questa nazione in più aspetti. Portarono con loro il bagaglio delle proprie conoscenze che si incorporarono alla cultura brasiliana, di cui sono parte integrante ancora oggi.

Molte parole italiane, nel corso del tempo, sono entrate a far parte del vocabolario del portoghese brasiliano, come l’uso in tutto il Brasile di tchau, adattamento di “ciao”, e nuove parole introdotte nella lingua, come paúra, polenta, ecc. Nella cucina questa influenza è stata notevole, soprattutto con le paste (spaghetti, gnocchi, cannelloni, ravioli, ecc.), salse, pizze, la popolare polenta frita e l’abitudine di mangiare il panettone a Natale.

Gli italo-brasiliani sono considerati la più grande popolazione di oriundi (discendenti di italiani) fuori d’Italia.

Ed io sono fierissima di aver avuto una Nonna¹ che, nel XIX secolo, affrontò una serie di ostacoli e attraversò l’oceano per arrivare ai confini di una terra sconosciuta, nella quale mise radici profonde e produsse tanti frutti, tra cui oggi ci sono io!

Ciao, Nonna Maria!¹

¹In italiano nell’originale.

5. Esperança e futuro

Carmem Teresa do Nascimento Elias

A névoa cobria o alto da serra gaúcha. Avistava-se apenas o cume verde de alguns pinheiros acima da brancura. Em minutos chegaríamos às terras da família. Em cenas assim, tem-se a sensação da existência de mundos dentro do mundo, e de viagens além das ascendências e descendências da própria estrada.

Chegamos com o dissolver da neblina. As videiras, agora visíveis, como ondas verdes e verdes ondas de um ‘outro mar’, cruzavam o caminho da beira da estrada até a casa. Éramos crianças e voltávamos da capital para as férias, que coincidiam com a colheita e o preparo do vinho. As férias eram nosso advento: um Natal que se seguia de outro natal. Em dezembro os cachos brotavam e as parreiras eram nossas árvores natalinas, sob as quais corríamos entre os aramados, entre bolinhas verdes que cresciam diariamente. Nossa infância era como pequenos pássaros entre o frescor e o maturar das uvas. Até fevereiro, quando a família toda se reunia em colheita, no pisotear das uvas vermelhas, no separar do mosto, no amadurecimento do vinho, éramos a esperança de Nonna. Sentávamos à mesa e molhava-se o pão no mosto doce e falava-se de Itália e de Brasil.

Àquele período verde e vermelho de nossas vidas, com ou sem neblina branca, àquele período que coincidia com a mudança de ano, a Nonna dava o nome de Esperança, e aquele era o período em que, diziam, ela sorria o tempo inteiro. Às vezes ouvíamos comentários de que a Nonna se entristecia quando retornávamos à cidade e não mais cantava até nosso retorno.

Naquele ano, eu, dois irmãos e cinco primos dedicamo-nos

5. Speranza e futuro

Carmem Teresa do Nascimento Elias

La nebbia copriva la Serra Gaúcha. Si avvistava soltanto la cima di alcuni pini sopra il biancore. Entro pochi minuti saremmo arrivati alle terre della famiglia. In situazioni come questa, si ha la sensazione dell’esistenza di mondi dentro il mondo, e di altri viaggi dietro alle salite e le discese della strada.

Arrivammo con lo sciogliersi della nebbia. Le vigne, ora visibili, come onde verdi e verdi onde di un “altro mare”, attraversavano il cammino fra la strada e la casa. Eravamo bambini e venivamo dalla capitale per le vacanze, che coincidevano con la vendemmia e la preparazione del vino. Le vacanze erano un avvenimento per noi: un Natale seguito da un altro natale. A dicembre i grappoli d’uva spuntavano e le viti erano i nostri alberi natalizi, sotto i quali correavamo fra i tralci, fra le palline verdi che crescevano ogni giorno. Nella nostra infanzia, eravamo come piccoli uccelli fra la freschezza e la maturazione delle uve. Fino a febbraio, quando tutta la famiglia si riuniva nella vendemmia, nella pestatura delle uve rosse, nella separazione del mosto, nella maturazione del vino, eravamo la speranza di Nonna. Ci sedevamo a tavola a bagnare il pane nel mosto dolce e si parlava dell’Italia e del Brasile.

A quel periodo verde e rosso delle nostre vite, con o senza la nebbia bianca, a quel periodo che coincideva con l’arrivo di un nuovo anno, la Nonna dava il nome di Speranza, e quello era il periodo in cui, dicevano, lei sorrideva tutto il tempo. A volte sentivamo commentare che la Nonna si rattristava quando tornavamo in città e non cantava più finché non tornavamo.

aos mistérios do porão de pedra da casa de pedra. Foi lá, que em busca de passagens mágicas para outros mundos, Pedro encontrou uma fenda e depois de muito empurrarmos e puxarmos as pedras, duas se soltaram da solidez e revelaram uma pequena caixa metálica guardada no recinto oco da parede. Éramos oito crianças, os netos da Nonna, e diante do mistério, de um outro mundo dentro do mundo, abrimos a caixa.

Algumas recordações de vovô, alguns pertences e uma carta de Nonna, endereçada ao futuro... Lia-se:

“Dia algum do futuro,

Sáimos de Veneto a pé. Andamos dias inteiros. Dormíamos famintos, embrulhados em cobertores. Assim chegamos a Genova. Uma dor delicada se instalava em meu ventre, e eu não dizia nada. Escondia. Subi ao navio agarrada a Salvatore sob a neblina espessa dos vapores. Salvatore e eu conseguimos embarcar! Não havia aposentos na embarcação. Éramos cerca de duzentos alojados num grande salão na parte baixa do navio. Duzentas camas enfileiradas e, por semanas, era tudo que tínhamos para chamar de lar, enquanto eu apertava os dedos contra o ventre para parar uma dor com outra dor. Por fim avisaram que em três dias alcançaríamos terra nova. Porém, não consegui esperar... A dor crescia a cada hora, mais amadurecida, e a colheita foi inevitável: um parto sem assistência sob cochichos reprovadores no mais abafado cômodo de um navio. Se não morri, não sei explicar a razão. Lembro-me apenas de Salvatore, em prantos, a me trazer aos braços uma menina. Nascera mais arroxeadada que uvas passadas, mas respirava. Speranza, nomeamos a menina. Fora posta em meus braços, amamentada e desembarcada conosco. Sofrera pouca oxigenação no parto e eu não sabia o que isso significava.

Com ajuda dos tios de Salvatore que chegaram décadas antes ao Brasil, fomos ao sul do país, onde tios já experimentavam com uvas e poderiam nos receber no ainda pequeno núcleo. Fomos auxiliados na construção da casa: sólida, definitiva, pedra

Quell’anno, io, due fratelli e cinque cugini ci dedicammo ai misteri dello scantinato della casa di pietra. È stato lì, in cerca di passaggi magici verso altri mondi, che Pedro trovò una crepa e, dopo molto spingere e tirare le pietre, due si staccarono da quella compattezza e rivelarono una piccola scatola di metallo nascosta nella cavità della parete. Eravamo otto bambini, i nipoti di Nonna, e davanti al mistero, a un altro mondo dentro il mondo, aprimmo la scatola.

Alcuni ricordi del nonno, alcuni oggetti personali e una lettera di Nonna, indirizzata al futuro... Si leggeva:

“Giorno qualunque del futuro,

Abbiamo lasciato il Veneto a piedi. Abbiamo camminato per interi giorni. Abbiamo dormito affamati, avvolti in coperte. Così siamo arrivati a Genova. Un dolore delicato s’installava nel mio ventre, e non dicevo nulla. Lo nascondevo. Sono salita sulla nave afferrata a Salvatore sotto la nebbia fitta dei vapori. Salvatore e io siamo riusciti a imbarcarci! Non c’erano camere a bordo della nave. Eravamo circa duecento alloggiati in una grande sala nella parte inferiore della nave. Duecento letti allineati e, per settimane, quello era tutto che avevamo da chiamare casa, mentre premevo le dita contro il ventre per fermare un dolore con altro dolore. Infine ci hanno informato che di lì a tre giorni avremmo raggiunto la terra nuova. Però non ho potuto aspettare... Il dolore cresceva ogni ora, più maturo, e l’ora del raccolto era giunta: un parto senza assistenza, sotto bisbigli di riprovazione, nella stanza più soffocante della nave. Il perché non sono morta, non lo so nemmeno io. Mi ricordo soltanto di Salvatore, in lacrime, mentre mi posava sul grembo una bambina. Era nata più violacea delle uve mature, ma respirava. Speranza, l’abbiamo chiamata. È stata messa tra le mie braccia, prendeva il mio latte, e alla fine è sbarcata con noi. Aveva sofferto di mancanza di ossigeno durante il parto e non sapevo cosa questo volesse dire.

Con l’aiuto degli zii di Salvatore, che erano arrivati in Brasile decenni prima, siamo andati nel sud del paese, dove sperimen-

sobre pedra. Aqui encontrei amparo. Não mais faltou alimento. Construimos a casa, a sementeira, as pipas de madeira... Salvatore se empolgava a cada novo verão com a vindima.

Speranza não andava. Speranza não falava. Não se alimentava sozinha. Viveu oito anos. Speranza se foi quando as uvas verdes começaram a brotar em pequenos imaturos cachos, ainda. O verde era um elo de união entre bandeiras e quando as uvas maduravam vermelhas em cachos encorpados, dois meses mais tarde, engravidei novamente. Tínhamos casa, alimento, trabalho, terras e vinho. Veio o vinho. Vieram os filhos brasileiros, nascidos em terras novas, porém nossas. Salvatore e eu conversamos muito e decidimos esconder que um dia houvera uma Speranza e que ela morrerá. Quando Salvatore se foi, resolvi escrever esta carta ao futuro.

A meus descendentes, desculpas. A esperança renasce em cada um de vocês.”

Éramos oito netos. Guardamos a carta de novo na cavidade oca entre as pedras. Decidimos não contar nada sobre aquele outro mundo guardado dentro do mundo. No jantar daquela noite abraçamos Vovó e lhe dissemos que éramos o futuro. E ela disse: ‘Sim! Toda esperança reside no futuro’.

tavano già con l’uva e potevano accoglierci nel nucleo ancora piccolo. Siamo stati assistiti nella costruzione della casa: solida, definitiva, pietra su pietra. Qui ho trovato riparo. Il cibo non ci è più mancato. Abbiamo fatto la casa, la semina, le botti di legno... Salvatore s’entusiasitava ogni nuova estate con la vendemmia.

Speranza non camminava. Speranza non parlava. Non si alimentava da sola. Ha vissuto otto anni. Speranza se n’è andata quando le uve verdi hanno cominciato a germogliare in piccoli grappoli ancora immaturi. Il verde era un vincolo di unione fra bandiere e, quando le uve sono divenute rosse nei grappoli corposi, due mesi più tardi, sono rimasta incinta di nuovo. Avevamo casa, cibo, lavoro, terre e vino. È venuto il vino. Sono venuti i figli brasiliani, nati in terre nuove ma nostre. Salvatore ed io abbiamo parlato molto e deciso di nascondere che un giorno c’era stata una Speranza e che lei era morta. Quando Salvatore se n’è andato, ho deciso di scrivere questa lettera al futuro.

Ai miei discendenti, chiedo scusa. La speranza rinasce in ognuno di voi.”

Eravamo otto nipoti. Abbiamo rimesso la lettera nella cavità fra le pietre. Abbiamo deciso di non dir nulla su quell’altro mondo nascosto dentro il mondo. A cena quella sera abbiamo abbracciato Nonna e le abbiamo detto che eravamo il futuro. E lei ha detto: “Sì! Ogni speranza risiede nel futuro.”

6. O homem que coloria palavras

Celia e Celma Mazzei

Era uma vez um avião que não tinha asas, parecendo uma banana gigante. Veio de longe, um lugar chamado Friedrichshafen, disseram as meninas gêmeas, juntas, essa palavra difícil sem titubarem, deixando as cinco amiguinhas impressionadas! Repetiam uma das histórias do pai, que lhes parecia um mágico, tirando de dentro de si palavras cheias de cores. Veio brilhando de luz de prata, no céu anil, foi chegando, chegando, ocupou tudo isso, continuou uma, riscando com o indicador o firmamento, e parou bem aqui em cima da praça. As sete cabecinhas se viraram na direção onde o dedo apontava, cada uma imaginando como seria a tal bananona... Todo o mundo da cidade veio correndo ver aquele aviação - prosseguiu a outra gêmea - e ali ficaram, com os gogós esticados, admirando aquela estranheza. De lá, um homem abriu uma porta e jogou uma escadinha de corda que veio dar aqui no chão, a irmã já emendando: ele foi descendo, devagarinho, toda a gente de boca aberta... As amiguinhas nem piscavam, olhando ora para uma gêmea, ora para sua cópia, pois falavam como que ensaiadas numa coreografia verbal, balançando seus cachos louros. Aí, quando pisou no chão, o homem disse buongiorno a tutti, mas só o papai entendeu e conversou com ele na mesma língua - que sabia desde menino. Pegou sua máquina Kodak, abriu o fole e clique!, tirou um retrato bonito do bananão, paradinho aqui... As pequenas nunca tinham ouvido uma história assim, ah, o pai das iguais é mesmo diferente!...

O contador de histórias fantásticas para as filhas, Celidonio,

6. L'uomo che colorava parole

Celia e Celma Mazzei

C'era una volta un aereo che non aveva le ali e sembrava una banana gigante. Venne da lontano, da un posto chiamato Friedrichshafen, dissero le gemelle insieme, pronunciando questa parola difficile senza esitazioni, facendo colpo sulle cinque amichette. Ripetevano una delle storie del padre, che sembrava loro un mago, con la sua capacità di tirar fuori parole piene di colori. Arrivò illuminando di luce argentea l'indaco del cielo, giunse pian piano, occupando con la sua molte tutto quello, continuò a raccontare una mentre solcava il firmamento con l'indice, e si fermò proprio qui sopra la piazza. Le sette testine si volsero verso il punto indicato dal dito, ognuna cercando di immaginare come doveva essere quel bananone... Tutti in città vennero di corsa per vedere quell'aereo gigante - proseguì l'altra gemella - e restarono lì, con i colli allungati, ammirando quella stranezza. Allora un uomo aprì una porta e gettò una scaletta di corda che arrivò fino al pavimento, e subito l'altra sorella aggiunse: discese, piano piano, tutta la gente a bocca aperta... Le amichette non battevano ciglio, guardando ora una gemella, ora la sua copia, perché parlavano come se seguissero un copione, in una coreografia verbale, agitando i riccioli biondi. Allora, quando toccò il pavimento, l'uomo disse in italiano "Buongiorno a tutti", ma soltanto il babbo capì e parlò con lui nella stessa lingua - che conosceva fin da bambino. Prese la sua macchina Kodak, aprì il soffietto e clic! scattò un bel ritratto del bananone, bell'e immobile lì. Le piccole ragazze non avevano mai sentito una storia simile. Ah, il padre delle uguali era proprio diverso dagli altri!

começou a sua em Lucciano, na Toscana, Itália, em 1888, onde viveu até os 8 anos, quando com seus pais e dois irmãos, atravessou o oceano de mudança para o Brasil.

As gêmeas daqueles anos de 1950 cresceram e continuaram juntas, sempre recordando as singulares histórias do pai. Em 1988, com seus irmãos, decidiram homenageá-lo pelo centenário de seu nascimento, com uma exposição de suas fotos mais importantes. Acharam no baú da D. Lola, mãe de uma amiga, uma preciosidade: veja isso!!! é o Zeppelin!, exclamaram em unísono, com a imensa alegria que a surpresa lhes provocou. Ali se via a praça da cidade, o coreto ao centro e sobre ela, a silhueta elegante e inconfundível do dirigível. Era verdade!, repetiram, emocionadas, enquanto manuseavam com cuidado a bela fotografia em preto-e-branco, tão colorida era nas cabeças das meninas, pela fantástica história que o pai lhes contava. Embaixo, a data, 1930, e a assinatura de Celidonio Mazzei. Mas o fato é que o Graf Zeppelin sobrevoou várias cidades do Brasil, impressionando por seu formato e seu tamanho...

Era uma vez uma estrela imensa que apareceu uma noite, brilhando mais do que todas as estrelas juntas! Ah, como as duas gostavam dessa história... Tinha uma cauda comprida e ficou no céu, estacada, só brilhando (tanto que não foi preciso fazer a fogueira para espantar as onças...). Os vagalumes nem acendiam seu pisca-pisca, ofuscados por seu esplendor. Corajoso, o menino abriu sua janela e subiu no parapeito. Dali, estendeu seu braço e tocou suavemente com os dedos a cauda morna e brilhante da estrelona... A vida era dura, ali na Fazenda Sant'Ana, na Serra da Onça. Celidonio acordava cedo e seguia seu pai para trabalhar na lavoura; quando descansava, abria o livro que veio pra ele, da Itália. Assim aprendeu, sozinho, a ler, em sua língua-materna. Só quando cresceram é que as filhas souberam que aquela história tinha muito de real: a aparição que assustou a todos, em 1910, foi do cometa Halley, extremamente brilhante e grande, com 15 quilômetros de comprimento!

Quando as filhas faziam aniversário, o pai pedia à mulher:

L'uomo che raccontava delle storie fantastiche alle figlie, Celidonio, cominciò la sua nel 1888, a Lucciano, in Toscana, dove visse fino a otto anni, quando, con i suoi genitori e due fratelli, attraversò l'oceano per spostarsi in Brasile.

Le gemelle di quegli anni '50 crebbero e restarono insieme, senza mai dimenticare le singolari storie del padre. Nel 1988, con i loro fratelli, decisero di rendergli omaggio in occasione del centenario della sua nascita, con una mostra delle sue foto più importanti. Trovarono nel baule della Signora Lola, madre di un'amica, una preziosità: guarda questo!!! È lo Zeppelin!, esclamaronò all'unisono, colme di gioia per la sorpresa. Si vedeva la piazza della città, con il palco al centro, e su di essa il contorno elegante e inconfondibile del dirigibile. Era vero!, ripeterono, commosse mentre maneggiavano con cura la bella fotografia in bianco e nero, così colorata nella testa delle bambine, grazie alla fantastica storia che il padre gli aveva raccontato. Sotto c'era la data, 1930, e la firma di Celidonio Mazzei. Il fatto è che il Graf Zeppelin volò sopra diverse città del Brasile, facendo impressione per il formato e la dimensione.

C'era una volta una stella immensa che sorse una notte, brillando più di tutte le altre insieme! Ah, come piaceva loro questa storia... Aveva una lunga coda e rimase nel cielo, immobile, a brillare (così tanto che non ci fu bisogno di accendere il fuoco per allontanare i giaguari...). Nemmeno le lucciole si accendevano più, offuscate dal suo splendore. Coraggioso, il bambino aprì la finestra e salì sul parapetto. Da lì, allungò il braccio e toccò delicatamente con le dita la coda tiepida e luminosa dello stellone. La vita era dura, lì alla Fattoria Sant'Anna, sulla Serra del Giaguaro. Celidonio si svegliava presto e accompagnava il padre al lavoro nei campi; quando riposava, apriva il libro che era venuto per lui dall'Italia. Così imparò da solo a leggere nella sua madrelingua. Di quanta verità ci fosse in questa storia, le gemelle lo seppero solo quando erano già grandi: l'apparizione che spaventò tutti quanti, nel 1910, fu quella della cometa di Halley, luminosissima e gigantesca, lunga quindici chilometri!

Gioconda, emenda à máquina quatro lençóis brancos. Subia nas árvores da praça e os amarrava nos galhos. À noitinha, toda a cidade vinha, cada qual com uma cadeira, para assistir aos filmes em 16mm que ele gravou durante o ano.

Aquele homem, um menino sonhador, fez das lentes de suas câmeras fotográficas um registro das histórias que viu e que viveu. Adquiriu respeito por onde andava, como quando precisou apear do cavalo e dormir numa pensão à beira de uma pequena estrada; no mesmo quarto, espingarda em punho, um assassino perigoso pergunta: o que o moço aí traz na algibeira? Minha máquina de retrato, tremeu a voz do estrangeiro com sotaque. Bastou. Em sinal de idolatria pelo homem que guardava numa caixa a imagem de alguém, o bandido o deixou em paz.

Esse foi o contador de histórias, que soube como ninguém colorir a vida e as palavras, assim como coloria seus retratos em preto-e-branco. Celidonio Mazzei viveu até os 91 anos, sem concretizar o sonho de retornar à sua Itália amada, cultivando o mais puro italiano, da terra de Dante, como se orgulhava em dizer, quando recitava versos de seu livro preferido, a Divina Comédia.

Quando le figlie compivano gli anni, il padre diceva alla moglie: Gioconda, cuci insieme a macchina quattro lenzuola bianche. S'arrampicava sugli alberi della piazza e li legava ai rami. La sera, tutto il paese veniva, ognuno con la sua sedia, a guardare le pellicole di 16 mm che lui aveva registrato nel corso dell'anno.

Quell'uomo, un ragazzo sognatore, fece con le lenti delle sue macchine fotografiche un registro delle storie che vide e visse. Si guadagnava il rispetto di tutti ovunque andasse, come quando dovette scendere da cavallo e dormire in una locanda per la strada; nella stessa camera, fucile in pugno, un assassino pericoloso gli chiese: che cosa porti con te, giovanotto? La mia macchina per i ritratti, disse lo straniero dall'accento strano e la voce che gli tremava. Bastò. Come un segno di idolatria verso l'uomo che raccoglieva in una scatola l'immagine di qualcuno, il bandito lo lasciò in pace.

Questo è la storia di un narratore di fiabe che seppe come nessuno colorare la vita e le parole, così come colorava i suoi ritratti in bianco e nero. Celidonio Mazzei visse 91 anni, senza concretizzare il sogno di tornare nella sua amata Italia, coltivando l'italiano più puro, della terra di Dante, come diceva con orgoglio, quando recitava i versi del suo libro preferito, la Divina Commedia.

7. Laços Milanesi & Bombonato

Custodia Wolney

Fico pensando na grandiosidade da natureza humana que rompe barreiras e se congrega em uma só nação, onde a força do sangue e dos laços hereditários fala mais alto do que limites territoriais ou mapas geográficos.

Nos belos campos de Portogruaro em Veneza, no século XIX, um grande casarão abrigava a família Milanesi. Havia o burburinho gostoso de crianças peraltas, descalças e falantes. O alvoroço de mulheres na cozinha, aonde o cheiro de seus temperos chegava até os campos, atraindo seus maridos que tangiam o gado, fazendo-os voltar para o seio de suas amadas.

Os varões se casavam e traziam suas mulheres para o casarão, que abria seus braços para acolhê-las. Conta a história, que uma linda jovem, filha da lavadeira, trabalhava para a família Milanesi e apaixonou-se por um dos filhos, Bernardo.

Os homens cuidavam do gado, apenas Bernardo não participava daquela tarefa. Passava o dia a andar pela casa. Ora falante, ora obtuso. Ora sorridente, ora triste fechado em seu mundo. Este era Bernardo, uma incógnita. À Margaritha, não importava o que diziam: que Bernardo não era normal, que falava coisas desconexas e tinha variações de humor.

Dona Bianca, acreditando que seu filho não conseguiria casamento melhor, consentiu no enlace de Bernardo com Margaritha, a linda filha da lavadeira.

O tempo passou. O casal teve seis filhos saudáveis. Ao lado de Bernardo, Margaritha se sentia uma mulher plena. Ela entendia o mundo dele e o aceitava.

7. Il legame tra Milanesi e Bombonato

Custodia Wolney

Mi soffermo a pensare alla grandiosità della natura umana che rompe le barriere e si congrega in una nazione, dove la forza del sangue e dei legami ereditari parla più forte dei confini territoriali o delle mappe geografiche.

Nei bei campi di Portogruaro, a Venezia, nel XIX secolo, in una gran villa abitava la famiglia Milanesi. Si sentiva il piacevole brusio di ragazzi birichini, scalzi e chiacchieroni e l'agitazione delle donne in cucina, da dove l'odore dei condimenti arrivava fino ai campi, attirando i mariti che pascolavano il bestiame, facendoli tornare in seno alle sue amate.

I maschi si sposavano e portavano le mogli alla villa, che apriva le braccia per accoglierle. Racconta la storia che una bella giovane, figlia della lavandaia, lavorava per la famiglia Milanesi e s'innamorò di uno dei figli, Bernardo.

Gli uomini curavano il bestiame, soltanto Bernardo non partecipava. Trascorreva i giorni vagando per la casa. Ora loquace, ora ottuso. Ora sorridente, ora triste, rinchiuso nel suo mondo. Questo era Bernardo, un'incognita. A Margaritha non importava ciò che dicevano: che Bernardo non fosse normale, che dicesse cose sconnesse e che soffrisse di sbalzi d'umore.

Dona Bianca, convinta che il figlio non sarebbe riuscito a trovarsi un matrimonio migliore, consentì al suo sposalizio con Margaritha, la bella figlia della lavandaia.

Il tempo passò. La coppia ebbe sei figli sani. Accanto a Bernardo, Margaritha si sentiva una donna completa. Capiva il suo mondo e lo accettava.

Mas a vida é cheia de surpresas, e, em uma triste noite, Bernardo tirou sua vida com uma grande dose de veneno. Margaritha, com seis filhos, viu seu mundo desabar.

Viver sem o Bernardo estava sendo muito difícil, Porém, os problemas estavam apenas começando. Margaritha, de origem humilde tinha seus encantos. Com isto, algumas mulheres que moravam no casarão, esposas dos irmãos de Bernardo, com ciúmes dela, começaram a fazer intriga e ela foi obrigada a ir embora.

Por alguns dias perambulou, com seus filhos, pelas vielas de Portogruaro, até que decidiu partir para o Brasil, junto a um grande grupo de italianos dispostos a trabalhar nas lavouras de café, em São Paulo. Seguiu para Gênova e acomodou-se em um precário albergue aguardando o dia do embarque.

Seguiram amontoados no porão do navio, com poucas condições de higiene, o que facilitou a propagação da peste bubônica. No Brasil, as autoridades mandaram que o navio atracasse na Ilha Grande, onde permaneceu de quarentena. Nesta ilha, Margaritha perdeu seu primogênito que foi picado por uma cobra. A dor, novamente, dilacerou seu peito.

O Brasil tornou-se o esteio que acolheu aquela sofrida mulher e seus filhos, que traziam nas veias o pulsar do sangue Milanesi, porque um amor tão puro como o de Margaritha e Bernardo jamais se esvai.

O tempo passou, Margaritha morreu, deixando seus filhos, já adultos, em uma fazenda em Batatais, São Paulo. Cada um seguia seu rumo, como a vida consentia.

Na Itália, a migração continuava, e, na província de Rovigo, região de Vêneto, o jovem João Geovanni Bombonato, se despedia da Itália. Estava decidido a tentar uma nova vida no Brasil, e fugir da crise econômica que assolava seu país.

Rita Milanesi, filha de Margaritha, trabalhava com afinco na fazenda, em Batatais, sem conseguir pagar a dívida do armazém, e com isto, não poderia sair de lá. Certo dia, cansada do trabalho, sentou-se em um banco no quintal dos fundos da casa grande e percebeu a presença marcante de um lindo jovem italiano,

Però la vita è piena di sorprese e, in una triste notte, Bernardo si tolse la vita con una grande dose di veleno. Margaritha, con sei figli, vide il suo mondo crollare.

Vivere senza Bernardo era già troppo difficile, però i problemi erano solo all'inizio. Margaritha, di umili origini, aveva le sue doti. Perciò le mogli dei fratelli di Bernardo, che abitavano anche loro nella villa, gelose di lei, cominciarono a ordire intrighi e lei fu costretta ad andarsene.

Per qualche giorno vagò con i figli per i vicoli di Portogruaro, finché decise di partire per il Brasile insieme a un grande gruppo di italiani disposti a lavorare nelle piantagioni di caffè a San Paolo. Andò a Genova e si stabilì in un precario albergo mentre aspettava il giorno della partenza.

Viaggiarono affollati nella stiva della nave, con scarse condizioni d'igiene rendevano facile il propagarsi della peste bubonica. In Brasile, le autorità ordinarono che la nave attraccasse a Ilha Grande, dove rimase in quarantena. Su quest'isola, Margaritha perse il suo primogenito, che fu morso da un serpente. Il dolore, ancora una volta, gli strappò il cuore.

Il Brasile diventò il riparo che accolse quella donna sofferente e i suoi figli, che portavano nelle vene il sangue dei Milanesi, perché un amore così puro come quello di Margaritha e Bernardo non svanisce mai.

Il tempo passò, Margaritha morì, lasciando i figli, ormai adulti, in una fattoria a Batatais, nello stato di San Paolo. Ognuno seguiva il suo cammino, come la vita permetteva.

In Italia, l'emigrazione continuava e, nella provincia di Rovigo, nel Veneto, il giovane Geovanni Bombonato disse addio al suo paese. Era deciso a cercare una nuova vita in Brasile per sfuggire alla crisi economica che devastava l'Italia.

Rita Milanesi, figlia di Margaritha, lavorava tenacemente alla fattoria a Batatais, ma non riusciva a pagare il conto della drogheria e per questo non poteva andar via. Un giorno, stanca dal lavoro, si sedette su una panchina nel cortile sul retro della casa padronale e notò la presenza di un bel giovane italiano che,

que disposto e sorridente, chegara para trabalhar na construção de uma nova casa na fazenda.

Entre conversas e danças típicas que os italianos faziam para lembrar a Itália, Rita Milanesi e Geovanni Bombonato se conheceram e se aproximavam cada dia mais e mais.

Geovanni Bombonato era um jovem de opiniões próprias e que não desistia de alcançar seus objetivos. Ele morava em um bairro modesto de São Paulo, e Rita Milanesi não poderia deixar a fazenda enquanto não quitasse a grande dívida. Geovanni Bombonato, apaixonado como estava, e decidido a viver aquele grande amor, resolveu fugir com Rita Milanesi e libertá-la daquela escravidão branca.

Milanesi e Bombonato, no Brasil, fizeram florescer o amor em uma descendência que traz no peito o patriotismo brasileiro e o sentimento de pertencimento à Itália.

E assim se construiu a riqueza da diversidade cultural brasileira. Diferentes etnias, costumes e tradições fazem de nossa pátria um grande celeiro cultural. Elos de cumplicidade e cidadania com a Itália são fortalecidos ao longo dos anos e o pulsar Milanesi e Bombonato continuará a florescer nos filhos do Brasil, fazendo história.

Hoje, variações como Milanezi, Milanez, Milanês e Bombonatti, representam, no Brasil, nossa amada descendência.

disposto e sorridente, era arrivato per lavorare nella costruzione di una nuova casa nella fattoria.

Fra colloqui e danze tipiche che gli italiani ballavano per ricordare l'Italia, Rita Milanesi e Geovanni Bombonato si conobbero e si avvicinarono sempre di più.

Geovanni Bombonato era un giovane di opinioni forti che non rinunciava ai suoi obiettivi. Abitava in un quartiere modesto a San Paolo, e Rita Milanesi non poteva lasciare la fattoria fin tanto che non avesse pagato il grande debito. Geovanni, innamorato com'era e deciso a vivere quel grande amore, decise di fuggire con lei e liberarla da quella sorta di schiavitù.

Milanesi e Bombonato, in Brasile, fecero fiorire l'amore in una stirpe che porta nel cuore il patriottismo brasiliano e il sentimento di appartenenza all'Italia.

Così si costruì la ricchezza della diversità culturale brasiliana. Etnie, costumi e tradizioni diversi fanno della nostra patria un grande calderone culturale. I legami di complicità e cittadinanza con l'Italia sono rafforzati nel corso degli anni e l'energia dei Milanesi e Bombonato continuerà a fiorire nei figli del Brasile, facendo la storia.

Oggi, variazioni come Milanezi, Milanez, Milanês e Bombonatti rappresentano, in Brasile, la nostra amata stirpe.

8. A nonna

Debora Pio

Quando nasci a Nonna já era nonna, já vivia reclusa num quarto que, em minha memória de menina, era amarelado, ensolarado e quente, com uma janela daquelas antigas, chamadas de venezianas e uma porta que, em geral, permanecia fechada. Seus móveis eram a sua cama, um criado-mudo e um baú.

A Nonna era a minha bisavó, uma imigrante italiana que era clara como o seu quarto em minha memória, suas mãos tinham dedos duros e pareciam voltar-se para dentro, sempre, com umas calosidades que só nela eu conhecia. Nunca vi seus cabelos (disseram-me mais tarde que não os cortava nem lavava, há anos... havia feito promessa), já conheci a sua cabeça coberta permanentemente por um lenço, cuja cor não me ocorre mais, mas bem podia ser negro, apesar que isso pode ser influência de fotos vistas posteriormente, de outras imigrantes, outras nonnas. Nunca a chamei pelo nome, era Nonna e pronto.

Seu quarto era o meu refúgio. A nonna não andava mais quando eu nasci, mas sempre tinha um abraço para mim e nunca me lembro de ter ralhado comigo ou mesmo de ter reclamado de algo. Também ela nunca me viu. Tinha catarata e seus olhos tinham cor de gemada bem batida. Naqueles idos anos era fato comum os idosos cegarem por catarata, acho que nem se cogitava operar.

No quarto da nonna fui introduzida a um mundo desconhecido, de além-mar, de terras rochosas, montanhosas, onde as moças se casavam cedo e recebiam como dote uma oliveira, ou as roupas de cama, com monogramas bordados a mão. Eram terras com cabras, oliveiras, um mar tão azul que me parecia mesmo um

8. Nonna

Debora Pio

Quando sono nata io, Nonna era già nonna, viveva già reclusa in una stanza che, nella mia memoria di bambina, era giallognola, soleggiata e calda, con una finestra di quelle antiche, chiamate veneziane, e una porta che di solito rimaneva chiusa. La mobilia era il suo letto, un comodino e un baule.

Nonna era la mia bisnonna, un'immigrata italiana dalla pelle chiara come la sua camera nella mia memoria. Le sue mani avevano delle dita rigide e sembravano curvarsi sempre verso dentro, con delle callosità che soltanto in lei conoscevo. Non ho mai visto i suoi capelli (mi hanno detto più tardi che non li tagliava né lavava da anni... aveva fatto un voto); da sempre ho conosciuto la sua testa coperta permanentemente da un fazzoletto, il cui colore non mi viene più, ma poteva essere nero, sebbene questo possa essere per influenza di fotografie viste più tardi, di altre immigrate, altre nonne. Non l'ho mai chiamata per nome, era Nonna e nient'altro.

La sua stanza era il mio rifugio. Nonna non camminava più quando son nata, ma aveva sempre un abbraccio per me e non mi ricordo che mi abbia mai sgridato o che si lamentasse mai di qualcosa. Inoltre non mi ha mai visto. Aveva la cataratta e i suoi occhi avevano il colore dello zabaione ben battuto. In quegli anni passati era un fatto comune che gli anziani restassero ciechi per la cataratta. Credo che non si pensasse nemmeno a operarla.

Nella camera di Nonna sono stata introdotta in un mondo sconosciuto, d'oltremare, di terre rocciose, montagnose, dove le ragazze si sposavano giovani e ricevevano in dote un olivo, oppure la biancheria da letto con monogrammi ricamati a mano. Erano terre con

sonho... mas havia a fome e a falta de trabalho e as pessoas daquela terra calabresa enchiam navios e chegavam ao Brasil. Foi assim que a Nonna se casou, aos catorze anos, embarcou com o marido de quase quarenta e foi parar numa fazenda de café, no interior de São Paulo. Eu ficava imaginando que foi ali que suas mãos ficaram rijas e os dedos se viraram para dentro... a Nonna cantarolava uma canção numa língua diferente da que conversávamos, ali parecia ter catorze anos outra vez e éramos duas meninas a cantar e bater palmas, eu com cinco anos e ela com catorze.

Eram tardes mágicas, de uma luz muito clara. Numa determinada tarde a Nonna me pediu que lhe abrisse o baú. Pediu a fotografia da viagem ao Rio de Janeiro e a descreveu para mim, correndo os dedos sobre o vidro que a protegia na moldura. Era um casal, numa praia do Rio. Segundo ela, Copacabana. Os trajes de banho foram alugados ali mesmo e fora a única viagem da Nonna, além da que a levou da Itália ao Brasil – e o Rio pareceu-me o melhor lugar do mundo para se viajar! Ali a Nonna comeu em restaurante e dormiu em hotel! Também no baú havia outras coisas, das quais não me lembro bem, talvez por não me terem impressionado... mas havia um tesouro, bem ao fundo: uma trança de cabelos, enorme e grossa, cabelos negros, muito bem guardada a trança. E a nona contou como, no dia do seu casamento, cortaram-lhe as tranças de menina, para que ela se transformasse em mulher, segundo os costumes da aldeia, há séculos e séculos. Não sei se ela levava consigo algum outro pertence ao longo da sua vida toda...

Diziam-me, em sussurros, para evitar o quarto da nonna, pois ali o cheiro era insuportável. Engraçado, não me recordo do cheiro, mas da luz que, até hoje é uma luz que me acalma... lembro de sua alegria ao me ouvir entrar, de bater a mão no canto da cama para que eu me sentasse ali, do seu abraço... o cheiro, não sei... mais fácil seria sentir o cheiro do mar que nunca vi, das olivas colhidas em novembro, das cabras nos campos pastos desconhecidos...

A minha primeira contadora de histórias, quem me ensinou a viajar.

capre, olivi, un mare così blu da sembrarmi proprio un sogno. Ma c'era la fame e la mancanza di lavoro e le persone di quelle terre calabresi riempivano le navi e arrivavano in Brasile. Fu così che Nonna si sposò, a quattordici anni, s'imbarcò con il marito quasi quarantenne e finì in una fattoria di caffè, all'interno dello stato di San Paolo. Nella mia immaginazione era lì che le sue mani erano diventate rigide e le dita si erano piegate verso in dentro. Nonna canticchiava una canzone in una lingua diversa da quella con cui comunicavamo; mi sembrava allora che avesse quattordici anni un'altra volta, ed eravamo due bambine, cinque io e quattordici anni lei, che cantavano e battevano le mani.

Erano pomeriggi magici, illuminati da una luce molto chiara. È stato in uno di essi che Nonna mi ha chiesto di aprire il suo baule. Mi ha chiesto una fotografia del viaggio a Rio de Janeiro e l'ha descritta per me, passando le dita sul vetro che la proteggeva nella cornice. Mostrava una coppia su una spiaggia di Rio. Secondo lei, Copacabana. I costumi da bagno erano stati affittati proprio lì ed era stato l'unico viaggio di Nonna, oltre a quello che la portò dall'Italia in Brasile — e Rio mi è sembrato il luogo migliore del mondo per viaggiare! Lì Nonna ha mangiato in ristorante e dormito in albergo! Nel baule c'erano anche altre cose di cui non mi ricordo bene, forse perché non m'hanno colpito poi tanto, ma c'era un tesoro, proprio in fondo: una treccia, enorme e fitta, di capelli neri, molto ben conservata. E Nonna m'ha raccontato di come, nel giorno del suo matrimonio, le avessero tagliato le trecce da bambina, affinché diventasse donna, secondo le usanze del villaggio che si tramandavano da secoli. Non so se avesse conservato qualche altro oggetto personale per tutta la vita...

Mi dicevano, sottovoce, di evitare la camera di Nonna, perché lì l'odore era insopportabile. Il buffo è che non mi ricordo dell'odore, ma della luce, che ancora oggi è una luce che mi calma... mi ricordo della sua gioia nel sentirmi entrare, di lei battendo la mano sul letto perché io mi ci sedessi, del suo abbraccio. L'odore, non lo so, sarebbe più facile sentire l'odore del mare che non ho mai visto, delle olive raccolte a novembre, delle capre nei magri pascoli sconosciuti.

È stata lei la prima a raccontarmi delle storie, lei che mi ha insegnato a viaggiare.

9. Feeling linguístico

Edih Longo

Cansada de apanhar, pois sempre adorei um palavrão, resolvi mudar minha conduta. Mamãe diz que em outra encarnação devo ter nascido num bordel. E ela perdendo tempo tentando me transformar numa dama... Ai, que próstata!

Diante de uma topada, o que você diz? O carro quebrou no meio da Paulista na hora do rush? O aumento de salário ficou para o próximo semestre? Ca... cara... O olhar sorumbático de mamãe rondou minha imaginação e fiquei gaga. Disse que teria uma derrapagem na personalidade. Talvez uma dúvida quanto à escolha sexual.

Foram argumentos banais aos seus ouvidos moucos. Nascida em Milão e de uma família tradicional, ficou furiosa quando o papai, que era engenheiro civil, veio ao Brasil para trabalhar num grande projeto na Hidrelétrica de Urubupungá, no Rio Paraná.

Eu e meu irmão Giancarlo somos gêmeos e tínhamos sete anos.

Ela, intempestivamente, não quis morar no acampamento residencial. Fomos para a cidade de Alfredo de Castilho. Foi um período ruim, mas facilmente aprendemos o português e a sobreviver.

Mamãe não frequentava nenhum lugar, exceto a missa dominical que era em Latim. Nasceu meu irmão Paulo e ela desgrudou um pouco de mim. O Giancarlo podia fazer o que quisesse, ele era homem. Foi nessa época que aprendi a falar, além da língua, os palavrões com a maior desenvoltura. Adolesci, mas o hábito continuou. Por mais que tentasse, não conseguia ser a dama que ela queria.

9. Quel certo feeling per le lingue

Edih Longo

Stanca di prenderle, perché ho sempre amato le parolacce, ho deciso di cambiare la mia condotta. Mamma dice che in un'altra incarnazione devo esser nata in un bordello. E lei a perdere il suo tempo per cercare di trasformarmi in una dama... Che prostata!

Se inciampi in qualcosa, che dici? E quando la macchina si rompe in mezzo al traffico all'ora di punta? E se l'aumento di stipendio è stato rimandato al prossimo semestre? Ca... cazz... Lo sguardo cupo di mamma ha invaso la mia immaginazione e ho balbettato. Ha detto che avrei avuto uno "slittamento" nella personalità. Forse un dubbio circa la scelta sessuale.

Erano argomenti banali per le mie orecchie foderate di prosciutto. Nata a Milano da una famiglia tradizionale, si è infuriata quando il babbo, che era ingegnere civile, è venuto in Brasile per lavorare in un grande progetto alla Centrale Idroelettrica di Urubupungá, sul fiume Paraná.

Io e mio fratello gemello Giancarlo avevamo sette anni.

Lei, impetuosa, non ha voluto abitare nell'alloggiamento per i dipendenti. Siamo andati ad abitare nella città di Alfredo de Castilho. È stato un brutto periodo, ma abbiamo imparato facilmente a parlare il portoghese e a sopravvivere.

Mamma non andava da nessuna parte tranne a messa la domenica, che era in latino. È nato mio fratello Paulo e lei si è staccata un po' da me. Giancarlo poteva fare tutto quello che voleva essendo maschio. È stato in quel periodo che, oltre alla lingua, ho imparato a dire le parolacce con più disinvoltura. Poi sono diventata un'adolescente ma l'abitudine ha persistito. Per quanto mi sforzassi, non

Apesar de todas as tormentas, vim para a Capital do Estado e entrei na USP; onde além de correr da polícia, na época da ditadura, fumava e bebia. Frequentava as rodas da Bossa Nova. Comecei a tocar em barzinhos. Dormia quando o Sol acordava.

Quando eu a visitava e ela me flagrava com um cigarrinho, dizia que ia me mandar para a Itália, quiçá, direto para um Hospício. E ainda toca violão, coisa de pobre. Seu eu dissesse um palavrão... Mãe, o palavrão faz parte da cultura.

...Popular! E não a estou criando pra ser uma mulher perdida na multidão. Prefiro vê-la confinando, mas com os preceitos morais preservados.

Eu desabafava com o Giuseppe, um italiano que contava as histórias da Segunda Guerra onde era sempre o herói. O maledeto era convincente. Contava com tanta riqueza de detalhes que me abaixava para escapar do seu fuzil sempre certo.

Matara cento e dez inimigos e não sofreu nenhum arranhão. A exatidão na contagem era impressionante. Não era fascista, era da resistência, cazzo! Era um solitário. Educado, culto e um figurinista fantástico.

Quando mamãe vinha a São Paulo ia visitá-lo, mas fazia questão de conversar somente em italiano. Ela o achava afeminado, mas adorava suas roupas. Ele costurava para os principais atores do teatro e da televisão. Ensinou-me, em troca de um chiclete, os palavrões em italiano. Na Itália, eu não falava palavrões. Aqui falava como se estivesse comendo um bolo coberto de chantilly.

Dizia qualquer palavrão em ambas as línguas certa de que minha mãe jamais me acertaria aquela região glútea onde tomamos as malditas injeções. Ela agora entendia o português, mas não sabia palavrões em italiano. Não era fantástico?

Um dia, numa daquelas chuvas de verão, disse com o mais fino sotaque italiano do Brás: *cazzo*, que chuva *zoccola*! Ela exclamou: que palavras lindas! Aprendeu hoje?

E eu, exultante pelo *feeling* linguístico: onde está o *finocchio* do mano? Tomara que a chuva lhe molhe os *coglioni*, aquele ru-

riuscivo a essere la dama che lei voleva.

Nonostante tutte le burrasche, sono venuta nella capitale dello stato e sono entrata all'Università di San Paolo dove, oltre a scappare dalla polizia, ai tempi della dittatura, fumavo e bevevo. Frequentavo i circoli della Bossa Nova. Ho cominciato a suonare nei bar. Andavo a letto quando il sole si alzava.

Quando la andavo a trovare e mi beccava con una sigaretta, diceva che mi avrebbe mandato in Italia, forse dritto in un manicomio. E per giunta suona la chitarra, roba da poveracci! Se dicessi io una parolaccia... Mamma, le parolacce fanno parte della cultura.

...Popolare! E non ti sto allevando per essere una donna persa nella folla. Preferisco vederti confinata, ma con i principi morali saldi.

Mi sfogavo con Giuseppe, un italiano che raccontava delle storie della Seconda Guerra in cui era sempre l'eroe. Quel *maledetto*¹ era convincente. Le raccontava con una tale ricchezza di dettagli che mi chinavo per sfuggire al suo fucile sempre preciso.

Aveva ucciso centodieci nemici e non aveva riportato un solo graffio. La precisione del conteggio era impressionante. Non era fascista, era della Resistenza, cazzo!¹ Era un solitario. Istruito, colto, un figurinista fantastico.

Quando mamma veniva a San Paolo andava a visitarlo, ma insisteva nel parlare soltanto in italiano. Lo trovava effeminato, ma amava i suoi vestiti. Lui cuciva per i principali attori del teatro e della televisione. Mi ha insegnato, in cambio di una gomma da masticare, le parolacce in italiano. In Italia non dicevo parolacce. Qui le dicevo come se stessi mangiando una torta ricoperta di panna montata.

Dicevo qualsiasi parolaccia in ambedue le lingue, certa che mia madre non mi avrebbe mai colpito in quella regione dei glutei dove si fanno le maledette iniezioni. Lei adesso capiva il portoghese, ma non sapeva parolacce in italiano. Non era fantástico?

Un giorno, durante una di quelle piogge d'estate, ho detto con il più fine accento italiano del Brás²: *cazzo*¹, che pioggia *zoccola*!¹ Lei

¹In italiano nell'originale.

²Quartiere italiano di San Paolo.

ffiano figlio di putana. A poliglota aqui se excedera. Ela não era surda e assimilou o som parecido do velho filho da... Que ela ouvia até na feira.

Encontrando o Giuseppe, além de pedir o meu chiclete de volta, mandei-o pro inferno em bom português. Ele me olhou irritado: o som é parecido, patsa, eh!

Como não persigo meu destino, ele corre atrás de mim. Internaram-me num Convento em Turim. Em três anos nunca me visitaram. Concluí o curso que escolheram e adquiri uma aversão natural à família, à grã-finagem e à freiraria.

Aprendi corte e costura; tricô e crochê; piano, violino e harpa; o francês (*très chic*); bordo e chuleio (tem verbo mais chulo?); cavalgo; esgrimo; como elegantemente à mesa, enfim, tudo.

Voltei a Sampa, escolhi a profissão que adoro e hoje sou só gente. Mesmo sendo uma mentira, vivo minha odisseia. Sou uma atriz: sou dama ou prostituta; rica ou pobre; rainha ou plebeia, mas dona de meu destino e feliz. Nunca os vi na plateia.

Recebi flores no camarim antes da estreia de um espetáculo. Que coisa mais nonsense! Não tive dúvidas e corri para o abraço mais gostoso que recebi em minha vida.

Entre lágrimas, balbuciei:

– Dá meu chiclete de volta. Borrei toda a maquiagem e já deu o terceiro sinal, *cazzo!*

Vivemos grudados até a sua morte.

Premiou-me com um casal de gêmeos. Como não persigo meu destino, acho que eles são o que mereço: os troféus pelo meu *feeling* linguístico.

ha sciamato: che belle parole! Le hai imparate oggi?

E io, esaltata dalle mie doti linguistiche: "Dov'è quel *finocchio*¹ di mio fratello? Spero che la pioggia gli bagni i *coglioni*¹, a quel *ruffiano figlio di puttana*¹". La poliglotta qui aveva esagerato. Lei non era sorda e ha riconosciuto il suono simile al vecchio "filho da puta" che sentiva nel mercato.

Quando sono tornata a vedere Giuseppe, oltre a chiedergli indietro la mia gomma, l'ho mandato all'inferno in buon portoghese. Lui mi ha guardato stizzito: il suono è simile, *patsa*³, eh!

Siccome non perseguo il mio destino, esso mi corre dietro. Mi hanno reclusa in un convento a Torino. In tre anni non mi hanno mai visitata. Ho completato il corso che hanno scelto e ho sviluppato un'avversione naturale per la famiglia, l'alta società e le suore.

Ho imparato taglio e cucito, maglia e uncinetto; pianoforte, violino e arpa; il francese (*très chic*); so anche ricamare e suturare; andare a cavallo e tirare di scherma non gli scherzi e conosco le buone maniere a tavola. Insomma, tutto.

Son tornata a San Paolo, ho scelto la professione che amo e oggi sono solo una persona. Pur essendo una bugia, vivo la mia odissea. Sono un'attrice: sono dama o prostituta, ricca o povera, regina o plebea, ma padrona del mio destino e felice. Non li ho mai visti in platea.

Ho ricevuto dei fiori in camerino prima del debutto di uno spettacolo. Che cosa nonsense! Non ho avuto dubbi e sono corsa verso l'abbraccio più dolce che abbia mai ricevuto.

In lacrime, ho balbettato:

– Ridammi la mia gomma. Mi sono rovinata il trucco ed è già suonato il terzo segnale, *cazzo*⁴!

Abbiamo vissuto appiccicati l'uno all'altra fino alla sua morte.

Mi ha lasciato in premio una coppia di gemelli. Siccome non perseguo il mio destino, credo che siano ciò che mi merito: i trofei per quel mio certo *feeling per le lingue*.

³ Adattamento al portoghese di "pazza".

⁴ In italiano nell'originale.

10. O eterno expresso

Eugenia Zerbini

*Tra un fiore colto e l'altro donato
l'inesprimibile nulla*
G. Ungaretti

Ao descer do táxi, avistei-a do outro lado da calçada. Sentada no café, cigarro aceso numa das mãos.

– Professora – disse me aproximando.

– Que pontual! Gentileza com que os entrevistadores brindam os velhos entrevistados: eles podem partir de repente – respondeu sorrindo.

– Longe disso, Professora -, sentando-me, retruquei. – O cigarro pode ser atalho para esse fim.

– Dois ao dia – esclareceu, piscando o olho esquerdo, gesto coquete numa mulher de 85 anos.

A jornalista queria começar sua tarefa, uma coletânea de depoimentos de juristas sobre as mudanças trazidas pelo novo Código. Para seu espanto, a Professora respondeu não ser a pessoa indicada, uma vez que fora um dos autores do Código que se modificava.

– Uma espécie de ciúme do criador às voltas com a criatura. Digo sem embaraço porque, cedo na vida, fui acusada de ser uma mulher sem ciúmes. Entende, como se eu não possuísse sentimentos. Ao contrário, amei muito. Se você conversar sobre mim com meus colegas antigos, descobrirá que tive um grande amor. Ele também era professor de Direito. Já se foi.

– Retornando ao novo Código – reassumindo o foco do encontro... Minha entrevistada divagava.

10. L'espressione dell'eterno

Eugenia Zerbini

*Tra un fiore colto e l'altro donato
l'inesprimibile nulla*
G. Ungaretti

Scendendo dal taxi, l'ho intravista sul marciapiede opposto. Seduta in un caffè, sigaretta accesa in una delle mani.

– Professoressa – ho detto mentre mi avvicinavo.

– Che puntualità! È una gentilezza con cui gli intervistatori onorano i vecchi quando vengono intervistati: potrebbero andarsene da questo mondo all'improvviso – ha risposto lei, sorridendo.

– Niente affatto, Professoressa! – ho replicato mentre mi sedevo. – Però la sigaretta può essere una scorciatoia per quella fine.

– Due al giorno – ha chiarito, facendo l'occhiolino, un gesto civettuolo in una donna di 85 anni.

La giornalista voleva cominciare il suo lavoro, una raccolta di testimonianze di giuristi sui cambiamenti apportati dal nuovo Codice. Con suo grande stupore, la Professoressa ha risposto di non essere la persona più adatta, dato che era stata tra gli autori del Codice che ora veniva modificato.

– Una sorta di gelosia del creatore verso la creatura. Lo dico senza imbarazzo perché presto nella mia vita sono stata accusata di essere una donna senza gelosie. Capisci? Come se non avessi dei sentimenti. Invece ho amato tantissimo. Se parli di me con i miei vecchi colleghi, scoprirai che ho avuto un grande amore. Era anche lui professore di Diritto. È già scomparso.

– Tornando al nuovo Codice – riprendendo il soggetto dell'in-

– Nasci em Nápoles e vim para o Brasil em 1944. Meu pai integrou o governo de Mussolini. Com receio dos bombardeios, tirou a família da Itália, em 1942. Fomos para Lisboa. Dois anos depois, papai nos mandou para o Brasil. Embarcamos num navio português, devido à neutralidade de Portugal no conflito. Outros conhecidos tinham feito o mesmo.

– Professora, posso adivinhar sua trajetória a partir de então. Sua rápida adaptação, o ingresso na faculdade de Direito. Contam que o examinador em Latim sugeriu que a senhora o examinasse.

– Um exagero, porém eu era fluente em Latim e Grego antigo. Nápoles foi fundada sobre o túmulo de Partenope, a sereia que se matou quando Ulisses ignorou seu canto. Mas nem tudo foram encantos. Antes de nossa chegada, o Brasil havia entrado na guerra, uma complicação. Mas sobrevivemos, ela concluiu, acendendo um novo cigarro.

– Sua carreira, Professora, foi coroada pela autoria do antigo Código.

– Nada disso tem importância agora. O fabuloso em minha vida foi conhecer o homem por quem me apaixonei. No ano seguinte à minha colação de grau, iniciei o pós-graduação, quando estreitei a amizade com esse professor. Não foi amor à primeira vista. Ele era casado. Todavia, me cativou. Quem resistiria àquela inteligência brilhante e voz tonitruante, recitando versos de Ungaretti “com minha fome de lobo amaino meu corpo de carneiro”? Por sinal, Giuseppe Ungaretti passara uma temporada lecionando literatura italiana na Universidade de São Paulo, e eles haviam se tornado amigos.

O controle da entrevista escorria-me pelas mãos.

– Essa leva de imigrantes italianos sabia mais do que assar uma pizza –, pontuou irônica a Professora.

A jornalista decidiu interromper a entrevistada. Afirmou que o relacionamento que mantivera com seu professor não devia ter sido bem visto na época.

– Nunca me atrapalhou. Prestei concurso público e saí de

contro... L'intervistata divagava.

– Sono nata a Napoli e sono venuta in Brasile nel 1944. Mio padre ha fatto parte del governo di Mussolini. Per paura dei bombardamenti, ha portato la famiglia via dall'Italia nel 1942. Siamo andati a Lisbona. Due anni dopo, papà ci ha inviato in Brasile. Ci siamo imbarcati in una nave portoghese, a causa della neutralità di Portogallo nel conflitto. Altri conoscenti avevano fatto lo stesso.

– Professoressa, posso indovinare la sua carriera da allora in poi. Il suo rapido adattamento, l'ingresso nella facoltà di diritto. Si racconta che l'esaminatore di latino ha suggerito che fosse lei a esaminarlo.

– Un'esagerazione, però parlavo correntemente il latino e il greco antico. Napoli fu fondata sulla tomba di Partenope, la sirena che si uccise quando Ulisse ignorò il suo canto. Ma non tutto erano rose e fiori. Prima del nostro arrivo, il Brasile era entrato nella guerra, una complicazione. Ma siamo sopravvissuti – ha concluso accendendo un'altra sigaretta.

– Nella sua carriera si è distinta per aver scritto il vecchio Codice.

– Niente di tutto questo importa adesso. La cosa meravigliosa nella mia vita è stata conoscere l'uomo di cui mi sono innamorata. L'anno dopo la mia laurea, ho iniziato il post laurea, durante il quale ho stretto amicizia con questo professore. Non è stato amore a prima vista. Era sposato. Tuttavia mi ha conquistata. Chi potrebbe resistere a quell'intelligenza brillante e quella voce altisonante mentre recitava i versi di Ungaretti: “Con la mia fame di lupo ammaino il mio corpo di pecorella”? A proposito, Giuseppe Ungaretti aveva trascorso un periodo ad insegnare letteratura italiana all'Università di San Paolo, ed erano diventati amici.

L'intervista mi stava sfuggendo dalle mani.

– Quell'ondata d'immigrati italiani non sapeva solo fare la pizza – ha sottolineato con ironia.

La giornalista ha deciso di interromperla, affermando che il rapporto che lei aveva avuto con il suo professore non doveva essere stato ben visto all'epoca.

– Non mi ha mai ostacolata. Ho vinto un concorso pubblico e

casa. Não dei chance para meu irmão – o chefe da família, pois papai já havia falecido - dizer nada. Ele era professor na faculdade de Física, ex-aluno do Guiseppe Occhialini. Se Ungaretti era um fascista, Occhialini deixou a Itália para fugir do clima pesado anterior à 2ª Guerra. Idealizou o acelerador de partículas na Universidade. Sabia? Eu e meu professor celebrávamos as festas de praxe ou antes ou depois da data. Perante a eternidade, ele sempre repetiu, não há tempo. Todo dia podia ser Natal.

Ela lançou para longe o resto do cigarro que terminara. Rápida, sacou outro da bolsa.

– Eu tinha espaço para meu trabalho e minha carreira na Academia. Quando me cansava, ia ao teatro, a concertos. Nunca me pesou o fato de aquele homem ser casado. Ele me havia entregue o coração.

– Professora, esse cigarro está fora de sua medida diária...

Ignorando a observação, ela explicou que aceitar sua condição de amante levou esse homem um dia a duvidar de seu amor. “Me diga, o que você sente por mim? Você está me entregando sua juventude, e eu não irei assumi-la como mulher”, ele repetiu durante a semana que passaram na Bahia, num daqueles congressos jurídicos que frequentavam. Salvador, a “Roma morena”. “O que você quer de mim?”

– Foi nossa única discussão. Sem argumentos, levantei a voz: “Pois bem, eu quero um túmulo”. Dias depois, recebi a documentação de um túmulo em meu nome. No cemitério São Paulo, numa esquina de quadra, com vista sobre o da família dele.

Passara mais de duas horas ouvindo aquela mulher. Para meu trabalho, de pouca valia. Para o entendimento do que pode ser o amor, quase tudo.

sono uscita di casa. Non ho dato l’opportunità a mio fratello — il capo della famiglia, perché il babbo era già morto — di dire nulla. Lui era professore alla facoltà di fisica, ex-allievo di Giuseppe Occhialini. Se Ungaretti era un fascista, Occhialini lasciò l’Italia per sfuggire al clima pesante che precedette la Seconda Guerra. Concepì l’acceleratore di particelle all’Università. Lo sapevi? Io e il mio professore celebravamo le feste comandate o prima o dopo la data. Davanti all’eternità, ripeteva sempre, non c’è tempo. Ogni giorno può essere Natale.

Ha gettato via il resto della sigaretta che aveva finito. Rapidamente, ne ha tirato fuori dalla borsa un’altra.

– Mi dedicavo al mio lavoro e alla mia carriera all’Accademia. Quando ero stanca andavo al teatro, ai concerti. Non mi ha mai pesato il fatto che lui fosse sposato. Mi aveva consegnato il suo cuore.

– Professoressa, questa sigaretta oltrepassa la sua quota giornaliera...

Ignorando l’osservazione, lei mi ha spiegato che per il fatto di aver accettato la sua condizione di amante, lui aveva dubitato del suo amore. “Dimmi, cosa provi per me? Mi consegni la tua giovinezza e io non ti sposerò”, continuava a ripetere lui durante la settimana che passarono nella Bahia, in uno di quei convegni giuridici che frequentavano. A Salvador, la “Roma bruna”. “Che cosa vuoi da me?”

– É stata la nostra unica discussione. Senza argomenti con cui rispondere, ho alzato la voce: “D’accordo, voglio una tomba.” Giorni dopo ho ricevuto la documentazione di una tomba a mio nome. Al cimitero di San Paolo, all’angolo di un vialetto, con la vista rivolta a quella della sua famiglia.

Avevo trascorso più di due ore a sentire quella donna. Per il mio lavoro, niente che valesse la pena. Per comprendere quello che può essere l’amore, quasi tutto.

11. O salame, o pai e a Fênix

Gisela Cochrane Rao

“Será que o nariz dele é do tamanho do salame?”, elas cochicharam em português, olhando para a calça do homem de 70 anos, dentro de um elevador na Itália. “Até agora ninguém reclamou!”, ele respondeu na mesma língua, para desespero das moças que se espremiavam no canto com aquela cara de criança que quebrou o vaso.

O homem de nariz grande e humor certo era meu tio-avô, Vicente Rao, que foi jornalista, advogado e ministro da Justiça no Brasil, aos 41 anos. Seu pai era sapateiro e veio do sul da Itália, junto com a mulher, pisar em solos e solas brasileiros. Vicente nasceu em São Paulo, mas seu irmão, Ricardo, veio pequenininho da Calábria com os pais, e é aí que começa a minha história.

O vô Ricardo se formou em medicina e casou com Edwiges. Tiveram cinco filhos, e o único homem é meu pai, José Carlos. Se um dia alguém me perguntar de onde vem toda a minha bondade, vou responder que é do meu avô. Ele trabalhava nas madrugadas em albergues cuidando das “gentes” pobres e que mal tinham onde dormir. Isso afetou seu filho, José Carlos, de certa forma e, como em uma fileira de dominós dançando a tarantella, afetou a mim também. Na ausência do seu pai, ele foi se fechando na concha e desaprendeu – ou nunca aprendeu – as coisas ligadas ao amor. Na ausência do meu pai, eu cresci com a autoestima toda desengonçada. Com o nariz grande e a língua afiada, procurei a figura paterna nos homens que amei e que nunca me amaram.

11. Il salame, mio padre e la Fenice

Gisela Cochrane Rao

“Ce l’avrà grosso come il naso, il salame?”, hanno bisbigliato in portoghese, fissando i pantaloni dell’uomo di settant’anni che saliva con loro in un ascensore in Italia. “Finora nessuna si è lamentata!”, ha risposto lui nella stessa lingua, facendo morir di vergogna le ragazze, schiacciate ora in un angolo, con l’espressione di un bambino che ha rotto il vaso.

L’uomo dal naso grande e l’umorismo pungente era il mio prozio, Vicente Rao, che fu giornalista, avvocato e ministro della Giustizia in Brasile, a 41 anni. Suo padre era calzolaio e venne dal sud d’Italia, insieme alla moglie, a lavorare i suoli e le suole del Brasile. Vicente nacque a San Paolo ma suo fratello, Ricardo, era arrivato dalla Calabria con i genitori quand’era ancora piccolino. Qui ebbe inizio la mia storia.

Nonno Ricardo si laureò in medicina e sposò Edwiges. Ebbero cinque figli, e l’unico maschio è mio padre, José Carlos. Se un giorno dovessero chiedermi da dove viene tutta la mia bontà, risponderò che l’ho presa da mio nonno. Faceva le ore piccole a lavorare negli asili per prendersi cura dei poveri che a mala pena avevano dove dormire. E questo lasciò un segno nel figlio, José Carlos e, come in una fila di domino che balla la tarantella, ha segnato anche a me. Nell’assenza di suo padre, José Carlos si è rinchiuso in un guscio e ha disimparato – o forse non lo aveva mai imparato – le cose legate all’amore. In assenza di mio padre, sono cresciuta con l’autoestima tutta sgangherata. Con il naso grande e la lingua tagliente, ho cercato la figura paterna negli uomini che ho amato e che non mi hanno amato mai.

Pela vida toda, tentei chamar sua atenção. Comprei presentes, escrevi livros, poemas, dei entrevistas, ganhei prêmios, mas nunca estava bom ou não era o suficiente. E dentro de todo comentário, sempre vinha de brinde uma depreciação. Até que um dia chegou 2010, o ano do tigre para os chineses, que mordeu e arrastou minha alma pela perna. Ao mesmo tempo, e sem revanche, perdi meu namorado, meu emprego e minha mãe. Naquele momento entendi perfeitamente o que era a “escurescência” de um oceano sem boia. Alguém me disse: “Vai com o vento, viaja!” E fui. Cheguei de trem em Amantea, Calábria, cidade piccolina do meu avô. Era de noite, e brasileiro é apavorado de nascença. Não tinha viv’alma, a não ser um senhor na estação. Perguntei onde era o hotel. “Ora, se não é dentro do mar, é do outro lado”, respondeu o engraçadinho. Cheguei ao meu quarto com uma sensação de abandono, de sem eira nem beira. Larguei a mala no chão e mandei SMS para um amigo paisagista. “Tô com medo”, escrevi. “Joga esse sentimento para a terra e colhe uma nova energia”, respondeu. No dia seguinte, minhas lágrimas mergulharam no mar Tirreno. Chorei quando vi o brasão de Fênix que meu pai dizia que era da família, no alto do muro, no meio de tudo e dos poucos todos que moram na cidade. E chorei de “italice”, de ver essa cidade tão linda, esse país-poesia, de onde minhas raízes entrelaçam nos meus pés e me puxam de volta.

Era noite de lua crescente. Peguei um papel, escrevi pedindo um trabalho de que eu gostasse e um homem que eu amasse. Pedi a bênção do avô e chafurdei o bilhete no meio de um círculo feito na terra. Sim, a lua crescente faz crescer. Peguei o celular, “menefreguei” para o roaming e liguei para o meu pai, no Brasil. “Estou na cidade do avô”, eu disse. Do outro lado da linha, correndo milhas e milhas a pé, a voz do meu pai alcançou meus ouvidos e disse: “Eu te amo, filha!” E foi assim que a Itália, tal qual a Fênix no alto do muro, fez renascer das cinzas essa relação.

Per tutta la vita ho cercato di attirare la sua attenzione. Ho comprato dei regali, scritto dei libri, dei poemi, concesso interviste, vinto dei premi, ma niente era mai buono o sufficiente. Dietro a ogni suo commento, c’era sempre nascosta una critica. Finché è arrivato il 2010, per i cinesi l’anno della tigre, che appunto ha morso e trascinato la mia anima per le gambe. Senza nessuna via di scampo, ho perso allo stesso tempo il mio ragazzo, il mio lavoro e mia madre. In quel momento mi sono sentita nell’oscurità di un oceano senza una ciambella di salvataggio. Qualcuno mi ha detto: “Vai con il vento, viaggia!” E ho viaggiato. Sono arrivata in treno ad Amantea, in Calabria, il piccolo paesino di mio nonno. Era notte, e i brasiliani sono fifoni di natura. Non c’era anima viva alla stazione, tranne un signore. Ho chiesto dov’era l’hotel. “Beh, a meno che non sia in fondo al mare, deve essere dall’altra parte”, ha risposto il simpaticone. Sono arrivata nella mia stanza con una sensazione di abbandono, di essere allo sbando. Ho posato il bagaglio e ho inviato un SMS a un amico architetto paesaggista. “Ho paura”, ho scritto. “Ricaccia quel sentimento nella terra e raccogliane una nuova energia”, ha risposto. Il giorno dopo le mie lacrime si sono tuffate nel Mar Tirreno. Ho pianto quando ho visto in cima al muro, in mezzo al tutto e a tutti i pochi che abitano nel paesino, lo stemma con la Fenice che mio padre diceva di essere quello della nostra famiglia. E ho pianto “d’italianità” nel vedere quella città così bella, quel paese-poesia, dove le mie radici s’intrecciano ai miei piedi e mi portano indietro.

Era una notte di luna crescente. Ho preso un pezzo di carta e vi ho scritto sopra il mio desiderio: un lavoro che mi piacesse e un uomo da amare. Ho chiesto la benedizione del nonno e ho conficcato il biglietto in mezzo a un círculo disegnato per terra. Sì, la luna crescente ha fatto crescere. Ho preso il telefonino, “fregandomene” del roaming, e ho chiamato mio padre, in Brasile. “Sono nella città del nonno”, ho detto. Dall’altra parte della linea, correndo migliaia di miglia a piedi, la voce di mio padre mi giunge all’orecchio e dice: “Ti amo, figlia!” Ed è stato così che l’Italia, come la Fenice in cima al muro, ha fatto rinascere dalle ceneri questo rapporto.

12. Lina Bo Bardi

Hebe Canuto da Boa-Viagem de Andrade Costa

*“Quando a gente nasce, não escolhe nada, nasce por acaso. Eu não nasci aqui, escolhi esse lugar para viver. Por isso, o Brasil é meu país duas vezes, é minha **Pátria de Escolha**, e eu me sinto cidadã de todas as cidades, desde o Cariri ao Triângulo Mineiro, às cidades do interior e as de Fronteira”.*

Lina Bo Bardi

Lina (Achilina) Bo Bardi nasceu em Roma e faleceu em São Paulo. Era arquiteta, designer, cenógrafa, editora e ilustradora.

Estudou desenho no Liceu Artístico e, em 1940, formou-se na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma onde recebeu orientação tradicionalista que privilegiava uma tendência histórico-classicizante que Lina chamava de *“nostalgia estilístico-áulica”* e que era valorizada pelo fascismo. Em Milão trabalhou com o arquiteto Gió Ponti, diretor da Revista “Domus”, que apreciava o artesanato italiano. Atuou politicamente integrando a resistência à ocupação alemã durante a 2ª Guerra Mundial (1939-1945). Colaborou com o Partido Comunista Italiano, então clandestino. Dessa fase de sua vida ela mais tarde diria: *“Aqueles que deveriam ter sido anos de sol, de azul e alegria, eu passei em baixo da terra correndo e descendo sob bombas e metralhas.”*

Em 1946 casou-se com Pietro Bardi, crítico e historiador da arte que conheceu no Studio d’Arte Palma onde trabalhavam. Quando Bardi organizou uma “Exposição de pintura italiana moderna” conheceu Assis Chateaubriand, que o convidou para,

12. Lina Bo Bardi

Hebe Canuto da Boa-Viagem de Andrade Costa

*“Quando nasciamo, non siamo noi a scegliere, nasciamo per caso. Io non sono nata qui, questo posto l’ho scelto per viverci. È per questo che il Brasile è il mio paese due volte, è la mia **Patria per Scelta**, e mi sento cittadina di tutte le sue città, dal Cariri al Triangolo Mineiro, dalle città dell’entroterra a quelle di confine.”*

Lina Bo Bardi

Lina (Achilina) Bo Bardi nacque a Roma e morì a San Paolo. Era architetta, designer, scenografa, editrice e illustratrice.

Studiò disegno al Liceo Artístico e, nel 1940, si laureò alla Facoltà di Architettura dell’Università di Roma, dove ricevette un orientamento tradizionalista che privilegiava una tendenza storico-classicizzante, valorizzata dal regime fascista, che Lina definiva *“nostalgia stilistico-aulica”*. A Milano lavorò con l’architetto Gio Ponti, direttore della rivista Domus, che apprezzava l’artigianato italiano. Partecipò alla vita politica prendendo parte alla resistenza contro l’occupazione tedesca nella Seconda Guerra Mondiale (1939-1945). Collaborò con il Partito Comunista Italiano, allora clandestino. Di questa fase della sua vita più tardi disse: *“Quelli che dovrebbero esser stati anni di sole, d’azzurro e di gioia, li ho passati sotto terra, scappando e nascondendomi da bombe e dalle mitraglie.”*

Nel 1946 sposò Pietro Bardi, critico e storico dell’arte che aveva conosciuto allo Studio d’Arte Palma, dove lavoravano. Quando Bardi organizzò una Mostra di Pittura Italiana Moder-

juntos, fundarem um museu, o MASP. Pietro e Lina, com as dificuldades da Europa de pós- guerra, resolveram aceitar o desafio e vieram para o Brasil trazendo a biblioteca de Pietro e uma significativa coleção de obras de arte e peças de artesanato que deveriam ser organizadas numa série de mostras.

Lina viu, no Brasil, que o ambiente era propício às suas inovações. O Rio de Janeiro a encantou. A beleza do local, a modernidade do edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública (projetado pela equipe de Lucio Costa, que contou com a consultoria de Le Corbusier) confirmaram sua ideia de que no Brasil ela poderia concretizar a arquitetura que sonhara. Entretanto, foi em São Paulo que, de início, ela se destacou.

Com o arquiteto italiano Giancarlo Piretti, em 1948, volta-se “à produção manufatureira de móveis de madeira compensada e materiais brasileiros populares (a chita, o couro)”. *Eram móveis simples, num estilo franciscano. Era adepta do conceito “anti-comfort” e, segundo diziam “quem não gostasse que procurasse uma rede.”*

Em 1950 fundou a revista *Habitat*, que a inseriu no meio arquitetônico nacional. Projetou, então, sua residência, no Morumbi, que foi “considerada uma obra paradigmática do racionalismo artístico no país”, conhecida como “a casa de vidro”. Ela está apoiada em pilotis, com muito vidro e inserida aos oito mil metros quadrados de Mata Atlântica.

Em 1951, Lina, já naturalizada brasileira, lecionou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP).

Lina Bo Bardi, numa entrevista concedida ao jornalista Nei Duclos, contou como conseguira convencer homens poderosos, inclusive seu marido, Pietro Bardi, além do governador Adhemar de Barros, de que ela era a pessoa indicada para arquitetar o MASP. Foi assim: “Aproveitei uma viagem de Pietro, pois meu marido não acreditava que eu teria condições de bolar a nova sede do museu. Coisa de homem. Pois fui falar diretamente com Adhemar de Barros e mostrei meu projeto. Quando Pietro voltou,

na, conobbe Assis Chateaubriand, che l’invitò a fondare insieme a lui il Museo d’Arte di San Paolo (MASP). Pietro e Lina, con le difficoltà dell’Europa nel dopoguerra, decisero di accettare la sfida e vennero in Brasile, portando la biblioteca di Pietro e un’espressiva collezione di opere d’arte e pezzi di artigianato che dovevano essere organizzati in una serie di mostre.

Lina trovò in Brasile un ambiente favorevole per le sue innovazioni. Rimase affascinata da Rio de Janeiro. La bellezza del luogo, la modernità dell’edificio del Ministero della Pubblica Istruzione e della Salute Pubblica (progettato dal gruppo di Lucio Costa con la consulenza di Le Corbusier) confermarono la sua idea che in Brasile avrebbe potuto concretizzare l’architettura che aveva sognato. Tuttavia, fu a San Paolo che riscosse i primi successi.

Con l’architetto italiano Giancarlo Piretti, nel 1948, si dedicò alla “produzione manifatturiera di mobili di legno compensato e materiali brasiliani popolari (il chintz, il cuoio)”. *Erano mobili semplici, in uno stile francescano. Era adepta del concetto “anti-comfort” – come dicevano, “se a qualcuno non piace, che si accontenti di un’amaca.”*

Nel 1950, fondò la rivista *Habitat*, che la inserì nel circolo di architettura brasiliano. Progettò la sua residenza nel quartiere di Morumbi, a San Paolo, conosciuta come la Casa di Vetro, “considerata un’opera paradigmatica di razionalismo artistico in Brasile”. È sostenuta da pilotis, con molto vetro e inserita negli ottomila metri quadrati di foresta atlantica.

Nel 1951, ormai naturalizzata brasiliana, Lina iniziò a insegnare nella Facoltà di Architettura e Urbanistica dell’Università di San Paolo (USP).

In un’intervista al giornalista Nei Duclos, racconta di come riuscì a convincere uomini potenti, compreso suo marito Pietro Bardi, e il governatore dello stato di San Paolo Adhemar de Barros, che era la persona giusta per architettare il MASP: “Ho approfittato di un viaggio di Pietro, perché mio marito non credeva che fossi capace di progettare la nuova sede del museo. Roba

contei-lhe o ocorrido. Sabe o que ele me respondeu? – Lindo sonho de mulher”. Com a persistência que lhe era peculiar, conseguiu que seu sonho se tornasse uma realidade.

Iniciou seu trabalho em 1957 e a obra foi concluída em 1968. O resultado foi surpreendente: localizado na Av. Paulista o museu “manteve a praça belvedere aberta no piso térreo, suspendendo o edifício com um arrojado vão de mais de 70 metros”.

Esse arrojo ganhou fama internacional e ela, em um dos artigos, contava: “Eu nunca quis fazer o maior vão-livre do mundo, mas a doação do terreno impunha como condição criar um belvedere com vista para cidade.” Nos seus desenhos imaginava-o com crianças brincando e com exposições ao ar livre. Mais adiante afirmava: “a ausência de beleza no MASP foi proposital, como também a área deixada livre, para que o povo pudesse aproveitá-la espontaneamente. Não acredito no conceito paternalista da arte como algo mastigado, imposto de cima ou como um mero fazer de coisas bonitas.”

Lina admirava a cultura popular brasileira, e nos seus trabalhos pode-se notar a presença dela associada ao Moderno. Iniciou uma coleção de arte popular e falava “em um espaço a ser construído pelas próprias pessoas, um espaço inacabado que seria preenchido pelo uso, pelo uso popular cotidiano”. Inseriu na arquitetura nacional importantes inovações estéticas, tais como “o desenho arrojado, o uso de revestimentos como o concreto ou tijolo aparentes e a exposição de fiações e conexões”.

A Bahia sempre teve um lugar especial no seu coração. Dizia ela: “importante na minha vida foi a Bahia, o Nordeste. Lá eu conheci a liberdade”.

Retornou a São Paulo, em 1964, após o golpe militar, e nos seus novos projetos incorporou o que aprendera na sua temporada nordestina “na forma de uma radical experiência de simplificação da linguagem.” A partir daí sua obra passa a ter “o caráter do que qualifica como arquitetura pobre”.

Deixou no Brasil marcas da sua genialidade. Na Bahia, o Museu de Arte Moderna (MAMBA); em Pernambuco, a Casa

da uomo. Quindi sono andata a parlare direttamente con Adhemar de Barros e gli ho mostrato il mio progetto. Quando Pietro è tornato, gliel'ho raccontato. Sai cosa mi ha detto?— Un bel sogno da donna.” Con la persistenza che le era peculiare, riuscì a rendere il suo sogno realtà.

Iniziò i lavori nel 1957 e la costruzione fu completata nel 1968. Il risultato fu sorprendente: situato nell’Avenida Paulista, nel centro di San Paolo, il progetto “ha mantenuto la piazza belvedere aperta sul pianterreno, sospendendo l’edificio museale su un audace spazio libero di più di 70 metri”.

Quest’audacia le ha fatto guadagnare fama internazionale e lei, in uno dei suoi saggi, racconta: “Non ho mai voluto fare il più grande vano libero del mondo, ma la donazione del terreno imponeva la condizione di creare un belvedere con vista sulla città.” Nei suoi disegni lo immaginava con bambini che giocavano e con mostre all’aria aperta. Più avanti afferma: “L’assenza di bellezza nel MASP è stata intenzionale, così come l’area lasciata libera, perché il popolo potesse approfittarne spontaneamente. Non credo nel concetto paternalistico dell’arte come qualcosa che deve essere spiegata, imposta dall’alto, oppure come un semplice fare cose belle.”

Lina ammirava la cultura popolare brasiliana e nei suoi lavori si può notare la sua presenza associata al Moderno. Iniziò una collezione di arte popolare e parlava di “uno spazio da far costruire dalle stesse persone, uno spazio non finito che sarebbe stato riempito dall’uso, dall’uso popolare quotidiano”. Inserì nell’architettura brasiliana delle importanti innovazioni estetiche come “il disegno audace, l’uso di rivestimenti come il calcestruzzo o i mattoni a vista e l’esposizione di cablaggi e connessioni”.

Lo stato di Bahia ha sempre avuto un posto speciale nel suo cuore. Diceva: “Nella mia vita la Bahia, il Nord-Est brasiliano, hanno avuto molta importanza. È lì che ho conosciuto la libertà.”

Tornò a San Paolo nel 1964, dopo il golpe militare, e nei suoi nuovi progetti inserì ciò che aveva imparato durante la sua permanenza nel Nord-Est, “nella forma di una radicale esperienza

da Cultura de Recife; em Uberlândia (MG), a Igreja Espírito Santo do Cerrado. São Paulo foi o Estado privilegiado. Além do MASP e da Casa de Vidro tornou-se pioneira da “arqueologia industrial” ao iniciar a restauração de prédios antigos (que qualificava como arquitetura pobre). Exemplos: o edifício de SESC da Pompéia e o Teatro Oficina no Bexiga.

Lina, espírito polivalente, exerceu com brilhantismo muitas atividades: teatro, cinema, artes plásticas, desenho de mobiliário e também participou da curadoria de diversas exposições. Com genialidade esteve criando durante toda sua vida; nas suas obras expôs seu desejo de liberdade, de provocar discussões em torno do que é ser livre e de ter autonomia. Muito ativa, só deixou inacabado o projeto da reforma do Palácio das Indústrias de São Paulo, quando a morte a surpreendeu em 1992.

Seu legado: O casal fundou o Instituto Lina Bo e Pietro M. Bardi com o objetivo de divulgar e promover a cultura e as artes brasileiras no Brasil e no exterior. Para abrigá-lo Pietro M. Bardi doou a Casa de Vidro e parte da coleção de arte adquirida por eles.

di semplificazione del linguaggio”. Da allora in poi la sua opera assunse “*il carattere di ciò che si qualifica come ‘architettura povera’*”.

Lasciò in Brasile segni del suo genio. In Bahia, il Museo di Arte Moderna (MAMBA); in Pernambuco, la Casa della Cultura di Recife; in Minas Gerais, la Chiesa dello Spirito Santo del Cerrado a Uberlândia. San Paolo fu lo stato privilegiato. Oltre al MASP e alla Casa di Vetro, fu pioniera dell’“*archeologia industriale*”, iniziando il restauro di edifici antichi (che qualificava come “*architettura povera*”). Esempi: l’edificio del Servizio Sociale del Commercio (SESC) nel quartiere di Pompeia e il Teatro Oficina nel quartiere di Bexiga.

Lina, spirito poliedrico, eseguì brillantemente numerose attività: il teatro, il cinema, le arti plastiche, il design di mobili, oltre a curare diverse mostre. Prolifica di opere e dotata di genialità, nelle sue opere ha esposto il desiderio di libertà, di provocare discussioni intorno a cosa significa essere liberi e avere autonomia. Nella sua ininterrotta attività ha lasciato incompiuto soltanto il progetto della riforma del Palazzo delle Industrie di San Paolo, sorpresa dalla morte nel 1992.

La sua eredità: La coppia ha fondato l’**Istituto Lina Bo e Pietro M. Bardi** con l’obiettivo di divulgare e promuovere la cultura e le arti brasiliane in Brasile e nel mondo. Per ospitarlo, Pietro M. Bardi ha donato la Casa di Vetro e parte della collezione d’arte acquistata da loro.

13. Perfume inesquecível

Helen Heyzel Gnocchi

São cinco da manhã, continuo a me virar na cama, sento, deito, viro à direita e à esquerda, sento, levanto. O tic tac do despertador me atormenta cada minuto: tic tac, TIC TAC. Duas noites em claro, com os olhos inchados e vermelhos me dirijo à cozinha para preparar um café, passado à moda antiga, com o filtro de pano e o bule da fazenda, herança do meu passado juvenil. As lembranças da minha vida transitam pela minha mente já não como fantasmas que me angustiam mas como histórias remotas, talvez contadas por alguém que nem me conheça. Os raios pálidos de sol do fim de setembro banham a toalha da mesa, passam por entre pães e frutas e se mesclam com a fumaça do café, uma imagem perfeita! Ouço o arrastar de chinelos e, entre a réstia de luz, desponta minha neta: "Nonno, já acordou?" Sorrindo, lhe respondo que sim com a cabeça. Ela sorri, com seus dourados cabelos beijados pelo sol cujos raios adornam seu rosto e me remontam à luz que entrava pela janela do meu quarto na minha casa no nordeste do Brasil, onde olhava meu novo mundo e sonhava com novas esperanças trazidas na minha bagagem. Passaram-se quinze anos desde que retornei à Itália, muitos detalhes se perderam no tempo e algumas imagens se dissiparam... vi Lita, minha esposa, nos olhos da minha neta e ouvi ao longe sua voz me chamar: "Liano, Lianooo! Vem aqui! Corri, desci a ladeira de nossa velha casa para ajudá-la com o balde de água. O verão do nordeste brasileiro não dá trégua, a água escasseia mas, subíamos a ladeira cantando. Nossa casa era simples, a vizinhança era alegre e prestativa. Sinto ainda o per-

13. Profumo indimenticabile

Helen Heyzel Gnocchi

Sono le cinque del mattino, continuo a rigirarmi nel letto, mi siedo, mi sdraio, giro a destra e a sinistra, mi siedo, mi sdraio. Il tic tac della sveglia mi tormenta ogni minuto: tic tac, TIC TAC. Due notti in bianco. Con gli occhi gonfi e rossi mi reco in cucina per preparare il caffè, filtrato all'antica, con il filtro di tessuto e il bricco della fattoria, eredità della mia passata giovinezza. I ricordi della mia vita attraversano la mia mente ormai non più come fantasmi che mi affliggono, ma come storie remote, magari raccontate da qualcuno che nemmeno mi conosce. I raggi pallidi del sole di fine settembre bagnano la tovaglia della tavola, passano fra tozzi di pane e frutta e si mescolano con il fumo del caffè, un'immagine perfetta! Sento uno strusciare di ciabatte e dallo spiraglio di luce sorge mia nipote: "Nonno, già sveglio?" Sorridente le rispondo di sì con la testa. Anche lei sorride, con i suoi capelli dorati baciati dal sole, i cui raggi le adornano la faccia e mi rammentano la luce che entrava dalla finestra della mia camera nella casa nel Nord-Est del Brasile, da dove guardavo il mio nuovo mondo e sognavo nuove conquiste, tutte quelle speranze che mi ero portato in valigia con me. Sono passati quindici anni da quando son tornato in Italia. Molti dettagli si sono persi nel tempo e alcune immagini sono svanite. Ho visto Lita, mia moglie, negli occhi di mia nipote e ho sentito in lontananza la sua voce che mi chiamava: "Liano, Lianooo! Vieni qua!" Ho corso e sceso il pendio della nostra vecchia casa per aiutarla con il secchio d'acqua. L'estate del Nord-Est brasiliano non dà tregua, l'acqua diventa scarsa, ma salviamo la via cantando. La

fume do pomar da vizinha, Dona Nice, e do gosto da comida da Dona Lia. Aprendi coisas maravilhosas com esse povo acolhedor, nesse país “abençoado por Deus”. Éramos felizes!” Minha neta, com o queixo apoiado nas mãos, arregala os imensos olhos verdes:

”Você sabe por que me chamavam Liano, minha neta?”

“Não vô, por quê?”

“Cada vez que traziam uma carta perguntavam se a Dona Carmine estava em casa. No Brasil, esse nome soava como nome de mulher. Um dia, disse ao carteiro, Seu Ambrosio - que era meio mouco - que eu era italiano, marido da Dona Carmine e que poderia entregar a correspondência para mim. Desde então, passei a ser “Liano”.” Sorrimos!

Estas e outras imagens fazem um salto na minha memória, se misturam com o presente e completam a minha identidade. Não mais a dor da saudade de um tempo que não irá retornar, apenas reminiscências de algo que ficou para trás, guardado em algum lugar...e eu continuava: “Posso lembrar agora de todos os momentos que passei. Tinha quatorze anos quando cheguei no Brasil e minha jovem idade me ajudou muito na adaptação, embora dentro de mim existisse a vontade de voltar pra casa, a mesma vontade que tinham os meus pais. Permanecia horas ouvindo meu pai falar da sua terra, com o peito cheio de saudades, escondendo o rosto para não mostrar as lágrimas, e eu sentia essa falta também. A Itália era a nossa velha morada e meu coração ficava dividido entre minhas raízes e a esperança de um sonho eterno.” Neste momento, minha neta me serve um pouco mais de café. “Quando você deixa um país, não pensa muito nas consequências, acredita que tudo pode ser maravilhoso, e em parte é assim, até você descobrir que deixou algo muito importante pra trás. Sou filho do meu país nativo e, também, sou filho do Brasil! Inicia-se, então, a busca por coisas que pertenciam à sua realidade anterior, a criar seu espaço tradicional através de objetos e práticas a que você nunca deu valor, na tentativa de preencher o vazio que ficou. Superar a saudade é possível,

nostra casa era semplice, il vicinato era allegro e solidale. Sento ancora il profumo del frutteto della vicina, *Dona Nice*, e il gusto dei piatti di *Dona Lia*. Ho imparato cose meravigliose da quel popolo accogliente, in quel paese “benedetto da Dio”. Eravamo felici! Mia nipote, con il mento appoggiato sulle mani, spalanca gli enormi occhi verdi.

“Sai perché mi chiamavano Liano, nipotina?”

“No, nonno, perché?”

“Ogni volta che uno ci portava una lettera, chiedeva se *Dona Carmine* era a casa. In Brasile, questo nome sembrava da donna. Un giorno, ho detto al postino, Seu Ambrosio - che era un po’ sordo -, che io ero italiano, marito di *Dona Carmine*, e che lui poteva consegnare la posta a me. Da allora, sono diventato Liano.” Abbiamo sorriso!

Queste e altre immagini fanno un salto nella mia memoria, si mescolano con il presente e completano la mia identità. Non più il dolore della nostalgia per un tempo che non tornerà, soltanto reminiscenze di qualcosa rimasta indietro, messa in serbo da qualche parte... Ho proseguito: “Posso ricordare adesso tutti i momenti che ho vissuto. Avevo quattordici anni quando sono arrivato in Brasile e la mia giovane età mi ha aiutato molto ad adattarmi, seppure dentro me ci fosse il desiderio di tornare a casa, lo stesso desiderio che avevano i miei genitori. Restavo per ore a sentire mio padre che parlava della sua terra, con il cuore pieno di nostalgia, nascondendo la faccia per non far vedere le lacrime, e sentivo quella mancanza anch’io. L’Italia era la nostra vecchia dimora e il mio cuore era diviso fra le mie radici e la speranza di un sogno eterno.” Mia nipote mi serve un po’ più di caffè. “Quando lasci un paese, non pensi alle conseguenze, credi che tutto possa essere meraviglioso, e in parte lo è, finché scopri che hai lasciato indietro qualcosa di molto importante. Sono figlio del mio paese natale e sono anche figlio del Brasile! Allora cominci a cercare ciò che apparteneva alla tua realtà precedente, a creare il tuo spazio tradizionale attraverso oggetti e pratiche a cui non hai mai dato valore, nel tentativo di riempire

deixando as coisas fluírem...Que saudades da minha Lita!” Aurora, em silêncio, segurou a minha mão. “Vou sentir muita falta de tudo isso.” disse ela. “Sim, querida! Vai sentir muita! Respire profundamente o ar do seu país que a fará recordar desse perfume inesquecível, quando as lembranças esfumarem. Chegou a hora de você seguir o seu destino, vá e seja feliz.”

Estou sentado na varanda e é outra vez outono, o ar está tépido, e o panorama do meu jardim, maravilhoso. As folhas douradas misturadas ao verde da grama trazem de volta a imagem da minha amada terra. O vermelho da edera canadense que decora o tronco do pinheiro faz lembrar o indelével perfume da Itália. Ali, no meu jardim, harmoniosamente, o passado e o presente se encontram como em um abraço entre amigos. Ambos fazem parte do que fui e do que sou e não tenho medo, nem de um, nem de outro! Semana passada recebi uma carta de Aurora, está feliz e eu também. Hoje sei que a minha estrada era esta: voltar ao lugar onde nasci, e Aurora, amparada nos braços da minha outra terra, é a continuidade do que sou. O perfume inesquecível do meu Brasil vive ainda em mim, onde permanecem todas as minhas melhores recordações.

il vuoto che è rimasto. Superare la nostalgia è possibile, lasciando che le cose fluiscano... Ma come mi manca la mia Lita!” Aurora, in silenzio, mi prende la mano. “Tutto questo mi mancherà tantissimo”, dice. “Sì, carina! Ti mancherà troppo! Respira profondamente l’aria del tuo paese, che ti farà ricordare questo profumo indimenticabile quando i ricordi sfumeranno. È giunto il momento di seguire il tuo destino. Vai e sii felice.”

Sono seduto in veranda ed è autunno un’altra volta, l’aria è tiepida e il paesaggio del mio giardino, meraviglioso. Le foglie dorate mescolate con il verde dell’erba mi riportano l’immagine della mia terra amata. Il rosso della vite canadese che adorna il tronco del pino mi fa ricordare l’indelebile profumo dell’Italia. Lì nel mio giardino, armoniosamente, passato e presente s’incontrano come in un abbraccio tra amici. Entrambi fanno parte di ciò che son stato e non ho paura né dell’uno né dell’altro! La settimana scorsa ho ricevuto una lettera di Aurora; è felice, e lo sono anch’io. Oggi so che la mia strada era questa: tornare al posto dove son nato, e Aurora, accolta tra le braccia della mia altra terra, è la continuazione di quello che sono. Il profumo indimenticabile del mio Brasile, dove permangono tutti i miei più bei ricordi, vive ancora dentro di me.

14. Os genoveses e seus navios

Helena Peixoto Dagnino

Eu era pequena, morava na Rua Garibaldi, em Porto Alegre, brincava na calçada, aprendi a andar de bicicleta na lombada da minha quadra. Meu pai tinha um escritório em casa, com uma mesa de arquiteto, escrivaninha, poltronas. O quintal tinha milho plantado, gatos, balanços e muito sol.

O pai contava da terra em que tinha nascido Cornigliano Ligure, nos arredores de Gênova. Falava do porto, dos armadores que faziam navios, de seus navegadores, de Colombo, de uma gente e de um lugar lá longe, depois do mar. Lá passara a infância, onde tinha um avô que fazia vinho e carregava sozinho um tonel cheio nas costas. Em manhãs frias, aos domingos, ia com seu pai procurar trufas debaixo da terra. Contava do Jardim de Infância rigoroso da época, onde às vezes chegava a passar sede e chupava as grades da janela para buscar um frescor, uma saciedade. Era o caçula, e para ele deixavam os restos na mesa – era esse o costume nas famílias então. Mas como era o menor, também ganhava mimos do pai, que o sentava na mesa depois do jantar e lhe contava historinhas e rimas antigas.

Essas coisas eu ouvia do meu pai brincando também ele com os filhos menores, em dialeto “zeneize”. Temos até hoje guardado um belo retrato da família: pai e mãe rodeados pelos filhos maiores, e meu pai, com 7 anos, entre seus pais. Esta foto foi feita na véspera da partida para “l’America”, onde meu avô tinha um cargo prometido em uma fábrica de tecidos na cidade de Rio Grande. Era final de 1913, a guerra prestes a explodir. Foi uma longa viagem de navio; fico imaginando o que sentia,

14. I genovesi e le loro navi

Helena Peixoto Dagnino

Ero piccola, abitavo in Rua Garibaldi, a Porto Alegre. Giocavo sul marciapiede e ho imparato ad andare in bicicletta sulle discese del mio quartiere. Mio padre aveva un ufficio in casa, con un tavolo da architetto, una scrivania e delle poltrone. Il cortile aveva delle piante di mais, gatti, altalene e tanto sole.

Il babbo raccontava della terra in cui era nato, Cornigliano Ligure, vicino a Genova. Parlava del porto, degli armatori che costruivano le navi, dei suoi navigatori, di Colombo, di una gente e di un posto lontano, aldilà del mare. Aveva trascorso lì la sua infanzia, insieme a un nonno che faceva il vino ed era capace di portare un barile pieno da solo sulla schiena. Nelle mattine fredde, la domenica, andava con suo padre a cercare i tartufi sotto terra. Raccontava della scuola materna a quell’epoca così rigorosa, dove a volte soffriva la sete e succhiava le sbarre della finestra per avere un po’ di freschezza, di sazietà. Era il più giovane, e per lui lasciavano i resti dei pasti, com’era allora l’usanza nelle famiglie. Ma siccome era il più piccolo, guadagnava anche delle coccole dal padre, che lo metteva a sedere sul tavolo dopo cena e gli raccontava storielle e filastrocche antiche.

Queste cose le sentivo da mio padre mentre giocava anche lui con i figli minori in dialetto zeneize. Conserviamo ancora oggi un bel ritratto di famiglia: marito e moglie circondati dai figli più grandi, e mio padre, a sette anni, fra i suoi genitori. Questa foto fu scattata il giorno prima della partenza per l’America, dove mio nonno aveva un lavoro promessogli da una fabbrica di tessuti nella città di Rio Grande. Era la fine del 1913, la

o que pensava aquela família que ia para um lugar tão distante. Levavam coisas de casa: o “*mortâ*” (almofariz), o cortador de massas, o “*mezzaluna*”, o saca-rolhas, que estão comigo até hoje; cobertores, lençóis de linho, etc.

Era uma família de operários, cujos pais e avós já ganhavam a vida com o trabalho, com as próprias mãos. Os filhos homens seguiam essa saga familiar de operários. As mulheres cozinhavam, bordavam, faziam chapéus.

Já em Rio Grande, a fábrica onde meu avô era o chefe de máquinas sempre parava aos domingos. As caldeiras esfriavam e meu avô ia fiscalizar o estado delas. Levava o caçula e o fazia entrar dentro das caldeiras para ver se havia furos ou desgastes.

Meu pai também estava destinado a ser operário. Aprendeu com o pai a fazer suas próprias ferramentas. Com elas no seu baú, veio para Porto Alegre procurar emprego.

Tentou a Fábrica de Parafusos Micheletto, e ao mostrar suas ferramentas foi imediatamente aceito. Este baú com as ferramentas ainda está na família, com o filho mais velho.

Os colegas o encorajaram a estudar, e iniciou o curso de Engenharia. Visitando o velho pai em Rio Grande, este o aconselhou que não se aventurasse a aspirar uma mudança tão grande como uma graduação universitária. Eles eram operários. Meu pai sempre lamentou que seu pai tivesse morrido antes de vê-lo formado, ingressando na Viação Férrea, onde acabou trilhando uma carreira de sucesso.

Entretanto, nunca deixou de lado suas raízes e seus valores típicos do operário italiano: muito econômico e disciplinado, o trabalho e a família eram a coisa mais importante para ele. Interessava-se por tudo: agricultura, culinária, idiomas, viagens, tecnologia, invenções. Desenvolveu projetos inovadores, como os primeiros vagões frigoríficos da região; cultivou pomares de frutas originais, de vários lugares do mundo, tinha um grande prazer em mostrar seu parreiral de uvas finas. Me lembro de fazermos tomates secos quando houve uma enorme safra de tomates! Eram rodela de tomate enfiadas em cordéis, balançando

guerra stava per esplodere. Fu un lungo viaggio in nave. Chissà cosa sentiva, cosa pensava quella famiglia mentre si recava in un posto così lontano. Portavano delle cose da casa: il “*mortâ*” (mortaio), il tagliapasta, la mezzaluna e il cavatappi, che conservo ancora oggi, e poi coperte, lenzuola di lino, ecc.

Era una famiglia di operai, i cui genitori e nonni si guadagnavano da vivere lavorando, con la forza delle braccia. I figli maschi seguirono questa tradizione familiare facendo gli operai. Le donne, invece, cucinavano, ricamavano, facevano cappelli.

A Rio Grande, la fabbrica dove mio nonno era capo meccanico stava sempre chiusa la domenica. Le caldaie si raffreddavano e mio nonno ispezionava il loro stato. Portava il figlio più giovane con sé e lo faceva entrare nelle caldaie per vedere se c'erano buchi o guasti.

Mio padre era destinato ad essere operaio. Imparò con suo padre a costruire i propri attrezzi. Con essi nel baule, venne a Porto Alegre per cercare lavoro.

Provò alla fabbrica di viti Micheletto e quando mostrò i suoi attrezzi fu prontamente assunto. Quel baule con tutti gli utensili appartiene ancora alla nostra famiglia, conservato dal figlio più vecchio.

I colleghi lo incoraggiarono a studiare e iniziò il corso d'ingegneria. Un giorno che andò a visitare il vecchio padre a Rio Grande, questi lo sconsigliò di aspirare a un cambiamento così grande come una laurea universitaria. Erano operai. Mio padre ebbe per sempre il rimpianto che suo padre fosse morto prima che si laureasse e che andasse a lavorare nelle ferrovie, dove ebbe una carriera di successo.

Ciononostante, non trascurò mai le sue radici e i valori tipici da operaio italiano: parsimonioso e disciplinato, il lavoro e la famiglia furono sempre le cose più importanti per lui. S'interessava di tutto: agricoltura, cucina, lingue, viaggi, tecnologia, invenzioni. Sviluppò progetti innovativi, come i primi vagoni frigoriferi della regione; coltivò frutteti con alberi da frutto originari da diverse parti del mondo. Provava un gran piacere nel

ao vento... Fez uma engenhoca para defumar a carne dos porcos que criava, obtendo presuntos que nos deliciavam.

Plantava eucaliptos e batatas com o mesmo entusiasmo.

Voltou várias vezes à Itália, ela sempre foi sua pátria original e afetiva. Orgulhava-se de ser genovês, e ao par de falar português sem sotaque algum falava seu “zeneize” correntemente com os irmãos.

Quando eu era criança, imaginava o genovês Cristóvão Colombo descobrindo a América, a emoção dos marinheiros nas caravelas, depois da viagem de meses, e associava à viagem da família de meu pai, vindo de Gênova para descobrir “l’America” e dela fazer seu lar. Eram séculos de diferença, mas eu, menina, viajava com todos aqueles navios de corajosos genoveses atravessando o oceano.

mostrare la sua vigna di uve pregiate. Mi ricordo che facemmo i pomodori secchi quando ci fu un enorme raccolto di pomodori! Erano fette di pomodoro infilate in cordicelle, agitandosi al vento. Realizzò un marchingegno per affumicare la carne dei maiali che allevava, ottenendo prosciutti che deliziavano i nostri palati.

Piantava eucalipti e patate con lo stesso entusiasmo.

Tornò più volte in Italia. Restò sempre la sua patria vera e affettiva. Era fiero di essere genovese, e oltre a parlare il portoghese senza nessun accento, parlava il suo zeneize correntemente con i fratelli.

Quando ero bambina, immaginavo il genovese Cristoforo Colombo alla scoperta dell’America, l’emozione dei marinai sulle caravelle, dopo il viaggio di mesi, e lo associavo al viaggio della famiglia di mio padre, venuto da Genova per scoprire l’America e farne casa sua. C’erano secoli di distanza ma io, una bambina, viaggiavo con tutte quelle navi di coraggiosi genovesi che attraversarono l’oceano.

15. Família

Ivone da Fonseca

Naquele Café, risos e conversas animavam o entardecer. Donna entrou e prestou atenção à sua volta, e o assunto numa mesa lhe chamou a atenção. Ela procurou sentar-se próxima a eles, e assim ouvir aquela fala entusiasmada.

– Obrigado! Esta foi a melhor conversa que eu poderia ter na minha vida tomando um café!

Curiosa, Donna se aproximou e fez uma pergunta ao homem sentado ali.

– Me desculpe, ouvi parte da história, em que ano aconteceu?

– 1898. É... aqueles foram anos difíceis, a vida não tinha esperança. Grandes navios saiam dos portos levando pessoas desejando uma vida diferente. Mas aquele navio levou Felice e Domenico.

– Eles eram daqui?

– Sim, eram ao todo cinco irmãos: Felice, Domenico, Annamaria, Pasquale e Antônio. A mãe adoeceu quando perdeu os dois filhos ainda pequenos e nunca se recuperou, depois foi a irmã. Eles não suportaram o tormento e partiram num grande navio que os levou para Nova York. E, quando chegou lá, Felice sentiu frio. Lembrou-se do frio da despedida, do frio do medo, do frio da solidão. Ele sentiu saudades de sua casa tecida em pedra, do portal em arco e do fogão à lenha que ajudava a suportar os dias com neve. Ali também fazia frio, também nevava, mas guardava um gosto diferente. Na verdade, quando o pai, Lorenzo, ouviu Felice dizer que iria para a América e, que levaria Domenico com ele, seus olhos se encheram de água. Eles eram o que

15. Famiglia

Ivone da Fonseca

In quel bar le chiacchiere e le risate rallegrano l'imbrunire. Donna è entrata, si è guardata intorno e l'argomento di cui discutevano a un tavolo ha attirato la sua attenzione. Ha cercato di sedersi il più vicino possibile per sentire quella conversazione così vivace.

– Grazie! Questa è stata la miglior conversazione che potrei mai avere nella mia vita mentre sorseggio un caffè!

Incuriosita, Donna s'è avvicinata e ha fatto una domanda all'uomo seduto lì.

– Mi scusi, ho sentito una parte della storia. In che anno è successa?

– 1898... Anni difficili quelli, la vita non aveva speranza. Dai porti salpavano grandi navi piene di persone che desideravano una vita diversa. Ma quella nave portò Felice e Domenico.

– Erano di qui?

– Sì, erano in tutto cinque fratelli: Felice, Domenico, Annamaria, Pasquale e Antonio. La madre si ammalò quando perse due figli ancora piccoli e non si riprese più; poi fu la volta della sorella. Felice e Domenico non sopportarono il tormento e partirono su una grande nave che li portò a New York. Quando arrivò, Felice sentì freddo. Si ricordò del freddo dell'addio, del freddo della paura, del freddo della solitudine. Gli mancavano la sua casa di pietra, la porta ad arco e la cucina a legna che aiutava a sopportare i giorni di neve. Era freddo anche lì, c'era anche lì la neve, ma tutto aveva un sapore diverso. Infatti, quando il padre Lorenzo sentì dire da Felice che sarebbe andato in Ame-

havia restado de uma família unida e, agora, iriam para longe. Aquele momento tinha tanta tristeza e sofrimento que qualquer argumento para convencê-los a ficar não foi sequer pronunciado.

– Oh!

– Felice e Domenico, enfim chegaram à América e logo seus nomes estavam num grande livro, eram oficialmente imigrantes. Dormiram num colchão sobre o chão de pedra, havia pouca comida e o trabalho era difícil. Felice lembrou-se do carinho da mãe e da perseverança do pai, mas ali eles estavam sozinhos.

Donna estava mais curiosa agora.

– Pouco tempo depois Felice soube de um navio indo para o Brasil. Falou para o irmão de sua intenção de ir embora e tentar uma nova vida em outro país. Domenico foi contra, tentou convencer o irmão a ficarem, eles eram a família um do outro. Ambos tinham vontade de voltar juntos à cidade natal, mas, temiam, em silêncio, que este dia estivesse ficando cada vez mais longe e a saudade se transformou em lágrimas. Felice, decidido embarcou sozinho para o Brasil.

– Que determinação!

– Sim, a viagem foi longa, mas a esperança de dias melhores era grande. Chegando ao Brasil, Felice ouviu sua língua natal e se sentiu acolhido. Logo que desembarcou conseguiu emprego numa fazenda, era o que ele sabia fazer, trabalhar no campo. Com emprego e casa para morar ele, poucos meses depois, enviou uma carta para Ângela, na Itália, era o pedido de casamento.

– E Ângela foi para o Brasil, sozinha? Donna perguntou.

– Sim. Ângela chegou e eles se casaram. Logo veio a primeira menina, Donata, depois os outros filhos e, todos foram crescendo e trabalhando na fazenda. Até juntaram algum dinheiro e puderam comprar um pedaço de terra, e assim a família cresceu, vieram os netos e bisnetos.

Uma lágrima escapa dos olhos de Donna.

– Ah! Tiveram uma menina e a chamaram de Donata!

Intrigado com tanto interesse daquela jovem, o homem pergunta:

rica e avrebbe portato Domenico con sé, i suoi occhi si riempiono di lacrime. Erano tutto ciò che restava di una famiglia unita e ora sarebbero andati lontano. Quel momento era così triste e doloroso che non venne pronunciato nemmeno un argomento per persuaderli a rimanere.

– Ah!

– Felice e Domenico arrivarono finalmente in America e presto i loro nomi furono registrati su un gran libro: erano ufficialmente immigrati. Dormivano su un materasso sopra il pavimento di pietra, c'era poco cibo e il lavoro era duro. Felice ricordava l'affetto della madre e la perseveranza del padre, ma lì erano soli.

Donna era sempre più incuriosita dal racconto.

– Poco tempo dopo Felice seppe di una nave che partiva per il Brasile. Parlò al fratello della sua intenzione di andarsene e cercare una nuova vita in altro paese. Domenico si oppose, cercò di convincere il fratello a restare, erano la famiglia l'uno per l'altro. Entrambi volevano tornare insieme alla città natale ma temevano, in silenzio, che quel giorno stesse diventando sempre più lontano, e la nostalgia si trasformò in lacrime. Felice, risoluto, s'imbarcò da solo per il Brasile.

– Che determinazione!

– Sì, il viaggio fu lungo, ma la speranza di giorni migliori era grande. Arrivato in Brasile, Felice tornò a sentire parlare nella sua madrelingua e si sentì accolto. Appena sbarcato, trovò lavoro in una fattoria; era ciò che sapeva fare, lavorare nei campi. Con l'impiego e una casa per vivere, pochi mesi dopo inviò una lettera ad Angela, in Italia. Era la proposta di matrimonio.

– E Angela partì per il Brasile da sola? – Donna ha chiesto.

– Sì, e quando arrivò si sposarono. Ben presto arrivò la prima bambina, Donata, poi gli altri figli, e tutti crebbero e lavorarono nella fattoria. Misero insieme qualche soldo e poterono acquistare un pezzo di terra, e così la famiglia crebbe e vennero nipoti e pronipoti.

Una lacrima sfugge dagli occhi di Donna.

– Mas por que você quer ouvir sobre pessoas que não conheceu?

Donna sorri e fala:

– Eu conheço a dor da partida, da esperança sem fim de ver de novo quem se foi e da falta que faz ver mais pratos na mesa. Vivi dias difíceis até que não aguentei mais. Desde então comecei a caminhar procurando ouvir histórias de quem foi embora um dia e, quando alguém recompõe a vida de uma família, para mim é como um presente.

– Eu não quero entristecer você, mas vejo lágrimas em seus olhos.

– Ao contrário, fiquei feliz e estou muito agradecida! Desculpe-me, nem me apresentei! Meu nome é Donata. Sou a mãe de Felice e Domenico.

O homem, assustado, não acreditou no que ouvia e perguntou se ela estava brincando.

– Não, não estou brincando. Fiquei muito doente naquela época, vi meus dois filhos mais novos morrerem ainda pequenos, depois acompanhei a luta da minha filha para suportar aqueles momentos duros, vi meus filhos mais velhos irem embora e eu não pude saber onde estavam e se estavam vivos. Desde então procuro alguém que me diga o que aconteceu. Eles eram a nossa esperança de continuar o sobrenome italiano. Saber destas notícias me fez muito bem. O senhor me trouxe paz.

– Você é jovem, como pode ter participado da vida deles?

– O tempo passa diferente para cada pessoa.

Donata, com um sorriso de quem tem a alma aliviada, despede-se.

– Obrigada! Esta foi a melhor conversa que eu poderia ter na minha vida tomando um café!

O homem, assustado, chama o garçom:

– Você viu aquela moça que estava aqui comigo?

– Me desculpe, o senhor está só, nesta mesa, desde que chegou.

– Ah! Ebbero una bambina e la chiamarono Donata!

Incuriosito da così tanto interesse di quella giovane, l'uomo le domanda:

– Ma perché vuole sentir parlare di persone che non ha conosciuto?

Donna sorride e dice:

– Conosco il dolore della partenza, della speranza infinita di vedere ancora una volta chi se n'è andato, e la nostalgia di mettere altri piatti a tavola. Ho vissuto giorni difficili fino a quando non ne ho potuto più. Allora mi sono messa in cammino alla ricerca di storie di chi un giorno se ne andò, e quando qualcuno ricompone la vita di una famiglia, per me è come un dono.

– Non voglio rattristarla, vedo le lacrime nei suoi occhi.

– Invece sono felice e molto grata! Mi scusi, non mi sono presentata! Mi chiamo Donata. Sono la madre di Felice e Domenico.

L'uomo, non credendo ai propri orecchi le ha chiesto spaventato se non stesse scherzando.

– No, non scherzo. Ero molto ammalata a quel tempo, vidi i miei due figli più giovani morire ancora piccoli, poi lottai insieme a mia figlia per sopportare quei momenti difficili, vidi i miei figli più vecchi partire e non ho mai saputo dove stessero e se fossero ancora vivi. Da allora cerco qualcuno che mi dica cosa sia successo. Loro erano la nostra speranza di perpetuare il cognome italiano. Ricevere ora queste notizie mi ha fatto molto bene. Lei mi ha portato la pace.

– Lei è giovane, come può aver fatto parte della loro vita?

– Il tempo passa in modo diverso per ogni persona.

Donata, con un sorriso di chi ha l'anima alleggerita, lo saluta.

– Grazie! Questa è stata la miglior conversazione che potrei mai avere nella mia vita mentre sorseggio un caffè!!

L'uomo, spaventato, chiama il cameriere:

– Lei ha visto quella ragazza che era qui con me?

– Mi dispiace, ma non ho visto nessun altro a questo tavolo da quando è arrivato.

16. Olhos azuis

Joana Merlin Scholte

Dotada de olhos cor de mel, herança materna, cresci admirando, à minha volta, vários pares de límpidos olhos azuis. O céu se refletia nas pupilas de meu pai, de seu irmão e, sobretudo, ainda mais brilhante, nas de meus avós, os “Nonos”. Olhos “venetos” me diziam. Olhos que tinham vindo da longínqua Itália, visto outras terras, vivido vidas diferentes.

Minha admiração infantil aumentava ao imaginá-los crescendo em Pozzo Nuovo e de Prepe al’Umi, para mim verdadeiros paraísos europeus. Por isso, talvez, em seus olhos brilhasse esse profundo e raro anil.

Silvio Merlin, nascido em 1888, e sua irmã mais velha, Teodolina, deixaram-se tentar, aos vinte e poucos anos pela sorte que talvez lhes sorrisse no Novo Mundo. Dizendo adeus à família numerosa, lançaram-se na travessia do temido Atlântico. Emocionou-me sempre a angústia que devem ter sentido durante aquela viagem sem volta.

Os parentes haviam se cotizado para ajudar a pagar-lhes o bilhete. De terceira classe, é claro. As exatas liras conseguidas não alcançariam para um retorno. Imagino que suas emoções acompanhassem o tempo variável do oceano que os embalava, predominando ora o espírito de aventura, ora o agonizante medo do desconhecido.

Vinte e um dias durou a viagem: para eles interminável. Durante esse período, meu avô pouco comeu: seu organismo fechou-se em espasmos nervosos. Desembarcaram afinal no Porto de Santos, numa límpida manhã do primeiro decênio do século passado.

16. Occhi azzurri

Joana Merlin Scholte

Con occhi color del miele, eredità di mia madre, sono cresciuta ammirando intorno a me tante paia di occhi azzurri. Il cielo si rifletteva nelle pupille di mio padre, di mio fratello e ancor di più brillava in quelli dei miei nonni – i “nonos”. Occhi “veneti”, mi dicevano. Occhi che erano venuti dalla remota Italia, che avevano visto altre terre, vissuto vite diverse.

La mia ammirazione infantile aumentava quando pensavo alla loro infanzia a Pozzonovo, per me un vero paradiso europeo. Era per questo, forse, che nei loro occhi brillava quel profondo e raro indaco.

Silvio Merlin, nato nel 1888, e sua sorella più vecchia Teodolina si lasciarono tentare, quando avevano poco più di vent’anni, dalla fortuna che forse gli avrebbe sorriso nel Nuovo Mondo. Dissero addio alla famiglia numerosa e si lanciarono nella traversata del terribile Atlantico. Mi ha sempre emozionato l’angoscia che devono aver provato durante quel viaggio senza ritorno.

I parenti si erano uniti per aiutare a pagare il loro biglietto. Di terza classe, ovviamente. Le lire raccolte al centesimo non sarebbero bastate per un ritorno. Immagino che le loro emozioni andassero di pari passo con il tempo instabile dell’oceano che li cullava, predominando ora lo spirito di avventura, ora l’angosciante paura dell’ignoto.

Il viaggio durò ventuno giorni: un tempo interminabile per loro. Durante questo periodo, mio nonno mangiò poco: il suo organismo si era assalito da spasmi nervosi. Sbarcarono final-

O escritório de imigração italiana ajudou-os a conseguir trabalho numa lavoura de café do interior de São Paulo. Aí conheceram outro casal de irmãos, também vindos da Itália: Juan e Giuditta Gusberti. Tornaram-se aliados, confidentes e mais tarde, parentes, mantendo-se para sempre unidos, apesar das vicissitudes da vida. Aos poucos todos foram se acostumando ao clima quente e ao novo idioma.

Nada mais natural que, alguns anos depois, Silvio escolhesse Giuditta como companheira de vida. Casaram-se em 1912, numa cerimônia simples, mas cheia de emoção. Ambos tinham 24 anos. Juan e Teodolina, também oficialmente unidos, embarcariam em mais uma aventura: mudaram-se para Mendoza, distante rincão argentino, onde levariam uma vida fecunda e feliz.

Depois de alguns anos, o casal Merlin conseguiu deixar o trabalho no campo e retornar a Santos. Silvio voltou então à profissão de alfaiate, para a qual fora treinado por um amigo de seu pai. Com suas magras economias abriram uma casa de “Trutu e Plissé” no centro da cidade. Revezavam-se na loja como podiam, pois ele dava também aulas de costura no Instituto Escolástica Rosa, enquanto Giuditta criava os dois filhos: Etilio Antonio e Ivo Ferdinando.

A vida urbana nos primeiros tempos também foi difícil. Mas a luta valeu a pena: conseguiram formar em contabilidade o filho mais velho e o menor virou o orgulho da família ao tornar-se um bem sucedido engenheiro civil. Teriam os “Nonos”, em algum momento, pensado em retornar à terra natal? É possível, sobretudo nos primeiros anos. Aos poucos, porém, o Brasil, pátria de seus filhos, foi se transformando em seu país também.

A lembrança de meus avós que até hoje permanece em mim é a de um casal alto, distinto e, sobretudo, muito unido. Celebraram suas bodas de ouro rodeados de amigos, numa cerimônia elegante e inesquecível. Somente mais tarde compreendi o que significava essa celebração tão concorrida para eles, que haviam chegado outrora ao país sem conhecer ninguém.

Ao longo dos anos a terra de onde vieram continuava viva

mente al Porto di Santos, in un limpido mattino del primo decennio del secolo scorso.

L'ufficio immigrazione italiana li aiutò a trovare lavoro in una piantagione di caffè all'interno dello stato di San Paolo. Lì conobbero un'altra coppia di fratelli, anche loro venuti dall'Italia: Juan e Giuditta Gusberti. Divennero alleati, amici e, più tardi, parenti, rimanendo per sempre uniti, nonostante le vicissitudini della vita. A poco a poco tutti si abituarono al clima caldo e alla nuova lingua.

Niente di più naturale che, qualche anno dopo, Silvio scegliesse Giuditta come compagna di vita. Si sposarono nel 1912, in una cerimonia semplice ma piena di emozione. Entrambi avevano 24 anni. Juan e Teodolina, anche loro ufficialmente uniti, s'imbarcarono invece in un'altra avventura: si trasferirono a Mendoza, distante cantone dell'Argentina, dove avrebbero avuto una vita feconda e felice.

Dopo qualche anno, la coppia Merlin riuscì a lasciare il lavoro nel campo e tornare a Santos. Silvio allora riprese la professione di sarto, alla quale era stato addestrato da un amico di suo padre. Con i magri risparmi aprirono una casa di “Tutu e Plissé” nel centro della città. Si alternavano al negozio come potevano, perché lui dava anche lezioni di cucito all'Istituto Escolástica Rosa, mentre Giuditta allevava i due figli: Etilio Antonio e Ivo Ferdinando.

I primi tempi anche la vita in città fu difficile. Ma lo sforzo valse la pena: riuscirono a far laureare in contabilità il figlio più grande, e il più giovane diventò l'orgoglio della famiglia diventando un ingegnere civile di successo. Avranno mai pensato i nonos di tornare nella terra natale? È possibile, soprattutto nei primi anni. A poco a poco, però, il Brasile, patria dei loro figli, è divenuta anche la loro patria.

Il ricordo dei miei nonni che rimane ancora oggi in me è quello di una coppia alta, distinta, e soprattutto molto unita. Hanno celebrato le nozze d'oro circondati da amici, in una cerimonia elegante e indimenticabile. Solo più tardi ho capito cosa

em suas memórias: no outono de suas vidas puderam, finalmente, visitar, um par de vezes, os parentes que haviam deixado na Itália.

Como a maioria de imigrantes daquela época, aquele casal que chegara ao Brasil de mãos vazias há mais de meio século havia “vencido”, forjando amizades que duraram décadas e economizando o suficiente para passar seus últimos anos, sossegados e felizes, ajudando os necessitados, rodeados do carinho e respeito dos filhos e netos, num confortável apartamento com vista para o mar.

A influência italiana marcou a nossa infância. Todos os membros de nossa geração de Merlin, ainda que herdando da linhagem materna os olhos castanhos, consideravam sacrossanta a macarronada dos domingos, (com macarrão feito em casa), usavam expressões italianas no diálogo cotidiano e sentiam-se orgulhosos de seu sangue cinquenta por cento italiano, conscientes de que a Itália de seus avós era, em parte, sua terra também.

Infelizmente os “Nonos” não chegaram a conhecer seus descendentes das gerações seguintes, cujos representantes levam com altivez, o sobrenome do grande mago Merlin, e em vários dos quais luzem olhos daquele mesmo tom de azul que veio há tanto tempo do outro lado do mar.

significasse quella celebrazione così ricercata per loro, che erano arrivati nel Paese in un'altra epoca senza conoscere nessuno.

Nel corso degli anni la terra da dove erano venuti continuò viva nella loro memoria. Nell'autunno della loro vita poterono finalmente visitare un paio di volte i parenti che avevano lasciato in Italia.

Come la maggior parte degli immigrati di quell'epoca, quella coppia che era arrivata in Brasile a mani vuote più di mezzo secolo prima aveva “vinto”, forgiando amicizie che durarono decenni e risparmiando il sufficiente da spendere gli ultimi anni della loro vita tranquilli e felici, aiutando i bisognosi, circondati dall'affetto di figli e nipoti, in un confortevole appartamento con vista sul mare.

L'influenza italiana ha segnato la nostra infanzia. Tutti i membri della nostra generazione di Merlin, anche se hanno ereditato dall'ascendenza materna gli occhi castani, consideravano sacrossanta la pasta della domenica (fatta in casa), usavano espressioni italiane nella comunicazione quotidiana ed erano fieri del loro sangue al cinquanta per cento italiano, consapevoli che l'Italia dei loro nonni era in parte anche la loro terra.

Purtroppo i *nonos* non sono arrivati a conoscere i discendenti delle generazioni successive, i cui rappresentanti portano con fierezza il cognome del grande mago Merlino e in molti dei quali brillano occhi di quella stessa tonalità di azzurro venuta molto tempo fa dall'altra parte del mare.

17. Reincidências

Juliana Winkel

1915

Bateu a porta com força, carregando o pesado baú. La fora, o menino vestido de branco a esperava.

Roupa de domingo, para data importante. Escolhida por ele, ainda que fácil de sujar. Não a ideal para um navio. Mas ela não fizera objeção.

Chegou ao cais com a mudança a lhe pesar de um lado, o menino do outro. Mostrou documentos. Do outro lado da mesa, o escrivão tomava notas. Nome, idade, motivo da viagem. Entendeu-lhe o papel.

Quando o navio partiu, olhou ainda uma vez para o porto de Trieste, como para guardar na memória a visão de um mundo. Entre a embarcação e o cais, dezenas de cordas esticadas se partiam sobre as águas – seguras de um lado pelas mãos de passageiros, do outro por mãos que ficavam em terra. A ligação que se vai, mas que continua. Abraçou forte o menino de branco.

Depois, o mar. O movimento azul e escuro do mar, balançando expectativas. Bombordo, estibordo.

Semanas depois, a terra. Ela desce do navio, devagar, segurando o menino. Um pouco mais magra, com olhos vivos que esquadrinham o novo cenário. Muita gente, confusão. Um homem toma nota de nomes. Ela deixa dois: o seu, o do menino. Trazem-lhe o baú. Ela se senta e observa, ouvindo palavras que não conhece. Na rua, os bondes a passar. Calor.

Finalmente, a voz conhecida e dois braços que a esperam. E de repente, em meses, ela consegue chorar. E rir, ao mesmo tempo.

17. Recidive

Juliana Winkel

1915

Sbatté la porta con forza, trasportando il pesante baule. Fuori, il bambino vestito di bianco la aspettava.

Era il vestito della domenica, quello per le occasioni importanti. Lo aveva lasciato scegliere, nonostante il rischio di sporcarlo. Non era certo l'ideale per viaggiare su una nave, ma lei non aveva fatto obiezioni.

Raggiunse la banchina con il bagaglio che le pesava da un lato, e il ragazzo dall'altro. Mostrò i documenti. Dall'altra parte del tavolo, lo scrivano prendeva appunti. Nome, età, motivo del viaggio. Le porse il foglio.

Quando la nave partì, guardò ancora una volta il porto di Trieste, come per fissare nella memoria la visione di un mondo. Tra la nave e la banchina, decine di corde tese si rompevano sulle acque — tenute da un lato dalle mani dei passeggeri, dall'altro da mani che restavano a terra. Un legame che si allontana, ma perdura. Abbracciò forte il bambino vestito di bianco.

Poi il mare. Il movimento blu e scuro del mare cullava speranze. Babordo, tribordo.

Settimane più tardi, la terra. Scese dalla nave, lentamente, tenendo per mano il bambino. Un po' più magra, con gli occhi vivaci che scrutano il nuovo scenario. Molta gente, confusione. Un uomo prendeva nota dei nomi. Lei ne rilasciò due: il suo e quello del bambino. Le portarono il baule. Si sedette e osservò, ascoltando parole che non conosceva. Sulla strada, passavano i tram. Caldo.

Recebe do tio o abraço e as palavras em velho e conhecido dialeto. Os dois, lado a lado, levantam o baú. Antes, porém, embrulhado em cetim, ele dá a ela sua saudação de boas-vindas: um pingente de cristal colorido, feito por suas mãos de ourives. Ela o abraça novamente. Ao lado o menino, de azul, sorri.

2015

Corria pelo corredor procurando o portão certo. Passou pelos controles. Mostrou passaporte. Entrou e sentou-se apressada. A porta do avião se fechou atrás de si.

Ainda retomando o fôlego, olhou em volta. Do outro lado das poltronas, um menino de azul a observa. Ao lado dele, a mãe tenta atar-lhe o cinto, enquanto faz menção de buscar alguém através da janela, por entre as linhas da pista daquele cenário já antigo.

O avião ganha velocidade. Ela aperta a bolsa entre os braços. Pensa na santinha dada pela mãe, lá dentro entre papéis e documentos, nesse momento entremundos. Terra e ar. Planalto e mar. Norte e sul.

Algumas horas insones depois, a terra. Ela desce do avião devagar, os olhos se acostumando à claridade do dia que nasce. Faz frio, se encolhe no agasalho. Um homem verifica passaportes.

Enquanto espera suas malas, senta e observa: pessoas que escolhem seus cafés, espresso, lungo, macchiato freddo. Os carinhos de bagagem que passam, já com pressa de ir embora.

Feitos os trâmites, pega um táxi para casa. Mais tarde, já refeita, início dos trabalhos: Museu da Imigração, curadoria de nova exposição. Entre as atrações, sua arte herdada de mãos familiares.

Começa a dar forma ao espaço a si destinado. Os cristais esculpido à mão tomam posto, à espera de futuros olhares.

Em um momento de pausa, ela decide circular pelo local. Naquele espaço de passagem, observa painéis com reconstituições, depoimentos, cartas, despedidas.

Absorta, se deixa transportar pelas histórias de pessoas que arrumaram malas e saíram mundo afora.

Finalmente, la voce familiare e due braccia che l'attendevano. Dopo mesi, finalmente riuscì a piangere. E a ridere allo stesso tempo.

Ricevette dallo zio l'abbraccio e le parole nel vecchio e familiare dialetto. I due, fianco a fianco, sollevarono il baule. Prima, però, avvolto in un tessuto di raso, lui le consegnò il suo omaggio di benvenuto: un ciondolo di cristallo colorato, fatto con le sue mani di orefice. Lei lo abbracciò un'altra volta. Accanto a lei, il bambino vestito di blu sorrideva.

2015

Corre per il corridoio cercando il gate giusto. Passa i controlli. Mostra il passaporto. Entra e si siede in fretta. La porta dell'aereo si chiude dietro di lei.

Mentre ancora riprende fiato si guarda intorno. Sull'altra fila delle poltrone un bambino vestito di blu la osserva. Accanto a lui, la madre cerca di allacciargli la cintura, mentre sembra cercare qualcuno attraverso la finestra, fra le linee della pista di quello scenario ormai antico.

L'aereo prende velocità. Lei stringe la borsa tra le braccia. Pensa al santino datole dalla madre, là dentro fra carte e documenti, in questo momento sospeso tra due mondi. Terra e aria. Altopiano e alto mare. Nord e sud.

Dopo alcune ore insonni, terra. Scende dall'aereo lentamente, gli occhi si abituano pian piano alla luce del giorno che nasce. Fa freddo, si rannicchia sotto il cappotto. Un uomo controlla i passaporti.

Mentre aspetta le valigie, si siede e osserva: persone che ordinano i loro caffè, espresso, lungo, macchiato freddo. I carrelli di bagagli passano, frettolosi di andarsene.

Realizzate le procedure, prende un taxi per andare a casa. Più tardi, recuperate le forze, inizia i lavori: Museo dell'Immigrazione, la cura di una nuova mostra. Fra le attrazioni, la sua arte ereditata da mani di famiglia.

Comincia a plasmare lo spazio assegnatole. I cristalli inta-

Circula por entre fotos antigas, modelos de navios, cartões postais. Tenta decifrar nomes de listas de passageiros, observa documentos e exames de viagem. Sorri diante da foto de um menino de branco. Imagina sensações, expectativas. Um passado familiar.

Até o momento em que, de repente, vê um mapa do Brasil salpicado de pontos vermelhos. Pontos de chegada.

Nessa hora, o registro histórico ganha cor, som e cheiro para ela. Num impulso, leva as mãos ao peito e encontra o cristal pendente no pescoço, repleto de ternura antiga.

E então, naquela terra distante e ao mesmo tempo vizinha, seu coração bate com saudade ao quadrado: saudade de imigrante recidente.

gliati a mano prendono posto, in attesa di futuri sguardi.

In un momento di pausa, decide di fare un giro nelle sale. In quello spazio di passaggio, osserva i pannelli con rievocazioni, testimonianze, lettere, addii.

Assorta, si lascia trasportare dalle storie di persone che fecero i bagagli e partirono per il mondo.

Gira tra fotografie antiche, modelli di navi, cartoline. Prova a decifrare i nomi su liste di passeggeri, osserva documenti ed esami di viaggio. Sorride davanti alla foto di un bambino vestito di bianco. Immagina sensazioni, attese. Un passato familiare.

Quando all'improvviso vede una mappa del Brasile cosparsa di punti rossi. Punti di arrivo.

In questo preciso momento, il registro storico assume per lei colori, suoni e odori. Si porta d'impulso le mani al petto e trova il cristallo pendente dal collo, pieno di tenerezza antica.

E allora, in quella terra distante e allo stesso tempo vicina, il suo cuore batte con nostalgia raddoppiata: la nostalgia di un'immigrante recidiva.

18. Vida com sotaque

Laís de Barros

O novo mundo acenava com a bandeira da oportunidade. Casada e grávida do primeiro filho, ela reunia as características de uma guerreira, pronta para enfrentar qualquer desafio. Os muitos mil quilômetros de dias, sobre a água salgada, não intimidavam a bravura de Marieta. Convenceu o marido, e o norte da Itália perdeu a concorrência para a promessa de um lar mais seguro e confortável. Levaram a cultura, a esperança e a vontade de dar certo, na bagagem. Não teve enjoo, noites em claro, temporal ou qualquer perigo que compromettesse a determinação deles. O fôlego para a travessia vinha daí.

Desde o início, o pequeno Pedro mostrou a genética materna. Aguentou firme a viagem e só desembarcou, da barriga de Marieta, em terras brasileiras. Talvez por isso, ele fosse o seu predileto, entre os outros dois filhos, concebidos, no interior paulista.

Amigos da Itália, que trabalhavam na agricultura, sinalizaram para eles a chance de uma boa carreira agrícola, nos arredores de Campinas. Por algum tempo, moraram de favor. A solidariedade típica de quem reconhece no outro a própria origem, os ajudou a construir uma casa. Marieta mostrava afeição pelo novo endereço, mas não escondia o luto da cidade natal, nas cores de roupa que usava. Nunca pronunciou uma palavra em português. As broncas, conselhos ou as discussões com o marido aconteciam em italiano.

Era tão brava que ficava feia. Fortunato ousava desafiar o mau humor de Marieta, enlouquecendo as moças do vilarejo,

18. La vita con accento

Laís de Barros

Il nuovo mondo la salutava con la bandiera delle opportunità. Sposata e incinta del primo figlio, riuniva le caratteristiche di una guerriera, pronta ad affrontare qualsiasi sfida. Le molte migliaia di chilometri tradotte in innumerevoli giorni sull'acqua salata non intimidivano il coraggio di Marieta. Convinse il marito, e il nord d'Italia perse la gara contro la promessa di una casa più sicura e confortevole. Portarono nel bagaglio la cultura, la speranza e il desiderio di riuscire. Non c'era mal di mare, notti in bianco, burrasca o qualsiasi altro pericolo che avrebbe potuto affievolire minimamente la loro determinazione. Da essa derivava tutto lo slancio ad affrontare quella traversata.

Fin dall'inizio, il piccolo Pedro dimostrò di avere la stessa tempera materna. Sopportò senza problemi il viaggio e sbarcò dal ventre di Marieta soltanto quando erano ormai giunti sul suolo brasiliano. Forse è per questo che rispetto agli altri due, concepiti nello stato di San Paolo, questo rimase sempre il suo figlio prediletto.

Alcuni amici italiani che lavoravano nell'agricoltura gli spiegavano che c'erano buone possibilità di crescita nel lavoro agricolo nella zona Campinas, stato di San Paolo. Per qualche tempo furono ospiti in casa d'altri, ma la solidarietà tipica di chi riconosce nell'altro la propria origine li aiutò a costruire una casa. Marieta mostrava affetto al posto nuovo che l'aveva accolta ma non nascondeva il lutto per la città natale, espresso nei colori dei vestiti che indossava. Non pronunciò mai una parola in portoghese. Le sgridate, i consigli o le discussioni con il marito si svolgevano in italiano.

com seu par de olhos esmeralda. Uma ocasião, ele testou a paciência da mulher ao extremo.

– Convidei uma amiga para almoçar em casa. Você pode fingir que é minha irmã, por favor?

Marieta levantou o rolo de macarrão e respondeu:

– Experimenta trazer ela aqui e eu faço uma boa massa, rechada com vocês.

A herança da culinária italiana frequentava todas as refeições. Os molhos, da cozinha de Marieta, perfumavam a lavouara. O apetite pelo seu tempero aumentou as encomendas de capeletti. Marieta convocava os filhos para pôr a mão na massa. Enrolavam quilos da receita de carne moída, linguiça e noz moscada, em delicados chapéus, preparados com ovo e farinha. Ninguém conseguia imitar a qualidade e o sabor do capeletti in brodo de Marieta. Era como se a Itália viesse visitar os comensais, a cada garfada.

Marieta sofria de pouco apetite. Ela escondia a silhueta magra, em vestidos longos, lisos e escuros. Os cabelos ficavam presos em coque. O hábito raro de tomar banho exalava um cheiro ruim. Ela não era exceção. Fortunato disfarçava, com colônia, as poucas vezes que usava água para se lavar.

Diferente do marido, Marieta ocupava o dia e a noite com os afazeres da casa, Pedro, Rosa, João e o capeletti. O lazer se restringia às tardes de domingo, quando a família encontrava outros imigrantes, e juntos transformavam o vilarejo brasileiro em um pedaço da Itália. Nessas ocasiões não faltava nada para celebrar as origens. Quitutes, vinho e muita tarantela imunizavam, por algumas horas, a sisudez de Marieta.

Ela adorava dançar como fazia na cidade natal, onde conheceu Fortunato. As famílias não eram ricas, mas nunca passaram necessidades. Quando casaram, foram morar com a mãe de Marieta. Alegre e disposta, reunia os amigos para festas e muita comilança, distribuída em mesas improvisadas sobre cavaletes de madeira, no meio do vinhedo. Todos cantavam e dançavam, à vontade, no ritmo tradicional do norte da Itália. Ninguém ficava

Era così stizzosa da diventare brutta. Fortunato osava sfidare il suo malumore facendo impazzire le ragazze del villaggio con i suoi occhi color smeraldo. In un'occasione, mise alla prova la pazienza della moglie all'estremo.

– Ho invitato un'amica a pranzo a casa nostra. Potresti fingere di essere mia sorella, per favore?

Marieta alzò il matterello e rispose:

– Prova a portarla qui e faccio una bella pasta, farcita con voi due.

L'eredità culinaria italiana era presente in tutti i pasti. Le salse, dalla cucina di Marieta, emanavano il lor profumo fino ai campi. La golosità dei suoi condimenti faceva crescere la richiesta dei suoi cappelletti. Marieta convocava i figli per aiutarla a lavorare la pasta. Avvolgevano chili di carne macinata, salsiccia e noce moscata in delicati cappelli di sfoglia preparata con uova e farina. Nessuno poteva imitare la qualità e il sapore dei suoi cappelletti in brodo. Era come se l'Italia venisse a visitare i commensali, ad ogni boccone.

Marieta aveva poco appetito. Nascondeva il corpo magro sotto vestiti lunghi, lisci e scuri. I capelli erano sempre raccolti in uno chignon. L'abitudine di fare raramente la doccia emanava un cattivo odore. Non era un'eccezione. Fortunato usava la colonia per mascherare le poche volte che adoperava l'acqua per lavarsi.

A differenza del marito, Marieta occupava il giorno e la notte con le faccende di casa, Pedro, Rosa, João e i cappelletti. Lo svago era limitato ai pomeriggi di domenica, quando la famiglia incontrava altri immigrati e insieme trasformavano il villaggio brasiliano in un pezzo d'Italia. In queste occasioni non mancava nulla per celebrare le origini. Leccornie, vino e molta tarantella neutralizzavano, per qualche ora, la serietà di Marieta.

Amava ballare come faceva nella sua città natale, dove aveva conosciuto Fortunato. Le famiglie non erano ricche ma non si trovarono mai nel bisogno. Quando si sposarono andarono ad abitare dalla madre di Marieta. Allegra e animata, riuniva spesso gli amici a far feste e baldoria, con molto cibo distribuito su tavole

de fora, nem as crianças. Marieta e Fortunato aprenderam ali, ainda pequenos, os passos, palmas e coreografias daquela dança. Marieta herdou da mãe apenas a determinação. Não foi premiada, pela genética, com o bom humor e a facilidade para ganhar peso que a matriarca esbanjava.

No Brasil, Pedro, Rosa e João cresceram. A família tinha notícias da Itália apenas por cartas e pessoas que vinham de lá. Cada ano aumentava mais a distância entre eles e a origem. A espontaneidade dos nativos contaminou Fortunato e os herdeiros.

Marieta sofreu muito, no velório do marido, com a comitiva de amantes nativas que apareceram para prestar a última homenagem. Acusou, uma por uma, pela morte precoce de Fortunato e o adiamento, para sempre, da volta para a Itália.

– Essas donas gastaram a vida dele. Assassinas!

A força de Marieta foi testemunhada pelos netos brasileiros, obrigados, desde sempre, a se comunicar, com ela, em italiano. Dizia que era uma forma de manter o cordão firme e assim todos poderiam, algum dia, voltar para casa.

Marieta viveu sessenta e dois anos, no Brasil, sem nunca trair a língua e a cultura que trouxe, aos vinte, da Itália. A despedida de Marieta aconteceu, por acidente, quando, na madrugada do seu aniversário de oitenta e dois anos, ela confundiu a porta do banheiro com a porta de acesso para uma escada.

improvvisate sopra cavalletti di legno, in mezzo al vigneto. Tutti cantavano e ballavano quanto volevano, nel ritmo tradizionale del nord d'Italia. Nessuno restava fuori, nemmeno i bambini. Marieta e Fortunato impararono lì, ancora piccoli, i passi, i battimani e le coreografie di quella danza. Marieta ereditò dalla madre soltanto la determinazione. Non fu premiata dalla genetica con il buon umore e la facilità a guadagnare peso che abbondavano nella matriarca.

In Brasile, Pedro, Rosa e João crebbero. La famiglia aveva notizie dall'Italia soltanto tramite lettere e persone che venivano da là. Ogni anno aumentava di più la distanza tra loro e la loro origine. La spontaneità dei brasiliani contagiò Fortunato e i suoi eredi.

Marieta soffrì tantissimo, al funerale del marito, con il seguito di amanti brasiliane che vennero a rendergli l'ultimo omaggio. Le accusò una a una per la morte prematura di Fortunato e per il rinvio ormai definitivo del loro ritorno in Italia.

– Queste donne gli hanno consumato la vita. Assassine!

La forza di Marieta fu testimoniata dai nipoti brasiliani, costretti da sempre a comunicarsi con lei in italiano. Diceva che era un modo di mantenere fermo il legame e che così tutti avrebbero potuto, un giorno, tornare a casa.

Marieta visse sessantadue anni in Brasile, senza mai tradire la lingua e la cultura che aveva portato con sé a vent'anni dall'Italia. La sua dipartita avvenne accidentalmente quando, all'alba del suo ottantaduesimo compleanno, confuse la porta del bagno con la porta di accesso ad una scala.

19. Meus avós, meus heróis

Leonir de Lurdes Batista

Meus heróis não se fizeram nas guerras, não lutaram com as mesmas armas de Garibaldi. Meus ídolos não eram artistas nem inventores famosos, não publicaram livros, mas escreveram sua história nos campos e lavouras, rascunhando a terra com o arado e lançando nos vincos as sementes da vida.

Guilherme e Thereza, meus avós maternos, já arqueados, aos cinquenta e poucos anos, carregavam nas costas as armas que sabiam manejar com orgulho e destreza, herdadas de seus pais, que atravessaram o oceano para chegar aqui, em busca de uma vida melhor. E já eram considerados heróis os que conseguiam chegar, pois a morte era companheira de viagem, e a muitos abatia em pleno mar, destruindo sonhos e esperanças.

Eles nasceram na colônia que os pais desbravaram, e aprenderam desde crianças que viver era uma dádiva, mas que o trabalho era sagrado para que o vivente pudesse ser merecedor de tudo o que a vida podia oferecer.

Eu cresci vendo os dois nessa luta diária, como dois guerreiros incansáveis, construindo um dia após o outro, criando filhos e bichos com os cuidados que cada um merecia; cultivando grãos, frutas e hortaliças com respeito e paciência.

À terra e aos filhos, as sementes do bem eram constantemente cultivadas na espera de boas colheitas. E estas poderiam vir ou não, pois o clima, muitas vezes, assim não permitia. E mesmo não tendo a posse da terra onde plantavam, faziam isso em terras alheias com a mesma devoção e cuidado, e ainda dividiam a colheita com os donos da terra.

19. I miei nonni, i miei eroi

Leonir de Lurdes Batista

I miei eroi non si sono fatti nella guerra, non hanno combattuto con le stesse armi di Garibaldi. I miei idoli non erano artisti né inventori famosi, non pubblicarono libri, ma scrissero la loro storia nei campi tra le coltivazioni, tracciando la terra con l'aratro e gettando nei solchi i semi della vita.

Guilherme e Thereza, i miei nonni materni, ormai ricurvi, a cinquant'anni e più, portavano sulle schiene le armi che sapevano maneggiare con orgoglio e abilità, ereditate dai loro genitori, che attraversarono l'oceano per arrivare qua, in cerca di una vita migliore. Ed erano già considerati degli eroi quelli che riuscivano ad arrivarci, perché la morte era compagna di viaggio e abbattava molti in mezzo al mare, distruggendo sogni e speranze.

Nacquero nella terra che i genitori avevano disboscato e dissodato, e impararono fin da bambini che vivere era un dono, ma che il lavoro era sacro per l'individuo affinché fosse degno di tutto ciò che la vita poteva offrire.

Sono cresciuta vedendoli in questa lotta quotidiana, come due guerrieri instancabili, a costruire giorno dopo giorno, ad allevare figli e bestie con la cura che a ognuno spettava, a coltivare il grano, la frutta e gli ortaggi con rispetto e pazienza.

Curavano terra e figli seminando il bene nell'attesa di buoni raccolti. E non era detto che arrivassero, perché il clima spesso non lo permetteva. E quand'anche non era loro la terra dove piantavano, lo facevano in terre altrui con la stessa dedizione e cura, e dividevano il raccolto con i proprietari.

E, a despeito de tantas dificuldades, essas criaturas cantavam felizes quando transformavam o trigo, o milho e a uva em fornadas de pães, panelões de polenta e barris de vinho. Embora não conhecessem a Itália, bendiziam o lugar de onde vieram seus pais, reverenciando suas origens. E nessas horas, por detrás da alegria, podia-se perceber uma dorzinha melancólica, mas nada que um bom chimarrão não pudesse acalmar.

Mas, nos cultivares da vida, o Tempo, senhor de todas as existências, vai construindo e destruindo fazeres, deixando somente as marcas das lembranças, e essas afloram cada vez que chego no casarão avoengo.

Ao redor do fogão à lenha, vejo minha avó, ora mexendo nas panelas, ora atijando o fogo. Um cheiro de aconchego atija minha saudade.

Desço até o porão e vejo meu avô, num dia de chuva, fazendo e consertando redes de pesca, pois quando chovia não se ia para a lavoura. Muitos objetos, instrumentos e produtos coloniais ainda estão ali, pois são usados pelo meu tio, que ainda vive no casarão e que ainda planta, pesca, cria alguns bichos. Mas, não é mais a mesma fartura de outros tempos.

A casa está quase caindo, tem mais de sessenta anos, só resiste porque tem em suas paredes a fibra de uma gente valorosa; o poço d'água está fechado, mas ainda posso ouvir o tilintar do balde descendo vazio e depois a melodia da subida, transbordando água pura e cristalina...

Fecho as portas da memória, porque a água tem esse poder, de lavar a alma e de transformar a saudade em lágrimas!

Nonostante tante difficoltà, quelle creature cantavano felici quando trasformavano il grano, il granturco e l'uva in informate di pani, pentolate di polenta e botti di vino. Anche se non avevano conosciuto l'Italia, benedicevano il posto da dove erano venuti i loro genitori e onoravano le loro origini. In quei momenti, sotto alla gioia, si poteva celare una certa malinconia, ma nulla che un bel mate non potesse calmare.

Eppure nei campi della vita, il Tempo, signore di tutte le esistenze, crea e disfa le cose fatte, lasciando soltanto il segno dei ricordi, e questi affiorano ogni volta che giungo nella casa dei nonni.

Intorno alla cucina a legna vedo ancora mia nonna, ora rimestando i cibi nelle pentole, ora attizzando il fuoco. Un odore di conforto risveglia la mia nostalgia.

Scendo giù nello scantinato e vedo mio nonno, in un giorno di pioggia, che fabbrica e ripara le reti da pesca, perché quando pioveva non si andava nei campi. Molti oggetti, attrezzi e prodotti della campagna sono ancora lì, perché sono usati da mio zio che ci vive ancora e ancora pianta, pesca, alleva qualche animale. Ma non è più la stessa abbondanza di altri tempi.

La casa sta per crollare, ha più di sessant'anni, resiste soltanto perché ha nelle sue pareti la fibra di gente valorosa; il pozzo d'acqua è chiuso, ma si può ancora sentire il tintinnio del secchio che scendeva vuoto e poi la melodia della salita, traboccante d'acqua pura e cristallina...

Chiudo le porte della memoria, perché l'acqua ha questo potere, di lavare l'anima e trasformare la nostalgia in lacrime!

20. La Consolata

Liliana Laganá

La Consolata: era assim que a chamavam. Morava numa casa de dois andares, na rua principal da aldeia. No térreo, um local amplo com um balcão, pipas de vinho, mesas, cadeiras. No andar de cima, a cozinha e dois quartos, dos quais se via o sol surgir dos montes da Sila.

Nascera e crescera naquela aldeia, e aos dezessete anos a haviam casado com um carabiniere, pensando ter-lhe dado boa vida. Mas, em 1907, o marido partiu para a América, deixando a mulher com três filhos pequenos. Voltou depois de dois ou três anos. Com o dinheiro ganho na América abriu um armazém, na rua principal da aldeia, onde se vendia vinho, azeite, castanhas, pão. Enquanto isso, a família crescia.

Depois veio a guerra, veio a espanhola, muitos morreram, muitos partiram. Também o ex-carabiniere partiu, dessa vez para o Brasil, levando consigo o filho mais velho, que tinha 17 anos e que, como o pai, se chamava Consolato.

E ela ficou na aldeia com sete filhos, e de novo grávida. Do marido herdou o armazém e o nome Consolata: desde então, pareceu que todos, na aldeia, tivessem esquecido que seu verdadeiro nome era Teresa.

Levou adiante a família por anos a fio, ela no armazém, os filhos na carcara, onde desde pequenos ajudavam a fazer tijolos.

Mas os filhos, logo que podiam, partiam eles também. Parecia que todos, naquela aldeia, vivessem à espera de partir, e quando alguém partia renovava-se o sentimento de abandono dos que ficavam, aumentava a ânsia de partir.

20. La Consolata

Liliana Laganá

La chiamavano la Consolata. Abitava in una casa a due piani, sulla via principale del paese. Al pianterreno, un locale ampio con un bancone, botti di vino, tavoli, sedie. Al primo piano, la cucina e due stanze, dalle quali si vedeva il sole sorgere dai monti della Sila.

Nata e cresciuta in quel paese, l'avevano sposata a diciassette anni con un carabiniere, e la credettero sistemata. Ma nel 1907 il marito partì per l'America, lasciandola con tre figli piccoli. Tornò dopo due o tre anni. Con i soldi guadagnati in America mise sú una bottega, sulla via principale del paese, dove si vendeva vino, olio, castagne, pane. E intanto la famiglia cresceva.

Poi venne la guerra, venne la spagnola, molti morirono, molti partirono. Anche l'ex-carabiniere partì, nel 1922, questa volta per il Brasile, portandosi via il figlio maggiore, che aveva diciassette anni e che, come il padre, si chiamava Consolato.

E lei rimase al paese con sette figli, di cui due gemelli, e di nuovo incinta. Dal marito ereditò la bottega e il nome Consolata: da allora, in paese, parve che tutti avessero dimenticato che il suo vero nome era Teresa.

Mandò avanti la famiglia per anni, lei alla bottega, i figli alla carcara, dove fin da piccoli aiutavano a far mattoni.

Ma i figli, appena potevano, partivano anche loro. Sembrava che tutti, in quel paese, vivessero aspettando l'ora di partire, e quando qualcuno partiva si rinnovava il senso di abbandono di chi restava, cresceva l'ansia di partire.

Dopo il maggiore, fu la volta di Fortunato, mio padre, che si

Depois do maior, foi a vez de Fortunato, meu pai, que partiu como carabiniere para Roma. Giovannina, a filha maior, se casou e partiu para Reggio Calabria. Antonietta se casou e partiu para a Austrália, embarcando no último navio que zarpou de Messina antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial.

A guerra arrancou à Consolata os três filhos que ainda estavam com ela: os dois gêmeos e o menor. Com o outro, que partiu de Roma, quatro fizeram a guerra. Três voltaram.

Quando chegou a notícia da morte de Domenico, um dos gêmeos, os berros da Consolata encheram a aldeia e toda a aldeia berrou com ela.

Terminada a guerra, dois filhos voltaram para casa, mas por pouco tempo. Partiram eles também, um atrás do outro: Pasquale, o gêmeo que sobrevivera, partiu para Montevideu, onde se fixara o pai; Carmelo, o menor, reuniu-se ao irmão maior, em São Paulo. E por fim Marietta, a filha mais nova, casou e partiu, ela também, para a Austrália, indo reunir-se à irmã.

La Consolata ficou na aldeia com uma única filha, Francesca, sozinha ela também, porque o marido, como o marido de sua mãe, como muitos outros maridos, partira.

Fechado o armazém, vivia da pensão que o Estado lhe dava pelo filho morto e algum dinheiro que os filhos, de onde estavam, lhe enviavam. Foi quando a conheci: ela tinha sessenta e seis anos, eu treze.

Em julho de 1952, meu pai viajou para a Calábria, para passar quinze dias com a mãe, e me levou com ele, para que eu conhecesse aquela nonna distante.

La Consolata nos acolheu na porta de casa, o rosto severo, os cabelos brancos fixados num coque na nuca, o vestido preto que lhe chegava aos tornozelos. Abraçou meu pai, disse algo para mim, mas eu não entendi. E continuei a não entender uma só palavra daquilo que dizia. E ela falava muito, falava lentamente com meu pai, que a escutava atento. Eu a olhava falar, e em seu rosto sombrio via passar sofrimento, tristeza, raiva, gemidos quase de pranto. Dela eu nada sabia. E somente agora me

arruolò come carabiniere e partì per Roma. Giovannina, la figlia maggiore, si sposò e andò ad abitare a Reggio Calabria. Antonietta si sposò e partì per l’Australia, imbarcando sull’ultima nave che salpò da Messina prima dello scoppio della Seconda Guerra Mondiale.

La guerra strappò alla Consolata i tre figli che erano ancora con lei: i due gemelli e il figlio minore. Con l’altro figlio, partito da Roma, furono quattro a fare la guerra. Ne ritornarono tre.

Quando arrivò la notizia della morte di Domenico, uno dei gemelli, gli urli della Consolata riempirono il paese e tutto il paese urlò con lei.

Finita la guerra, due figli tornarono a casa, ma per poco tempo. Partirono anche loro, uno dopo l’altro: il gemello sopravvissuto, Pasquale, raggiunse il padre, che si era stabilito a Montevideo; il minore, Carmelo, si riunì al fratello maggiore, a São Paulo del Brasile. Infine, la figlia più piccola, Marietta, si sposò anche lei con uno che partiva per l’Australia, e andò a riunirsi alla sorella.

La Consolata rimase in paese con un’unica figlia, Francesca, anche lei sola, perchè il marito, come il marito di sua madre, come tanti altri mariti, era partito.

Chiusa la bottega, viveva della pensione che lo Stato le dava per il figlio morto e un po’ di soldi che i figli, da dove erano, le mandavano. La conobbi in quel periodo: lei aveva sessantasei anni, io tredici.

Nel luglio del 1952 mio padre andò in Calabria per restare quindici giorni con la madre, e mi portò con sé, per farmi conoscere quella nonna lontana.

La Consolata ci accolse sulla soglia di casa, il viso severo, i capelli bianchi fissati in un nodo sulla nuca, il vestito nero che le arrivava alle caviglie. Abbracciò mio padre, mi disse qualcosa, ma io non la capii. E continuai a non capire una sola parola di quello che diceva. E lei parlava molto, parlava a lungo con mio padre, che l’ascoltava attento. Io la guardavo parlare, e sul viso buio vedevo passare sofferenza, tristeza, rabbia, gemiti quasi di

pergunto: o que dizia nonna Consolata? De que filho falava? De que dor?

Eram lindos os bosques da Sila, e linda foi a festa da Madona do Carmo. Mas depois de três dias comecei a chorar: queria voltar para casa, e chorei tanto que afinal meu pai teve de ceder às minhas lágrimas, e me levar de volta para Roma.

Nonna despediu-se de nós na porta de casa, e parecia que sua figura preta, imóvel diante daquela sua velha casa, nunca se separaria dela, quase fossem uma coisa só. Pensei que não a veria nunca mais, e não fiquei triste.

Mas voltei a vê-la três anos depois, na estação de Nápoles, onde nos encontramos às vésperas de nosso embarque para o Brasil: outro filho da Consolata partia, e dessa vez partia ela também.

Logo a reconheci, quando chegou o trem da Calábria, debruçada à janela, o vestido preto, os cabelos brancos desgrendados pela viagem.

Olhou para mim e disse algo, mas eu não entendi:

– Ela disse que você cresceu muito, nesses três anos, – explicou meu pai.

Depois ela disse algo dirigindo-se a meu pai, e dessa vez entendi:

– E se ela chorar, no Brasil? – disse nonna Consolata.

pianto. Di lei non sapevo nulla, e solo ora mi chiedo: cosa diceva, nonna Consolata? Di quale figlio parlava? Di quale dolore?

Erano belli i boschi della Sila, e bella fu la festa della Madonna del Carmine. Ma dopo tre giorni mi misi a piangere: volevo tornare a casa, e piansi tanto che mio padre dovette cedere alle mie lacrime, e riportarmi a Roma.

Nonna ci salutò dalla soglia di casa: sembrava che la sua figura nera, immobile davanti a quella sua vecchia casa, non dovesse staccarsene mai, quasi fossero tutt'uno. Pensai che non l'avrei rivista mai più, e non ne provai tristezza.

E invece la rividi tre anni dopo, alla stazione di Napoli, dove ci incontrammo alla vigilia del nostro imbarco per il Brasile: un altro figlio della Consolata partiva, e questa volta partiva anche lei.

La riconobbi subito, affacciata al finestrino, quando arrivò il treno dalla Calabria, il vestito nero, i capelli bianchi scapigliati per il viaggio.

Mi guardò e disse qualcosa, ma io non la capii:

– Ha detto che sei cresciuta molto in questi tre anni, – spiegò mio padre.

Poi disse qualcosa rivolta a mio padre, e questa volta capii:

– E se piange, in Brasile? – disse nonna Consolata.

21. Migração de interior

Lionizia Goyá

Eu nasci numa cidadezinha, com pouco mais de 10 mil habitantes. Pequena para nossos padrões gigantescos de nação continente, e vazia para meus olhos alabregados juvenis. Cravada no coração do Brasil, a pequena Caçu resiste à modernidade com seus sistemas interioranos tradicionais. Estacionada no tempo, contrasta com o novo e resiste ao desenvolvimento. Contudo, sem perder sua majestade de Terra acolhedora e matriz. Um refúgio. Um abrigo. Um adágio terreno para muitos que buscam paz e tranquilidade.

Apesar de tanta serenidade, calma e regozijo, nem tudo é quietude e fleuma. Meu interior juvenil de alma sonhadora devaneia. Feito fogo, meu desejo de liberdade queima minhas membranas, esmaga meu ego, dilacera meu âmago. Este desejo extrapola o limite de compreensão de pais roceiros, contentes com a vida humilde e simples. Seres ingênuos e honestos, que ganham seu sustento trabalhando de sol a sol. Com, o suor de seus corpos, acumulam recursos para uma aposentadoria de tempo que está por vir.

Minha essência imatura quer coisas novas. Busca novos horizontes. Anseia por algo maior que viver na mediocridade do não tentar. De nunca saber. Do não buscar.

Comparo meus sonhos à Terra – são enormes, redondos e soltos no espaço. Com total liberdade, circulam no alvedrio permissivo de gigantismo fantasioso.

E eu desejo. Quero fugir. Sair deste marasmo. Encontrar uma história nova. Conhecer novos mundos e desbravar na

21. Migrazione nell'interno

Lionizia Goyá

Sono nata in un paesino con poco più di diecimila abitanti. Piccolo per i nostri standard giganteschi di nazione-continente, e vuoto per i miei rozzi e giovani occhi. Ficcata nel cuore del Brasile, la piccola Caçu resiste alla modernità con i suoi sistemi provinciali tradizionali. Ferma nel tempo, contrasta con il nuovo e resiste allo sviluppo, però senza perdere la maestà di terra maternale e accogliente. Un rifugio. Un riparo. Un adagio terreno per molti che cercano pace e tranquillità.

Nonostante tanta serenità, calma e conforto, non tutto è quiete e flemma. La mia giovane anima sognatrice vaneggia. Come fuoco, il mio desiderio di libertà brucia le mie membrane, schiaccia il mio ego, strappa il mio intimo. Questo desiderio supera il limite della comprensione di genitori contadini, soddisfatti della vita umile e semplice. Persone ingenua ed oneste che si guadagnano da vivere lavorando dall'alba al tramonto. Con il sudore dei loro corpi, mettono da parte tutto il possibile per prepararsi al tempo che verrà.

La mia essenza immatura vuole cose nuove. Cerca nuovi orizzonti. Anela a qualcosa di più grande che vivere nella mediocrità del non provare. Del non sapere mai. Del non cercare.

Paragono i miei sogni alla Terra – sono enormi, rotondi e sciolti nello spazio. Con totale libertà, girano nell'arbitrio permissivo del gigantismo fantasioso.

E io desidero. Voglio scappare. Uscire da questa apatia. Trovare una storia nuova. Conoscere nuovi mondi ed esplorare nella quiete dell'anima insana la tenerezza di essere eterna.

quietude de alma insana a meiguice de ser eterna. Um mundo a ser descoberto agiganta em minha mente, e em minha frente, desponta a oportunidade. Contraí. Abracei a causa e caminhei rumo ao desconhecido. Livrei-me das amarras. Levei-me por várias passagens. Fiz trilhas e trilhas e encontrei no caminhar, outro ser perdido – eu mesma, em minha alma errante.

Por tempos, vaguei em orbe estranha. Acumulei colheitas insanas e escarnei de fruto proibido e desfrutável. Comi estrabo animal e bebi do cálice proibido de região mundana. Vivi depressivas experiências e retornei ao marasmo. Imêmore, apodreci na sarjeta. Por longa data fui esquecida.

Posteriormente, retornei às minhas raízes. Dei uma volta por cima e desandei ao passado. Encontrei minha paz – minha família – um adorado – um ser abençoado que trouxe consigo uma carga de tripla vida.

– O que eu procurava estava bem perto, e por certo mudou meu viver!

Encontrei nos filhos de meu amado, o grande legado, que mudou minha existência! Apresentada a dois seres abençoados, um pouco desamparados, com ascendência Manzan e historieta Italiana, acolhi dois imigrantes!

A vida é um eterno mistério, e registro nestas minhas andanças a riqueza de mudança que estes seres me proporcionaram.

Estamos construindo, juntos, uma nova experiência de viver, conviver, renascer e proscrever as injúrias de sermos separados por um oceano de diferenças. Um mar de conhecimento tomou conta de nossas existências. Minha vida simples de cabocla interiorana no Brasil foi amalgamada de conhecimentos além-mar.

Trocamos. Melhoramos. Afinamos laços e construímos com respeito e gratidão o que a vida nos deu: uma oportunidade de crescimento, num mar de rosas...

A rosa e a flor-da-palma (urumbeta) são cercadas de espinhos, entremeto, continuam sendo plantadas para adornar os jardins. No horto de nossa vivência, aprendemos a arrancar os

Un mondo da scoprire s'ingigantisce nella mia mente, e davanti a me spunta l'opportunità. L'ho colta. Ho abbracciato la causa e camminato verso l'ignoto. Mi sono liberata dalle catene. Mi sono portata attraverso vari passaggi. Ho percorso sentiero dopo sentiero e ho trovato nel camminare un altro essere perduto – me stessa, nella mia anima errante.

Per un tempo ho vagato in terra estranea. Ho accumulato raccolti insani e schernito il frutto proibito e fruibile. Ho mangiato sterco animale e bevuto dal calice proibito di regione mondana. Ho vissuto esperienze deprimenti e son tornata all'apatia. Immemore, ho marcito nel fosso. A lungo dimenticata.

Più tardi, sono tornata alle mie radici. Mi sono sollevata ho ripercorso il passato. Ho trovato la mia pace – la mia famiglia – un amato – un essere benedetto che ha portato con sé un carico di vita tripla.

– Quello che cercavo era molto vicino e ha certo cambiato la mia vita!

Ho trovato nei figli del mio amato la grande eredità che ha cambiato la mia esistenza! Presentata a due esseri benedetti, un po' indifesi, con ascendenza Manzan e una storia italiana, ho accolto due immigrati!

La vita è un eterno mistero, e registro in questo mio girovagare la ricchezza di cambiamenti che questi esseri mi hanno portato.

Stiamo costruendo insieme una nuova esperienza di vivere, convivere, rinascere e proscrivere l'offesa di essere separati da un oceano di differenze. Un mare di conoscenza ha dominato le nostre esistenze. La vita semplice da contadina provinciale in Brasile con saperi venuti da oltremare.

Abbiamo fatto uno scambio. Siamo migliorati. Abbiamo stretto legami e costruito con rispetto e gratitudine ciò che la vita ci ha dato: un'opportunità di crescita, in un letto di rose...

La rosa e il fiore dell'opunzia (urumbeta) sono circondati di spine eppure continuano a essere piantate per adornare i giardini. Nel giardino della nostra esperienza di lunghi anni di convi-

estrepes da trajetória, valorizando o perfume exalado das enfloras no decorrer destes anos de coexistência.

E colhemos frutos – uma verdadeira salada de inovações e barganhas. Alvitres saborosos, literalmente à mesa, de viveres juntados:

Antepastos Bruschetta, Sardela, Foccacia maravilhosos compõem nosso passadio que acompanham os pratos principais arroz com galinha e guariroba, feijão caipira e o quibebe goiano. Nosso segundo Prato (segundo piatto) Tiramisù, Trufufi, Caprese al limone na agregação às sobremesas bolinho de queijo, toicim-do-céu e doce de leite pingo. Um degustar de sabores e construções maravilhosas. Uma troca de experiência. Um aprender sempre. Um crescer contínuo. Um trocar eterno.

Encontrar o equilíbrio. O período de preparo do ‘capeletti’ e do ‘empadão goiano’ são díspares. Contudo, no aquecer do forno e cozer das chamas, a cozinha é acalorada, e os corações presentes no recinto respiram, aliviados pelo distanciamento, que é a frieza de trabalhar no isolamento. O tempo é sábio e sabe, conhece a casa. Sente cheiros diversos: pamonha, pão de queijo, bolo cremoso de fubá, leitoa recheada, bolinho de arroz com queijo, caldo de mocotó, costelinha com quiabo, dobradinha, frango com milho, pequi, leitão à pururuca, mané pelado e vaca atolada...

Neste cozer dos temperos com cheiros e estabilização, consegue ouvir um respirar calmo de família feliz. Certeza de dias vindouros, com novas fórmulas e agrados diversos. Receitas que estão apenas principiando para, com o tempo, colher a verdadeira paz.

Conquistas de uma jovem, hoje mulher madura, que distingue na experiência de sua vida, a grandiosidade que é a troca de conhecimento e valoração da ascendência e dos costumes. Hoje, com maturidade, valoriza o estar junto, o fazer parte, a simplicidade do permanecer. Acredita nos valores familiares. Às duras penas, aprendeu a cozinhar os problemas para aliviar o amargor das derrotas de sonhos isolados. Em um aprofundar, de

venza, abbiamo imparato a strappare le spine dal nostro cammino e a valorizzare il profumo emanato dai fiori.

E abbiamo raccolto dei frutti — una vera insalata di innovazioni e scambi. Proposte saporite, di cibi messi insieme, a tavola:

Meravigliosi antipasti di bruschetta, sardella e foccacia compongono il nostro cibo quotidiano, che accompagna la portata principale di riso con pollo e palmito di *guariroba*, fagioli alla contadina e *quibebe goiano*. Il nostro secondo piatto tra tiramisù, tartufi, caprese al limone e vari altri dessert quali *bolinho de queijo*, *toicim-do-céu* e *doce de leite pingo*. Un dilettersi di sapori e costruzioni meravigliose. Uno scambio di esperienze. Un imparare sempre. Una crescita continua. Un eterno scambiare.

Trovare l'equilibrio. Il tempo di preparazione dei cappelletti e dell'*empadão goiano* sono differenti. Ciononostante, nel calore del forno e nel bruciare delle fiamme, la cucina è riscaldata e i cuori presenti nella stanza respirano, sollevati dal distanziamento, che è il freddo di lavorare in isolamento. Il tempo è saggio e sa, conosce la casa. Sente odori diversi: pamonha, pão de queijo, torta cremosa di fubá, maiale farcito, crocchetta di riso con formaggio, brodo di *mocotó*, *costelinha com quiabo*, *dobradinha*, pollo con granturco, *pequi*, maiale à *pururuca*, *mané pelado*, *vaca atolada*...

In questo cuocere di condimenti che si equilibrano ed emanano i loro profumi, si può sentire un respiro calmo di famiglia felice. Certezza di giorni futuri, con nuove formule e cortesie diverse. Ricette che sono solo all'inizio ma che col tempo raggiungeranno la vera pace.

Conquiste di una giovane, ormai donna matura, che riconosce nell'esperienza della sua vita la grandiosità che è lo scambio di conoscenze e l'apprezzamento dell'ascendenza e dei costumi. Oggi, con maturità, valorizza l'essere insieme, il far parte, la semplicità del rimanere. Crede nei valori familiari. Con grande difficoltà ha imparato a cucinare i problemi per attenuare l'amarrezza delle sconfitte di sogni isolati. Scendendo nel profondo dei veri sentimenti ha capito la grandiosità dell'incontro per la

sentimento verdadeiro, percebeu a grandiosidade do encontro para a reciprocidade fraterna. Apropriada prescrição de bem-viver humanitário.

Récipe! Ricetta, receita fecunda e rotunda! Dou viva a este chão, e as agruras desta Terra vívida, cheia de paixões verdadeiras, reconhecendo, no escambo, os ditames de vida plena!

reciprocità fraterna. Prescrizione appropriata per un amichevole buon vivere.

Recipe! *Receita*, ricetta tonda e feconda! Grido il mio evviva a questo suolo e agli stenti di questa Terra vivida, ricca di passioni sincere, e riconosco nello scambio i dettami della vita piena!

22. Vitória do Vitório

Lorien Marta Zanini

Chamava-se Vittore. Era inteligente, ousado e destemido. Nasceu em 1860, em Pez de Cesiomaggiore, “frazione” de Feltre na província de Belluno. Sua história comove e estimula. Acostumado desde cedo com as agruras da vida, perdera, quando criança, seu pai Lorenzo, um homem bom e trabalhador. E de forma traumática.

Acompanhava-o auxiliando-o a vender vassouras e outros objetos artesanais, fabricados por eles próprios quando, atacado por cão raivoso, viera a falecer em terras estranhas, na Áustria. Ele e o irmão Pietro voltaram para casa sozinhos. Por causa da doença o pai fora internado, isolado e sequer seu corpo fora entregue à família após sua morte.

Aos 18 anos vai para o exército onde o irmão mais velho Pietro servia. Face às agruras e aos maus tratos, deserta e foge, juntamente com o irmão. Vai para a França, mas a região nada lhe oferece de desafiador. Seguindo o movimento migratório, desembarca com o irmão nos Estados Unidos.

Por razões ignoradas, Pietro vai para a Austrália, enquanto Vittore encontra um bom emprego na Philadelphia, como telegrafista da estrada de ferro. Sabia inglês, falava francês e italiano, era culto, gostava de ler, de teatro e de música.

Nos dois anos que vivera nos EUA não se sentia em casa, tinha a convicção de que não era aí que deveria formar família, fincar raízes. Seu espírito inquieto e aventureiro o impelia a novos desafios. Nem a Austrália, onde encontrava-se Pietro, nem o Brasil para onde migraram sua mãe, Teresa, e os irmãos, Maria

22. La vittoria di Vitório

Lorien Marta Zanini

Si chiamava Vittore. Era intelligente, coraggioso e intrepido. Era nato nel 1860 a Pez di Cesiomaggiore, frazione di Feltre, nella provincia di Belluno. La sua è una storia che commuove e dà coraggio. Abituato da piccolo alle difficoltà della vita, perse il padre Lorenzo, un uomo buono e lavoratore, quand’era ancora un bambino. Fu un vero trauma.

Vittore lo accompagnava al lavoro e lo aiutava a vendere scope e altri oggetti artigianali fabbricati da loro stessi, quando un giorno mentre si trovavano in Austria, il padre fu aggredito da un cane rabbioso e morì in terra straniera. Vittore e suo fratello Pietro tornarono a casa da soli. A causa delle ferite, il padre era stato ricoverato in ospedale, in isolamento, e nemmeno il suo corpo fu riconsegnato alla famiglia dopo la morte.

A diciotto anni partì per l’esercito, dove il fratello maggiore Pietro era in servizio. Davanti agli stenti e ai maltrattamenti, decise di disertare e fuggì, insieme al fratello. Andò in Francia, ma la regione non gli offriva nessuna sfida. Seguendo il flusso migratorio, sbarcò con il fratello negli Stati Uniti.

Per motivi ignoti, Pietro partì per l’Australia, mentre Vittore trovò un buon lavoro a Filadelfia, come telegrafista delle ferrovie. Sapeva l’inglese, parlava il francese e l’italiano, era colto, gli piacevano la lettura, il teatro e la musica.

Nei due anni vissuti negli Stati Uniti non si sentiva a casa, era convinto che non era lì che doveva mettere su famiglia, gettare radici. Il suo spirito inquieto e avventuroso lo spingeva a nuove sfide. Né l’Australia, dov’era Pietro, né il Brasile, dove era

e Giovanni, o interessavam naquele momento. Desloca-se para o Panamá e trabalha nas obras de construção do canal.

O Canal do Panamá que liga o Oceano Atlântico ao Oceano Pacífico pelo mar do Caribe tem cerca de 80 quilômetros. Sua construção iniciada em 1881, por franceses, é interrompida seis anos depois porque, neste período, milhares de trabalhadores adoeceram e morreram em decorrência de doenças tropicais como malária, hepatite, febre amarela e outras.

Em 1904 os Estados Unidos retomam as obras e o canal é inaugurado dez anos após, constituindo-se na principal via de navegação entre os dois oceanos cuja travessia é essencial para o comércio marítimo internacional.

O Brasil

Vittore descobre que também aí não era seu lugar. Decide migrar para o Brasil, para perto da mãe, irmãos e sobrinhos e tornar-se agricultor. Adquire uma bela área rural de 302.500 m² na última colônia implantada no Rio Grande do Sul, Antônio Prado. É neste lote de número 3 da Linha Amarílio que Vittore se instala. Abriga-se em troncos de árvores até construir uma pequena moradia.

As condições estavam dadas para uma nova vida. Queria agora constituir família, ter filhos, prosperar e levar uma vida normal. Estava com quase 30 anos e sentia-se preparado. Pragmático procura uma esposa mas não encontra jovens solteiras na comunidade.

Monta em seu cavalo e segue para Caxias do Sul, localidade próxima. Possivelmente tenha contatado famílias amigas, de seus relacionamentos na Itália porque consta que já, nesta primeira tentativa, encontra Maria, com quem assume o compromisso de casamento. Acertam a data para o noivado.

Na viagem seguinte, conforme combinado previamente, Vittore e Maria noivam e marcam a data do matrimônio. Era 1889, mês de novembro quando o noivo segue novamente para Caxias do Sul. Desta vez leva um cavalo extra para trazer a espo-

migrata sua madre Teresa e i fratelli Maria e Giovanni, gli interessavano in quel momento. Si trasferì a Panama e lavorò alla costruzione del canale.

Il Canale di Panama, che collega l'oceano Atlantico al Pacifico attraverso il mar dei Caraibi, è lungo circa 80 chilometri. La sua costruzione, iniziata nel 1881 dai francesi, fu interrotta sei anni dopo perché, in quel periodo, migliaia di lavoratori si ammalarono e morirono a causa delle malattie tropicali come la malaria, l'epatite, la febbre gialla e altre.

Nel 1904 gli Stati Uniti ripresero i lavori e il canale fu inaugurato dieci anni dopo, diventando la principale via di navigazione fra i due oceani, la cui traversata è essenziale per il commercio marittimo internazionale.

In Brasile

Vittore scoprì che neanche lì era il suo posto. Decise di migrare in Brasile, dove si trovavano la madre, i fratelli e i nipoti, e di diventare agricoltore. Acquisì una bella area rurale di 302.500 m² nell'ultima colonia fondata nello stato di Rio Grande do Sul, Antônio Prado. È in questo lotto numero 3 della Linha Amarílio che Vittore si stabilì. Si riparò sotto tronchi di alberi fino a quando non fu pronta la piccola dimora.

Ormai le condizioni per una nuova vita c'erano. Adesso voleva mettere su famiglia, avere figli, prosperare e avere una vita normale. Aveva quasi trent'anni e si sentiva preparato. Di indole pragmatica, si mise alla ricerca di una sposa ma non trovava ragazze nubili nella comunità.

Salì sul suo cavallo e si diresse a Caxias do Sul, località vicina. Forse ricevette l'aiuto di famiglie amiche, legate alle sue conoscenze in Italia, perché si dice che già in questo primo tentativo trovò Maria, con cui si impegnò a sposarla. Fissarono la data del fidanzamento.

Nel viaggio successivo, come concordato in precedenza, Vittore e Maria celebrarono il fidanzamento e fissarono la data del matrimonio. Era il 1889, il mese di novembre, quando lui si

sa consigo. Casam-se no dia dezoito, na Paróquia Santa Teresa D'Ávila e iniciam a partir desta data uma nova vida, de desafios, alegrias e muito trabalho.

O casal estruturou uma bela propriedade e formou um patrimônio significativo tanto econômico quanto moral cujo legado permanece até hoje. Vittore, além de administrar a produção rural, construiu uma oficina de marcenaria onde produzia peças em madeira: mesas, cadeiras, móveis. Seguindo aprendizado que obtivera com o pai, aperfeiçoara habilidades e transformara-se num dos mais importantes construtores de rodas e carroças da região.

O casal teve oito filhos e a tristeza de perder Verônica, menina de apenas quatro anos de idade. Poucos anos depois, com apenas 56 anos, Vittore, que com o tempo passara a chamar-se Vitório, morre. O fígado doente o trai. Talvez em decorrência de sua estada no Panamá tenha adquirido hepatite.

Vittore jamais retornara à sua terra natal. Sentia saudades e se lamentava de que jamais veria sua bela Itália. Por outro lado, sentia-se gratificado e orgulhoso pelo que criara aqui e pelo legado que deixava. Seus filhos continuariam sua saga.

recò di nuovo a Caxias do Sul. Questa volta portò un cavallo in più per tornare con la sposa. Si sposarono il 18, alla Parrocchia Santa Teresa D'Ávila, e da questa data iniziarono una nuova vita, ricca di sfide, gioie e molto lavoro.

La coppia arredò una bella proprietà e mise insieme un patrimonio notevole sia economico che morale, la cui eredità rimane ancora oggi. Vittore, oltre a gestire la produzione rurale, costruì un'officina di falegnameria dove fabbricava articoli in legno: tavoli, sedie, mobili. Seguendo ciò che aveva imparato dal padre, aveva perfezionato le sue abilità e si era trasformato in uno dei più importanti fabbricanti di ruote e carri di legno della regione.

La coppia ebbe otto figli ma fu colpita dalla tragica perdita di Veronica, una bimba di soli quattro anni. Pochi anni dopo, a soli 56 anni, Vittore, che con il tempo aveva cominciato a chiamarsi Vitório, morì. Il fegato malato lo tradì. Forse durante il suo soggiorno in Panama aveva contratto l'epatite.

Non era mai tornato alla terra natale. Sentiva nostalgia e si lamentava che non avrebbe mai rivisto la sua bella Italia. D'altra parte, si sentiva gratificato e fiero di ciò che aveva creato qui e dell'eredità che lasciava. I suoi figli avrebbero continuato la sua saga.

23. A casa da colônia

Luciana de Souza Mazur

Era apenas um trabalho de escola, na 6ª série, devia ter onze anos de idade, ou doze; não me recordo ao certo. A professora havia solicitado que elaborássemos uma pesquisa sobre os imigrantes que chegaram ao Brasil e ajudaram a criar a identidade do país.

Logo pensei nos imigrantes poloneses; afinal, sempre soube que meu último sobrenome era de origem polonesa. Era comum esse questionamento quando entrei no colégio. Pensei, ainda, nos imigrantes portugueses, seria fácil, pois foram eles que povoaram Porto Alegre, minha cidade. Vários pontos turísticos de lá foram construídos por eles.

Qual não foi minha surpresa quando fui informada de que deveria pesquisar sobre imigração italiana. Sabia que minha avó paterna é descendente de italianos; aliás, era tudo o que sabia.

Então, imediatamente, veio a minha memória a velha casa da colônia onde meus avós moravam quando era criança. Se bem me recordava, possuía dois andares: a parte de baixo, o porão, de material e, na parte superior, a construção era de madeira, pintada em verde-claro. Fazia contraste com a vegetação, em verde-escuro, ao fundo.

Havia um portão de ferro, cor vinho, que dava acesso ao porão, lugar de tantas brincadeiras. Ou, quando fechado, impedia que fôssemos lá fazer bagunça. À noite, naquela escuridão, dava medo de entrar no local. Durante o dia era sinônimo de diversão, com aquele balanço de pelego que não existia em nenhum outro lugar. Achava engraçado que havia galochas que

23. La casa di campagna

Luciana de Souza Mazur

Era soltanto un compito di scuola in prima media. Dovevo avere undici anni, oppure dodici, non ricordo bene. L'insegnante ci aveva chiesto di fare una ricerca sugli immigrati che erano arrivati in Brasile e avevano aiutato a costruire l'identità del paese.

Ho subito pensato agli immigrati polacchi; del resto, ho sempre saputo che il mio cognome era di origine polacca. Era una domanda che mi facevano sempre da quando ero entrata nella scuola. Ho anche pensato ai portoghesi; sarebbe stato facile, perché furono loro a popolare Porto Alegre, la mia città. Diverse attrazioni turistiche lì furono loro a costruirle.

Figuratevi la mia sorpresa quando mi è stato comunicato che avrei dovuto fare la ricerca sull'immigrazione italiana. Sapevo che la mia nonna paterna era discendente di italiani, ma era tutto ciò che sapevo.

Allora mi è venuta immediatamente alla memoria la vecchia casa di campagna dove i miei nonni abitavano quando ero bambina. Se mi ricordavo bene, aveva due piani: la parte inferiore, lo scantinato, in muratura, e la parte superiore, in legno, dipinta di verde chiaro. Contrastava con la vegetazione verde scuro, sul dietro.

C'era un portone di ferro, color vino, che dava accesso allo scantinato, luogo di tanti giochi. Oppure, quando chiuso, ci impediva di andarci a fare chiasso. Di notte, in quel buio, faceva paura entrare lì. Ma durante il giorno era sinonimo di divertimento, con quell'altalena con la pelle di pecora che non c'era da nessun'altra parte. Trovavo buffo che ci fossero le calosce che i

meus avós usavam, próximas ao freezer. Deveriam estar lá em cima guardadas no roupeiro, pensava.

Nos fundos da casa, havia uma churrasqueira diferente, menor do que aquela do prédio em que morava; o estranho é que ninguém assava churrasco ali.

Havia também o milharal, onde a brincadeira era certa: dava até para se esconder por lá, pois minha baixa estatura permitia então. Era divertido provar as ameixas, tirando apenas a casquinha, pensando que ninguém ia perceber que não comi toda a fruta; mas a vó, agricultora que dependia do que plantava, não perdoava e chamava a atenção quando encontrava as frutas perdidas no mato.

Lembrei, ainda, daquele cheiro de grama molhada, logo depois que parava de chover; das bolachas caseiras que não encontrava em Porto Alegre e só podia comer quando ia para a colônia. E havia uma cesta, perfeita para piqueniques. Faz anos, mas parece que foi ontem.

Os banhos de rio também foram lembrados; naquela época, pouco se falava em poluição e era possível se divertir sem maiores preocupações no rio Suzana, se os pais estivessem por perto. Nem era preciso usar maiô ou biquíni, bastava colocar uma bermuda, uma camiseta e cair na água.

Pronto. Estava feita a pesquisa, bastava escrever sobre as viagens para a casa da vó, descendente italiana e relatar minhas aventuras por lá.

Hoje, passados anos daquele episódio e após muitas pesquisas realizadas por conta própria sobre meus ascendentes que vieram da Itália, tenho outra interpretação para cada item de que me recordo da casa da colônia, e que fizeram parte de uma paisagem agradável quando criança.

A casa propriamente dita ficava na parte superior, pois no porão eram realizadas as tarefas necessárias para a sobrevivência da família típica italiana; lá ficavam guardados salame, geleias e outros produtos produzidos pelos meus avós que viriam a ser comercializados ou consumidos por eles. Com os recursos

miei nonni usavano, vicino al congelatore. Dovrebbero essere lassù nell'armadio, pensavo.

Sul retro della casa c'era un barbecue differente, più piccolo di quello dell'edificio dove abitavo; lo strano era che nessuno arrostitiva la carne lì.

C'era anche il campo di granturco, perfetto per giocare: ci si poteva anche nascondere; la mia bassa statura allora lo permetteva. Era divertente assaggiare le prugne mangiandone soltanto la buccia, credendo che nessuno si sarebbe accorto che non avevo mangiato tutto il frutto; ma la nonna, agricoltrice che dipendeva da ciò che piantava, non perdonava e ci rimproverava quando trovava i frutti dispersi sull'erba.

Mi sono ricordata, inoltre, di quell'odore di erba bagnata, di quando cessava la pioggia; dei biscotti caserecci che non trovavo a Porto Alegre e potevo mangiare soltanto quando andavo in campagna. E c'era un cestino, perfetto per i picnic. Sono passati tanti anni, ma sembra ieri.

Anche i bagni nel fiume ricordo; a quell'epoca, si parlava poco di inquinamento ed era possibile divertirsi senza grandi preoccupazioni nel fiume Suzana, sempre che i genitori stessero lì vicino. Non ci voleva neanche il costume da bagno, bastava mettere un paio di pantaloncini, una maglietta e tuffarsi nell'acqua.

Ecco. La ricerca era pronta. Bastava raccontare delle gite a casa della nonna di origine italiana e descrivere le avventure che mi capitavano là.

Oggi, a distanza di molti anni da quell'episodio e dopo tante ricerche fatte per conto mio sui miei ascendenti venuti dall'Italia, ho un'altra interpretazione per ogni elemento di quella casa di campagna di cui mi ricordo e che costituiva un paesaggio piacevole per me quand'ero bambina.

La casa vera e propria era nella parte superiore, perché nello scantinato erano realizzate le attività necessarie alla sopravvivenza della famiglia tipica italiana; lì erano conservati i salami, le marmellate e altri prodotti fabbricati dai miei nonni e che sarebbero stati commercializzati o consumati dalla famiglia. Con

obtidos, seriam adquiridos sementes, galinhas, equipamentos e o que mais precisassem para continuar vivendo na colônia.

As galochas do porão serviam para que a vó e o vô se protegessem das cobras e de outros animais perigosos durante a lida no campo. Por essa razão, era necessário que ficassem na parte inferior da casa por comodidade. No local coberto, próximo à construção, não havia carro que pudesse levar meus avós à cidade, pois não era comum naquela época os bancos ofertarem linhas de crédito aos agricultores para a compra de um veículo. Sorte que hoje existem diversas cooperativas que auxiliam a vida de quem trabalha no campo.

A churrasqueira que mencionei, na realidade, era o forno onde eram assados os pães caseiros deliciosos que nos aguardavam em cima da mesa posta. A cesta não era para piqueniques, e sim para levar o lanche dos meus avós enquanto trabalhavam na roça.

Agora entendo a preocupação de minha avó com o desperdício quando encontrava ameixas quase inteiras jogadas na grama, com pequenas dentadas: seus antepassados vieram da Itália numa época difícil e também passaram por muitas dificuldades quando aqui chegaram. Para conquistar um pequeno pedaço de terra para dali tirar seu sustento e de sua família foi necessário um árduo trabalho e muita economia.

Ah, que saudade da casa da colônia!

il ricavato, si acquistavano semi, galline, attrezzi e quant'altro occorresse per continuare a vivere nella fattoria.

Le calosce nello scantinato servivano perché la nonna e il nonno si proteggevano dai serpenti e da altri animali pericolosi durante il lavoro nei campi. Per questo motivo era necessario che restassero nella parte inferiore della casa, per comodità. In un locale coperto, nei pressi della costruzione, non era parcheggiata nessun'automobile che potesse portare i miei nonni in città, perché non era comune a quei tempi che le banche concedessero credito agli agricoltori per l'acquisto di un veicolo. Per fortuna oggi ci sono diverse cooperative che aiutano a vivere chi lavora nei campi.

Il barbecue che ho menzionato era in realtà il forno dove erano cotti gli squisiti pani caserecci che ci attendevano sulla tavola apparecchiata. Il cestino non era per i picnic, ma per portare la merenda dei nonni mentre lavoravano nei campi.

Ora capisco la preoccupazione di mia nonna con lo spreco quando trovava delle prugne quasi intere gettate sull'erba, con piccoli morsi: i suoi antenati erano venuti dall'Italia in un'epoca difficile e avevano sopportato molte difficoltà quando ci erano arrivati. Per conquistare un piccolo pezzo di terra da cui ricavare il sostentamento loro e della loro famiglia, ci volle lavoro duro e molto risparmio.

Ah! Come mi manca la casa di campagna!

24. Na barra do saio

Maria de Fatima Boni de Oliveira

Alta costura, ditar a tendência, design e estilo são qualidades intrínsecas ao povo da Lombardia. Embora hoje esta região seja de muito status e riqueza, nem sempre foi assim.

No período do *Risorgimento*, em todo norte da Itália, a pobreza era tamanha, que os pais de família caminhavam quilômetros para tentar caçar algum animal para a alimentação e, com sorte, encontravam uma lebre. Em outras ocasiões, penduravam na viga do telhado um arenque preso por um fio. Durante as refeições todos tocavam, delicadamente, um pedaço de polenta no peixe para retirar um pouco de seu sabor. Além disso, procuravam comer em silêncio, com cuidado para não bater os talheres, para evitar que os vizinhos soubessem que ali a comida não estava tão escassa. Era doloroso não poder compartilhar.

Em Quingentole, na Província de Mântova, a Família de Giuseppe Barbieri e Amabilia Michellini possuía uma pequena propriedade rural e animais. Ainda assim seu futuro se mostrava incerto.

Um dia Giuseppe chegou em casa contando que alguns de seus amigos haviam decidido “fare la Mérica”. “Será que também nós deveríamos emigrar?”. Assim, o casal e o primogênito Avelino, saíram de casa e, passando entre os imponentes leões de mármore rosa que guardam a entrada da Igreja de San Lorenzo, diante de Deus, encontraram a força e a coragem necessárias para tomar a atitude que mudaria para sempre suas vidas: deixar a terra natal e engrossar a fila de emigrantes que chegariam ao Brasil.

24. Cuciti alla sottogonna

Maria de Fatima Boni de Oliveira

L’alta moda, la capacità di dettare le tendenze di design e di stile sono qualità intrinseche del popolo della Lombardia. Anche se oggi questa regione ha tanto prestigio e ricchezza, non fu sempre così.

Nel periodo del Risorgimento, in tutto il nord d’Italia, la povertà era tale che i padri di famiglia camminavano chilometri nel tentativo di cacciare un animale per cibo e, quando avevano fortuna, trovavano una lepre. In altre occasioni, appendevano alla trave del tetto un’aringa legata a un filo. Durante i pasti tutti passavano leggermente un pezzo di polenta nel pesce per prendere un po’ del suo sapore. Inoltre, cercavano di mangiare in silenzio, facendo attenzione a non battere le posate, per evitare che i vicini sapessero che lì il cibo non era così scarso. Era doloroso non poter condividere.

A Quingentole, in provincia di Mantova, la famiglia di Giuseppe Barbieri e Amabilia Michellini possedeva una piccola proprietà rurale e qualche animale. Eppure il futuro era incerto.

Un giorno Giuseppe tornò a casa raccontando che alcuni dei suoi amici avevano deciso di “far la Merica”. “Dovremmo emigrare anche noi?” Così la coppia e il primogenito Avelino uscirono di casa e, passando fra gli imponenti leoni di marmo rosa che fanno la guardia all’entrata della Chiesa di San Lorenzo, davanti a Dio, trovarono la forza e il coraggio necessari per prendere la decisione che avrebbe cambiato per sempre la loro vita: lasciare la terra natale e ingrossare la fila di emigranti che sarebbero arrivati in Brasile.

Venderam a propriedade e providenciaram a passagem. Além da bagagem, composta de baús, malas, tecidos, linhas e agulhas e ferramentas agrícolas, trouxeram sete quilos de moedas obtidas com a venda dos bens e que acreditavam ser suficientes para comprar um pedaço de chão no Brasil. No Porto de Gênova embarcaram no Vapor Carlo R que, deixando na memória da família Barbieri os três apitos roucos e melancólicos, característicos da partida, seguiu pelas águas frias do mar da Ligúria rumo à América. Em 05 de fevereiro de 1888, desembarcaram no Porto de Santos e seguiram de trem para a Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo.

Como os fazendeiros paulistas precisavam de mão de obra qualificada para trabalhar na lavoura de café, dirigiam-se frequentemente à Hospedaria em busca das famílias. Os contratos de trabalho duravam anos, pois previam desde o preparo da terra até a colheita final que era feita por todos: pais, avós e filhos.

Foi oferecido a Giuseppe e Amabilia um contrato para trabalhar em uma fazenda no bairro do Pinheirinho em Itu, no Estado de São Paulo. Cansados da longa viagem, sem compreender a língua e ansiosos para conseguir um meio para sustentar a família, assinaram-no. Perceberam que o plano de adquirir uma propriedade rural teria que ser adiado, pois a duração do contrato era de seis anos. Contudo, que outra opção havia?

Naquele período as casas que os fazendeiros destinavam aos imigrantes eram como as utilizadas pelos escravos. Não foi diferente na Fazenda Pinheirinho. A Família Barbieri foi morar numa casa pequena e de pouca estrutura, construída em taipa e chão de terra batida, sem nenhuma segurança. Como confiar em deixar ali os sete quilos de moedas trazidos?

A criatividade da “estilista oficial” da família, Amabilia, foi fundamental para solucionar esse problema. Com um design arrojado e inovador, guardou o dinheiro de forma curiosa, e que dificilmente um ladrão poderia lhes roubar: costurou os sete quilos de moedas na barra do saio. Usou-o sempre, durante todos os 2.190 dias que durou o contrato, trabalhando no

Venderono la proprietà e acquistaron il biglietto. Oltre al bagaglio, costituito da bauli, valigie, tessuti, fili, aghi e attrezzi agricoli, portarono sette chili di monete ottenuti con la vendita dei beni e che credevano fossero sufficienti per comprare un pezzo di terra in Brasile. Al Porto di Genova s'imbarcarono sul piroscampo Carlo R che, lasciando nella memoria della famiglia Barbieri i tre fischi rauchi e malinconici, caratteristici della partenza, seguì sulle acque fredde del mar Ligure verso l'America. Il 5 febbraio 1888, sbarcarono al Porto di Santos e andarono in treno all'Albergo degli Immigrati a San Paolo.

Siccome gli agricoltori dello stato di San Paolo avevano bisogno di manodopera qualificata per lavorare nelle piantagioni di caffè, andavano spesso all'Albergo in cerca di famiglie. I contratti di lavoro duravano anni, perché prevedevano dalla preparazione del terreno alla raccolta finale, che era realizzata da tutti: genitori, nonni e figli.

Fu offerto a Giuseppe e Amabilia un contratto per lavorare nella fattoria Pinheirinho, a Itu, nello stato di San Paolo. Stanchi dal lungo viaggio, senza capire la lingua e ansiosi di ottenere un mezzo per sostenere la famiglia, lo firmarono. Capirono che il piano di acquistare una proprietà rurale avrebbe dovuto essere rinviato, perché la durata del contratto era di sei anni. Ma quale altra scelta avevano?

In quel tempo le case che erano destinate agli immigrati erano come quelle utilizzate per gli schiavi. Non fu diverso alla fattoria Pinheirinho. La famiglia Barbieri andò ad abitare in una casa piccola e di struttura esile, fatta di terra e senza pavimento, che non offriva nessuna sicurezza. Come fidarsi a lasciare lì i sette chili di monete portati con loro?

La creatività della “stilista ufficiale” della famiglia, Amabilia, fu essenziale per risolvere il problema. Con un design audace e innovativo, nascose i soldi in un modo curioso per cui difficilmente un ladro glieli avrebbe potuti rubare: cucì i sette chili di monete alla sua sottogonna. L'usò sempre, durante tutti i 2.190 giorni che durò il contratto, mentre lavorava alla preparazione

preparo da terra, na plantação das sementes, no transplante das mudas, na capina e na colheita do café. Não deixou de vestir o valioso saio nem mesmo durante as gestações dos filhos nascidos no Brasil. Foi um período muito sofrido, no qual Amabilia contraiu um problema de saúde, possivelmente por ter carregado o peso das moedas por tanto tempo.

Mas as dificuldades foram superadas. Giuseppe e Amabilia conseguiram finalmente adquirir a tão sonhada propriedade rural, criaram seus filhos e se tornaram uma família conceituada em Itu.

O primogênito, Avelino, meu bisavô, casou-se com Virginia Cavana, teve dez filhos, quarenta e quatro netos e muitos bisnetos. Dentre eles desfilam empresários, educadores e artistas. Com a doação, pelos seus descendentes, de um terreno para a abertura de uma avenida, seu nome foi imortalizado: Avenida Avelino Barbieri.

Este conto torna inesquecível a história de Giuseppe, Amabilia e os sete quilos de moedas presos ao saio. Os primeiros imigrantes já nos deixaram e levaram consigo quantas belas histórias? Este registro objetiva também homenagear e manter viva a memória dos muitos outros protagonistas anônimos que somaram na construção do Brasil.

del terreno, alla semina, al trapianto delle piantine, alla sarchiatura e alla raccolta del caffè. Non mancò di indossare la preziosa sottogonna nemmeno durante le gestazioni dei figli nati in Brasile. Fu un periodo molto difficile, in cui Amabilia contrasse un problema di salute, forse per aver trasportato il peso delle monete per tanto tempo.

Ma le difficoltà furono superate. Giuseppe e Amabilia riuscirono finalmente ad acquistare la tanto sognata proprietà rurale, allevarono i figli e diventarono una famiglia rispettata di Itu.

Il primogenito, Avelino, mio bisnonno, sposò Virginia Cavana, ebbe dieci figli, quarantaquattro nipoti e tanti pronipoti. Tra di loro si annoverano imprenditori, educatori e artisti. Con la donazione, dei suoi discendenti, di un terreno per l'apertura di un viale, il suo nome fu immortalato: Avenida Avelino Barbieri.

Questo breve racconto rende indimenticabile la storia di Giuseppe, Amabilia e i sette chili di monete cuciti alla sottogonna. I primi immigrati ci hanno già lasciato; quante belle storie hanno portato con loro? Questo registro ha anche lo scopo di rendere omaggio e mantenere viva la memoria di tanti altri protagonisti anonimi che hanno contribuito alla costruzione del Brasile.

25. A preta da terra e os sete gigantes

Maria Helena Curti

Era uma vez uma menina que vivia no melhor dos ninhos. Pretinha pelo sol inclemente da região, branquinha pela pureza interior e mulata na miscigenação cabocla e generosa da alma.

Um príncipe encantado, loiro de olhos azuis, longelíneo, típico do norte da Itália, surgiu nessa estória para enriquecer uma etnia cafuza. Como galã saído das telas, montado num cavalo branco, apeou na Fazenda Santa Helena e ai amarrou sua vida por quase cinquenta anos.

De 1959 a 2003 viveram juntos Pretinha e Pedrinho, a infância de seus filhos e da cinematografia brasileira, exibindo filmes, construindo cinemas, distribuindo películas por cada canto desse sertão da araraquarense .

Na construção dessa saga, Pietro, imigrante italiano e principio desse realismo mágico antecipou com sua esposa, a polentara Saleta, em Taquaritinga, um “cinema paradiso” no final do século dezenove.

Esse filme saltou do sonho dos nonos para a tela da vida, ainda pelos idos de 1880, com o elenco dos filhos Francisco, Joana, Teresa, Manoel e Antonio.

Francisco seria o esteio de força, como primogênito, habituado que era ao trabalho pesado. Joana cuidaria da “bombonière” providenciando a venda de balas, bombons e guloseimas, só sendo vetadas as gomas de mascar, novidades que danificavam as cadeiras. Teresa, mística como ela só, seria a benzedeira e encarregada dos passes para abençoar e energizar a plateia e a sala de projeção. Manezinho, “nato prematuro”, seria o lanterninha

25. Neraterra e i sette giganti

Maria Helena Curti

C’era una volta una bambina che viveva nel migliore dei nidi. Nera per il sole inclemente della regione, bianca per la tanta purezza interiore, mulatta per l’incrocio caboclo e generosa di animo.

Un principe azzurro dai capelli biondi e gli occhi blu, slanciato, tipico del nord Italia, apparse in questa storia per arricchire un’etnia zambo. Come un divo uscito dallo schermo, in groppa a un cavallo bianco, giunse alla fattoria Santa Helena dove vi legò la sua vita per quasi cinquant’anni.

Dal 1959 al 2003, Pretinha e Pedrinho vissero insieme l’infanzia dei loro figli e della cinematografia brasiliana, proiettando film, costruendo cinema, distribuendo pellicole in ogni angolo di questo *sertão* attraversato dalla Ferrovia Araraquarense.

All’inizio di questa lunga saga, l’immigrato italiano Pietro, pioniere di questo realismo magico, insieme a sua moglie, la polentaia Saleta, installò nella città paulista di Taquaritinga un “cinema paradiso” alla fine del XIX secolo.

Questo film finì dai sogni dei *nonos* sullo schermo della vita ancora negli anni 1880, con attori i figli Francisco, Joana, Teresa, Manoel e Antonio.

Francisco come primogenito era la colonna portante, abituato com’era al lavoro pesante. Joana si occupava della vendita all’ingresso di caramelle, cioccolatini e ghiottonerie, essendo vietate soltanto le gomme da masticare, novità che danneggiava le sedie. Teresa, mistica senza pari, era la guaritrice responsabile di benedire e infondere energia nel pubblico e nella sala

já que parecia um vagalume com seu corpinho franzino.

Antonio, ah esse Antonio, que era também Leopoldo, já “nato brasileiro” e empelicado nasceu com toque de Midas. Sortudo e inteligente, era colocado sobre um caixote para alcançar o projetor e dar o start na máquina maravilhosa onde passavam os rolos de celulose que deliciavam as platéias, ávidas por comédias, feitos épicos e romances adocicados cheios de beijos inesquecíveis...

Com a ajuda de todos e o trabalho incessante da família, descobriram seu “sentido na vida” que Viktor Frankl define como a essência do saber.

Antonio estudou e se formou em São Paulo se tornando contador por famosa escola de Comércio. O menino que cresceu atrás daquele projetor aprendeu a galgar os degraus da sua existência, tal como subia naquele caixotinho, todas as noites com a gana de mostrar encantamentos e lutar por seus ideais. Ele roubou o calor e a energia do carvão grafitado que iluminava cada cena dos filmes e que continuaria aquecendo e iluminando cada cena da sua vida.

Já não era mais em Taquaritinga, no velho cine São Pedro, mas em Rio Preto, agora casado com Leonor, onde construíram seu novo lar. Depois de fabricar sabonetes que lhes perfumavam a casa, o cheirinho de quatro crianças lhes movimentava os dias e inspirava dignidade e trabalho.

Foram os primeiros anos dos mais de setenta que viveram juntos e felizes nessa terra de São José.

A paixão na infância pelo cinema, sempre presente, trouxe de volta o mundo mágico que embalara seus dias de garoto. Comprou um terreno num ponto estratégico e construiu o cine São José. Depois comprou o cine Rio Preto e construiu o cine São Paulo... e não parou nunca mais...

Encantou gerações, trazendo de Rodolfo Valentino a Ava Gardner, de John Wayne a Elizabeth Taylor, de Mazzaropi a Eliana e Adelaide Chiozzo, deleitando plateias com divas e galãs de várias épocas.

di proiezione. Manezinho, nato prematuro, era il *lanterninha*, l'usciera che indicava agli spettatori i loro posti con una torcia elettrica, in quanto sembrava una lucciola con il suo corpicino gracile.

Antonio, ah! quell'Antonio, che era anche Leopoldo, già “*brasileiro nato*”, e nato con la camicia, aveva il tocco di Mida. Fortunato e intelligente, lo mettevano in cima a una piccola cassa perché arrivasse all'altezza del proiettore e desse l'avvio alla macchina meravigliosa dove giravano le bobine di celluloidi che dilettavano il pubblico avido di commedie, imprese epiche e sdolcinate storie d'amore, piene di baci indimenticabili...

Con l'aiuto di tutti e il lavoro incessante della famiglia, scoprirono il loro “senso della vita” che Viktor Frankl definisce come l'essenza del sapere.

Antonio studiò e si diplomò ragioniere in una famosa scuola di Commercio di San Paolo. Il bambino che era cresciuto dietro a quel proiettore imparò a salire i gradini della sua esistenza, proprio come saliva su quella cassetta ogni sera con la voglia di mostrare meraviglie e lottare per i suoi ideali. Rubò il calore e l'energia del carbone grafite che illuminava ogni scena dei film e che avrebbe continuato a riscaldare e illuminare ogni scena della sua vita.

Già non era più a Taquaritinga, nel vecchio Cine São Pedro, ma a São José do Rio Preto, dove, ormai sposato con Leonor, costruì una nuova dimora. Dopo aver fabbricato saponette che profumavano la loro casa, l'odorino di quattro bambini agitava i loro giorni e gli ispirava dignità e lavoro.

Furono i primi anni di settanta e più che vissero insieme felici in questa terra di San Giuseppe.

La passione d'infanzia per il cinema, sempre presente, gli riportò il mondo magico che aveva cullato i suoi giorni di bambino. Acquistò un terreno in un punto strategico e costruì il Cine São José. Poi comprò il Cine Rio Preto e costruì il Cine São Paulo... e non si arrestò più...

Incantò generazioni, portando da Rodolfo Valentino ad Ava

Essa fábrica de fantasias e de sonhos durou décadas até que o efêmero da vida secou como uma lágrima e... se teve que segurar o sorriso pelo tempo necessário...

Voltando a menina Pretinha queimada de sol chegamos meio século depois à Preta da Terra e os Sete Gigantes.

Essa menina se casou com aquele “príncipe encantado de olhos azuis, longilíneo”, como um galã saído das telas, um dos filhos de Antonio e Leonor. Virou a Preta da Terra e teve dois dos seus sete gigantes. Mais dois chegaram, grandes netos heróis do futuro, vinte e tantos anos mais tarde. Os outros três gigantes chegaram há pouco e são os mais recentes amores desse conto de fadas.

Assim como nos filmes imigrou também a história da Branca de Neve e os Sete Anões. Virou a Preta da Terra e os sete Gigantes, ganhou cores locais, temperadas com cravo, canela e pimenta, plena de sabores nossos e de valentes brasileiros da gema.

Gardner, da John Wayne a Elizabeth Taylor, da Amácio Mazzaropi a Eliana e Adelaide Chiozzo, dilettando il pubblico con dive e divi di più epoche.

Questa fabbrica di fantasie e di sogni durò decenni, finché l'effimero della vita seccò come una lacrima e... si dovette tenere il sorriso per il tempo necessario.

Tornando alla bambina Pretinha bruciata dal sole, arriviamo mezzo secolo più tardi a Neraterra e i sette giganti.

Quella ragazza si sposò con quel “principe azzurro dagli occhi blu, slanciato, come un divo uscito dallo schermo”, uno dei figli di Antonio e Leonor. Diventò Neraterra ed ebbe due dei suoi sette giganti. Ne vennero altri due, grandi nipoti eroi del futuro, circa vent'anni più tardi. Gli altri tre sono nati non molto tempo fa e sono i più recenti amori di questa fiaba.

Proprio come nei film, emigrò anche la storia di Biancaneve e i sette nani. Diventò Neraterra e i sette giganti, assunse i colori locali, speziati con chiodi di garofano, cannella e pepe, pieni di sapori nostrani e di bravi e veri brasiliani.

26. A palavra

Maria Rosa Fontebasso

Ela sempre se dizia aculturada. Orgulhava-se de sua participação em momentos históricos do país, defendendo o fim da ditadura, as eleições diretas e a defesa da democracia ainda jovem e frágil. Aprendera a abrir os olhos para as diferenças e a aceitá-las, podando os espinhos do medo e da recusa. Enfim, tornara-se uma mulher que aceitava a vida como um desafio, uma aventura a ser construída momento a momento.

No caminho, no entanto, alguma coisa de si mesma ficara latente, talvez descurado fosse a palavra mais justa. Era a sua origem. Não que ela não falasse sobre isso. Quando acontecia, falava com orgulho e falava também que ela era o que era, por causa de seus pais e pela cultura trazida da terra onde nascera.

Apesar disso, a distância física com o lugar de onde tinha vindo criara uma distância emotiva. Acercava-se da Itália nos interstícios da realidade trazida pelas notícias que lhe chegavam pela imprensa ou pelos parentes que lá ficaram. Carregou em seus pertences o paradoxo de orgulhar-se e, ao mesmo tempo, mentir-se sobre a importância de ter nascido aqui ou ali. Chegara a afirmar que ela era uma cidadã do mundo.

Ultimamente, multiplicavam-se as ocasiões nas quais recordava o contentamento de um dia, esfumaçado e longínquo em que se despediu feliz dos coleguinhas de aula porque sua família viria para a América. Uma caixa de bombons e um livro de histórias, ambos guardados com ternura na memória e lhe testemunhavam uma falta. Uma recorrência dolorida.

Entre aquela despedida e seu momento atual, um oceano e

26. La parola

Maria Rosa Fontebasso

Si era sempre definita acculturata. Era fiera della sua partecipazione ai momenti storici importanti del Brasile, difendendo la fine della dittatura, le elezioni dirette e la democrazia ancora giovane e fragile. Aveva imparato ad aprire gli occhi alle differenze e ad accettarle, potando le spine della paura e della negazione. Insomma, era diventata una donna che accettava la vita come una sfida, un'avventura da costruire momento per momento.

Lungo il percorso, però, qualcosa di se stessa era rimasta latente, o forse trascurata è la parola più giusta. Era la sua origine. Non è che non ne parlasse. Quando lo faceva, ne parlava con orgoglio e diceva che era la persona che era grazie ai suoi genitori e alla cultura portata dalla terra dov'era nata.

Ciononostante, la distanza fisica dal posto da dove era venuta aveva creato una distanza emotiva. Si avvicinava all'Italia per i frammenti della realtà portati dalle notizie che le arrivavano tramite la stampa o i parenti che ci erano rimasti. Portava nelle sue cose il paradosso di sentirsi orgogliosa e, allo stesso tempo, mentire a se stessa sull'importanza di essere nata qua o là. Giunse a definirsi una cittadina del mondo.

Ultimamente, si moltiplicavano le occasioni in cui ricordava la soddisfazione di un giorno sfumato e lontano in cui aveva salutato felice i compagni di classe perché la famiglia si sarebbe trasferita in America. Una scatola di cioccolatini e un libro di storie, entrambi conservati con tenerezza nella memoria, testimoniavano una mancanza. Una ricorrenza dolorosa.

uma vida transcorrida de costas para o passado. Sim, de costas, pela necessidade de sobrevivência numa terra que lhe foi generosa, mas também dura. Logo seu pai faleceu e o caminho de “fazer a América”, truncado. Ela se constituiu aqui no infundável lutar pela vida. Seguiu o conselho paterno e o caminho do estudo para vencer, formou-se professora doutora. Necessitou ser brasileira, renunciou à sua cidadania originária. Tudo estava no seu devido lugar, “era natural” dizia-se. Neste natural havia falhas que, após anos, a empurraram para o Consulado, mas uma negativa indiferente de um funcionário ao pedido de reaver seu pertencimento calou-a um tempo. Tentara uma segunda vez, nada havia se alterado. Conformara-se. No entanto, as leis italianas foram mudando e ela não soube.

Se, por um lado, o envelhecimento lhe dera estabilidade, por outro, aquele canto descurado foi crescendo cada vez mais insistente. Admitia uma falta que se conectava com sua identidade. Passara a se incomodar quando devia preencher seus dados com a nacionalidade brasileira. Outro paradoxo? Só sabia que a falta foi tomando contornos de uma ideia obstinada, a recuperação de sua cidadania tolhida porque uma burocracia assim o exigira. Os tempos se sucederam, realizou o que tinha que realizar, mas as raízes reclamavam cuidado no terreno.

Renunciar à sua origem fora um ato necessário repetiu-se muitas vezes. Sofreu ao ver-se estrangeira quando voltou ao lugar onde aprendera a falar, a escrever e a pensar. Sim, pensar, porque o pensamento é diferente em cada língua, as palavras tem sua própria força, protegem ou abandonam, identificam ou desenraizam. Ela as fora substituindo.

Seu retorno seria pela língua materna, só depois ela compreendeu isso. Voltou a ser menina na aventura das letras. Aula após aula vasculhou a intimidade com o já sabido na infância. Palavra após palavra, detalhe após detalhe, pronúncia após pronúncia, verbos aprendidos na escola e declinados corretamente agora numa surpresa que ultrapassava as melhores expectativas. O verbo é o princípio, aprendera no catecismo.

Fra quell’addio e il momento attuale, un oceano e una vita trascorsa volgendo le spalle al passato. Sì, le spalle, per la necessità di sopravvivere in una terra che era stata generosa con lei, ma anche dura. Presto suo padre era morto e con lui l’intento di “far l’America”. Lei aveva costruito se stessa qui, nella lotta senza fine per la vita. Aveva seguito il consiglio paterno e la strada dello studio per vincere, ed era diventata professoressa universitaria. Aveva sentito il bisogno di essere brasiliana, aveva rinunciato alla cittadinanza originaria. Era tutto a posto, “era naturale”, diceva a se stessa. In questo naturale c’erano lacune che, dopo anni, l’avevano spinta a rivolgersi al Consolato, ma il rifiuto indifferente di un impiegato alla sua richiesta di riavere la cittadinanza l’aveva fatta ammutolire per bel po’ di tempo. Poi ci riprovò ma nulla era cambiato. Infine si rassegnò. Eppure le leggi italiane sono cambiate nel tempo, ma lei non l’aveva saputo.

Se da un lato invecchiare le aveva dato stabilità, dall’altro, quell’angolo trascurato cresceva sempre più insistente. Ammetteva una mancanza legata alla sua identità. Cominciò a sentire un disagio quando doveva compilare i dati con la nazionalità brasiliana. Altro paradosso? Sapeva soltanto che la mancanza assumeva i contorni di un’idea ostinata, il recupero della cittadinanza tolta perché una burocrazia lo aveva imposto. Il tempo era passato, aveva realizzato ciò che doveva realizzare, ma le radici richiedevano cura.

Rinunciare alla sua origine era stato un atto necessario, aveva ripetuto a se stessa tante volte. Soffrì nel vedersi straniera quando tornò nel posto dove aveva imparato a parlare, a scrivere e a pensare. Sì, pensare, perché il pensiero è diverso in ogni lingua, le parole hanno la loro forza propria, proteggono o abbandonano, identificano o sradicano. Lei le aveva sostituite poco a poco.

Il suo ritorno sarebbe stato attraverso la lingua materna, ma questo lo capì solo più tardi. Tornò bambina un’altra volta nell’avventura delle lettere. Lezione dopo lezione sondò l’intimità con il già saputo nell’infanzia. Parola per parola, dettaglio

A história de sua terra retornou pelas páginas Levi, Pavese e Vittorini a lhe reavivar as cinzas da época de guerra vivida pelos pais e durante a qual nascera. E com Saviano, Faletti e Magri, uma Itália transformada, mas ainda cheia de contradições como o é a própria vida. Um país que, ao emigrar, era para ela apenas o paese onde nasceu, os Alpes onde passava os verões com seus pais, o cheiro do minestrone e o vermelho dos papaveri no meio do amarelo dos trigais que ela nunca esqueceu.

No caminho das palavras uma descoberta que lhe retirava os obstáculos para os últimos passos. Era preciso retornar para a Itália por um ano e ela seria novamente cidadã italiana. Dúvidas, devaneios e planos decidiram sua volta. Muitos lhe pediram os motivos, afinal, já tinha mais de setenta anos. Não importava o tempo que ainda havia pela frente, buscaria a palavra que ela era.

Voltou, rastreou lugares e gentes, um inventário pedido desde sempre para dar sentido ao que se tornara. Aculturada, sim, como uma árvore assimila as estações e as mudanças do tempo, a brisa suave e os temporais violentos, mas fortemente presa ao solo onde nasceu.

per dettaglio, pronuncia per pronuncia, verbi imparati a scuola e coniugati correttamente adesso in una sorpresa che superava le migliori aspettative. Il verbo è il principio, aveva imparato al catechismo.

La storia della sua terra tornò nelle pagine di Levi, Pavese e Vittorini per ravvivare le ceneri dell'epoca di guerra vissuta dai suoi genitori e durante la quale era nata. E con Saviano, Faletti e Magri, un'Italia trasformata ma ancora piena di contraddizioni come lo è la vita stessa. Un paese che, dopo esser emigrata, era per lei soltanto il paese¹ dov'era nata, le Alpi dove trascorreva l'estate con i genitori, l'odore del minestrone¹ e il rosso dei papaveri¹ in mezzo al giallo dei campi di grano che non aveva mai dimenticato.

Nel cammino delle parole, una scoperta che removeva gli ostacoli per l'ultimo passo. Bisognava tornare in Italia per un anno e sarebbe stata di nuovo cittadina italiana. Dubbi, fantasie e piani decisero il suo ritorno. Molti le chiesero perché se tanto ormai aveva più di settant'anni. Non importava il tempo che ancora avrebbe avuto davanti a sé, avrebbe cercato la parola che lei era.

E adesso è tornata. Ha rintracciato posti e persone, un inventario richiesto da sempre per dare un senso a ciò che è diventata. Acculturata, sì, come un albero che assimila le stagioni e i cambiamenti del tempo, la dolce brezza e le tempeste violente, ma fermamente attaccato al suolo dov'è nato.

¹ In italiano nell'originale.

27. Letizia

Marília Ferreira Emmi

Tantos anos se passaram, mas as lembranças se misturam. Umhas mais nítidas, outras como uma leve fumaça. Mas, no pensamento de Letizia elas vão ganhando contornos e cores compondo retratos de sua vida de imigrante. A chuva parou, o sol voltou a brilhar sobre a baía de Guajará, mas essa mudança no tempo tão comum em Belém não é capaz de pôr um freio na torrente de pensamentos. Ali no porto ela pensa na carta que mudou o curso de sua vida.

- Meu pai, chegou uma carta do Brasil!
- Ah... Sim...deixa-me ver.

Após a leitura, Giuseppe fica sério. Guarda cuidadosamente a carta, nada fala sobre o conteúdo da mesma, aguçando mais e mais a curiosidade.

– O que está escrito nessa carta? Por que meu pai não me deixa ler? Por que esse ar de preocupação no seu olhar?

A vida da família na casinha da sua querida San Costantino di Rivello não vai ser mais a mesma. A mãe envolvida nos afazeres domésticos muda de assunto toda vez que ela pergunta sobre a carta, mas fica separando coisas, arrumando roupa, conversando pelos cantos e muitas vezes chorando. Até que naquele dia...

– Vamos fazer uma longa viagem. Vamos mudar para o Brasil... Lugar bem longe... Belém do Pará. Vincenzo mandou me chamar, ele tem fábrica de sapatos, diz que tem lugar para mim. Aqui está tudo muito difícil...

A cabeça de Letizia girava. Ir embora, deixar tudo para trás. A casa, o jardim que ela cuidava com carinho, a escola, as brinca-

27. Letizia

Marília Ferreira Emmi

Sono passati tanti anni, i ricordi si accalcano nella mente. Alcuni più nitidi, altri come un fumo leggero. Ma nel pensiero di Letizia assumono contorni e colori e compongono ritratti della sua vita di immigrata. La pioggia è cessata, il sole splende di nuovo sulla baia di Guajará, ma questo cambiamento del tempo assai normale a Belém non è capace di mettere un freno al torrente di pensieri. Lì al porto lei pensa alla lettera che ha cambiato il corso della sua vita.

- Babbo, è arrivata una lettera dal Brasile!
- Ah... Sì... fammi vedere.

Dopo la lettura, Giuseppe divenne serio. Mise da parte con cura la lettera, senza dir nulla sul suo contenuto, stuzzicando sempre di più la curiosità di Letizia.

– Cosa c'è scritto in quella lettera? Perché mio padre non mi permette di leggerla? Perché quell'aria di preoccupazione nel suo sguardo?

La vita della famiglia nella casetta della sua cara San Costantino di Rivello non fu più la stessa. La madre occupata nelle faccende domestiche cambiava argomento ogni volta che lei chiedeva della lettera, ma separava cose, organizzava vestiti, parlava in sordina e spesso piangeva. Finché un giorno...

– Faremo un lungo viaggio. Ci trasferiamo in Brasile... In un posto abbastanza lontano... Belém do Pará. Vincenzo mi ha fatto chiamare, ha una fabbrica di scarpe, dice che c'è un posto per me. Qui è tutto molto difficile...

La testa di Letizia girava. Andarsene, lasciare tutto. La casa,

deiras, os parentes, e o Carlo. Como deixar o seu primeiro amor com que sonhava um dia casar? Tristeza, choro, nada adiantou, a decisão estava tomada. A partida, o navio, a febre. Tudo o que viveu na viagem vai desfilando em sua mente. As pessoas que não conhecia e que viajavam em primeira classe, bem vestidos e com muito conforto. Ela junto com a família vivendo as agruras da terceira classe que era compartilhada por outras famílias que faziam a travessia do Atlântico.

A chegada em Belém. Terra desconhecida. O medo de tudo, cidade cheia de mato, as carroças de bois trafegando pelas ruas. O alívio de saber que já havia muitas famílias italianas na cidade. Muitos vizinhos, muitas crianças e jovens de sua idade. Assim não foi difícil aprender a nova língua. A padaria era do seu Gaetano, a oficina de amolar facas do seu Alfredo, a mercearia do seu Angelo, o jornaleiro era seu Vittorio e a dona Genoveva e suas famosas polentas... Como esse bairro do Reduto tinha imigrantes! E não eram só italianos. Tinha espanhóis, portugueses e muitos libaneses. Ah! Tinha ainda o seu Paolo, que diziam ser um homem rico com duas lojas no centro. Ele era pai de Caterina, colega na escola Dante Alighieri. Eu tinha tanto medo dele, de sua cara carrancuda, com enormes bigodes, sempre com um charuto no canto da boca.

O pai foi trabalhar na fábrica do seu Vincenzo. Era uma fábrica grande. Muita gente trabalhando. Ficou lá até a fábrica fechar. Ele gostava de Belém, sentia-se bem acolhido, tinha trabalho, mas queria um dia voltar à Itália com toda a família. Rever sua querida Basilicata, que ele imaginava ainda conhecer cada pedacinho dela, igual como tinha deixado, embora passados tantos anos. Mas, esse dia nunca chegou. A mãe trabalhava em casa, fazia algumas costuras e também macarrão para vender. O orçamento era sempre apertado. Lembrou do tempo de escola, da dificuldade de aprender matemática, das amizades. A guerra... isso era uma lembrança de um tempo muito triste, era melhor não pensar.

O sol se pôs, o céu se pintou de cinza, mais uma vez Letizia

il giardino che curava con affetto, la scuola, i giochi, i parenti, e Carlo. Come lasciare il suo primo amore, con cui sognava di sposarsi un giorno? Tristezza, pianto, tutto invano; la decisione era stata presa. La partenza, la nave, la febbre. Tutto ciò che visse nel viaggio sfilava nella sua mente. Le persone che non conosceva e che viaggiavano in prima classe, ben vestiti e con molto conforto. Lei insieme alla famiglia viveva i disagi della terza classe, condivisa con altre famiglie che facevano la traversata dell'Atlantico.

L'arrivo a Belém. Terra sconosciuta. La paura di tutto, la città invasa da una natura selvatica, i carri di buoi che circolavano per le strade. Il sollievo di sapere che c'erano molte famiglie italiane nella città. Molti vicini, molti bambini e giovani della sua età. Così non fu difficile imparare la nuova lingua. La panetteria del signor Gaetano, la bottega in cui il signor Alfredo arrotava i coltelli, il negozio di alimentari del signor Angelo, il signor Vittorio che faceva il giornalaio e la signora Genoveva con le sue famose polente... Quanti immigrati c'erano in quel quartiere del Reduto! E non solo italiani. C'erano spagnoli, portoghesi e tanti libanesi. Ah! C'era anche il signor Paolo, che si diceva fosse un uomo ricco, con due negozi in centro. Era il padre di Caterina, collega alla scuola Dante Alighieri. Letizia aveva tanta paura di lui, della sua faccia accigliata, con i baffi enormi, sempre con un sigaro all'angolo della bocca.

Il padre cominciò a lavorare nella fabbrica del signor Vincenzo. Era una fabbrica grande. Ci lavoravano un sacco di persone. Ci rimase finché la fabbrica un giorno chiuse. A lui piaceva Belém, si sentiva accolto, aveva un lavoro, ma un giorno sarebbe voluto tornare in Italia con tutta la famiglia. Rivedere la sua cara Basilicata, di cui immaginava di conoscere ancora ogni piccolo angolo, proprio come l'aveva lasciata, nonostante fossero passati tanti anni. Però quel giorno non è mai arrivato. La mamma lavorava a casa, cuciva e faceva la pasta per vendere. Il bilancio era sempre stretto. Ricorda i tempi della scuola, la difficoltà a imparare la matematica, le amicizie. La guerra... questo è un ri-

ficou alheia a qualquer mudança. Muito tempo ainda passaria ali, se não ouvisse:

– Letizia, já é tarde! O espetáculo já vai começar. Vou levar os meninos, vê se não demoras a chegar. A voz era de Manolo, imigrante espanhol seu marido, que a chamava para assistir a uma sessão do circo que estava na cidade. Como ela gostava de circo! Tinha inveja daquela vida nômade! Se imaginava dentro do grupo. Contorcionista? Equilibrista? Não importava. Poderia trabalhar até na bilheteria. Assim sairia dessa vida monótona! Quem sabe chegava à Itália? Voltava a San Costantino...

Mas, naquela noite o circo perdeu a importância. A tristeza era avassaladora. Ela preferiu ir à casa de Francesca, sua velha mãe. Era preciso juntar pedaços de seu passado. Então, banhadas pelo luar, mãe e filha abraçadas, com as lágrimas aos borbotões, para dar vazão à melancolia, ouviam na vitrola a canção Mia Gioconda, na voz de Vicente Celestino

*Italiana,
La mia vita oggi sei tu
Io te voglio tanto bene
Partiremo due insieme
Ti lasciar non posso più*

cordo di un tempo molto triste, meglio non pensarci.

Il sole è tramontato, il cielo si è dipinto di grigio, Letizia è rimasta impassibile. Ci sarebbe restata a lungo, se non avesse sentito:

– Letizia, è tardi! Lo spettacolo sta per iniziare. Porterò i ragazzi, bada a non far tardi. La voce è di suo marito Manolo, immigrato spagnolo, che la chiama a vedere uno spettacolo del circo che è giunto in città. Come le piace il circo! Invidia quella vita nomade! S’immagina nel gruppo. Contorcionista? Equilibrista? Non importa. Potrebbe lavorare anche al botteghino. Così potrebbe lasciare questa vita monotona! Chissà, andarsene in Italia... tornare a San Costantino...

Ma questa sera nemmeno il circo conta. La tristezza è devastante. Preferisce andare da Francesca, la sua vecchia madre. Bisogna mettere insieme i pezzi del suo passato. Allora, bagnate dalla luce della luna, madre e figlia abbracciate, con le lacrime a torrenti, per dare sfogo alla malinconia, ascoltano dal giradischi la canzone Mia Gioconda, nella voce di Vicente Celestino:

*Italiana,
La mia vita oggi sei tu
Io ti voglio tanto bene
Partiremo i due insieme
Ti lasciar non posso più...*

28. Amantes de bicicleta

Sandra Silvestre

O tempo tem disso. Encarrega-se de redimensionar os fatos, aliviar as culpas, romantizar o passado.

Ainda me pergunto: aquilo foi mesmo inesperado? Houve quem estivesse despreparado para o que viria a acontecer? Não sei, eu era tão pequena... Mas foi, de qualquer maneira, um escândalo. Daqueles que quebram as rotinas enfadonhas das cidades do interior. Muito mais quando acontece dentro de família frequentadora assídua de igreja e com a *Santa Ceia* pregada na sala de jantar.

Quando tio Francisco voltou a Nova Vicenza, trazendo a jovem esposa, houve uma desacomodação geral. As mulheres a olhavam com evidente desconforto; os homens, com íntimos pulsares. Mas o que todos se perguntavam era o que ela vira nele. O que lhe chamara atenção no italiano marceneiro, sem o dedo indicador da mão esquerda? E ainda pior, gago! Aquela terrível gagueira que fazia as crianças rirem de lado, tapando a boca com a mão, por puro medo da vara de marmelo.

Claro que não fora isso que o mantivera solteiro por tanto tempo. A mãe o queria sacerdote. Chegara a frequentar o seminário por quase meio ano, mas a gagueira lhe roubou qualquer pretensão de oratórias em púlpitos. Desistindo da vocação sagrada, todos passaram a lhe cobrar matrimônio.

Tia Caetana chegava a dizer que ele, irmão de seu marido, não casava porque era luxento. Tanta moça bonita na região... prendadas, sérias. Mas não. Ele inventara de procurar rabo de saia fora dali.

28. Amanti in bicicletta

Sandra Silvestre

Il tempo ha questo. Provvede a ridimensionare i fatti, alleviare il senso di colpa, rendere romantico il passato.

Ancora oggi mi domando: era davvero inaspettato quello che è successo? C'era veramente qualcuno che non fosse preparato a quanto stava per avvenire? Non lo so, ero così piccola... Comunque fu uno scandalo. Di quelli che spezzano la routine noiosa delle città di provincia. Ancora di più quando accade all'interno di una famiglia assidua frequentatrice della chiesa e con l'*Ultima Cena* appesa alla parete della sala da pranzo.

Quando zio Francisco era tornato a Nova Vicenza con la giovane sposa, ci fu un'agitazione generale. Le donne la guardavano con evidente disagio; gli uomini, con intime palpitazioni. Eppure quello che tutti si chiedevano era cosa lei avesse visto in lui. Ma che cosa ci trovava in quel falegname italiano cui mancava l'indice della mano sinistra? E ancora peggio, balzubiente! Quella terribile balbuzie che faceva ridere i bambini coprendo la bocca con la mano per puro timore dei colpi con la verga di cotogno.

Certo non era per questo che era rimasto celibe così a lungo. La madre lo voleva sacerdote. Aveva perfino frequentato il seminario per quasi mezzo anno, ma la balbuzie gli aveva tolto qualsiasi ambizione a predicare da un pulpito. Quando rinunciò alla vocazione sacra, tutti iniziarono a spingerlo verso il matrimonio.

Zia Caetana, moglie di suo fratello, diceva persino che non si sposava perché era troppo schizzinoso. C'erano tante ragazze

Lorenza – chamava-se Lorenza a mulher de tio Francisco – *meudeus!*, de perto não se conseguia desviar o olhar: a pele clarinha, o cabelo displicentemente preso na nuca, a irradiação dos dentes. Vejo-a ainda se abanando: “Esse calor me mata”, dizia, enquanto as gôndolas do leque veneziano balançavam ao ritmo da mão delicada. E a atenção de homens e meninos - bem, isso não posso jurar se realmente acontecia ou se meu próprio fascínio tratou de inventar -, a atenção de homens e meninos convergia-se para aquele único ponto de luz na sala. Todo o resto, móveis e gentes, não passavam de sombras coadjuvantes. Mesmo tia Caetana, tão rude e avessa a feminilidades, capitulava aos encantos da cunhada e corria solícita fazendo-se de boa anfitriã... “Um suco de uva, Lorenza?”

Foi então que se percebeu a súbita mudança de tio Genaro. Já não saía para o jogo de truco, no clube. À noite, após o jantar, tomava do violino e passava a tocar velhas canções napolitanas. Lorenza, com a intimidade que se ia criando, passou a acompanhá-lo nas serestas. O timbre da diva cabia perfeitamente dentro dos agudos do violino.

Como tia Caetana era obtusamente feliz. Se nunca se queixara das noitadas do marido, em suas invariáveis bebedeiras, a ponto de mais de uma vez ter que lhe despir as botas, agora se mostrava particularmente recompensada por ele ter trocado de hábitos. Era a mais fervorosa admiradora. “Toca a *Santa Luccia*, caro mio”, pedia.

Mas nem Santa Luccia nem todos os santos poderiam reverter a concupiscência dos destinos. E a música, como se cumprisse um dever, ia tecendo, nota à nota, tom a tom, um outro concerto, diferente daquele que estávamos acostumados e que bem poucos ousariam desobedecer. Ah! A razão furiosamente lógica da paixão! Sem rédeas, sem compromissos, sem convenções!

O que se diziam aqueles dois, ele com as cordas do violino, ela com as cordas vocais? Ele com seu falo, ela com sua fala? O que era trocado em seus súbitos silêncios? Eu sabia, mas eu era tão pequena...

belle nella regione... dotate, serie. Ma no. Si era messo in testa di andare a cercar sottane altrove.

Lorenza – si chiamava Lorenza la moglie di zio Francisco – *santo dio!*, non si riusciva a distogliere lo sguardo da lei: la pelle chiara, i capelli trascuratamente raccolti sulla nuca, la brillantezza dei denti. La vedo ancora che si sventolava: “Questo caldo mi fa morire”, diceva, mentre le gondole del ventaglio veneziano ondeggiavano al ritmo della mano delicata. E l’attenzione di uomini e ragazzi – beh, non posso giurare che questo sia vero, forse è stata solo la mia ammirazione per lei che si è presa la briga di inventarlo –, l’attenzione di uomini e ragazzi convergeva su quell’unico punto di luce nella stanza. Tutto il resto, mobili e persone, non erano altro che ombre secondarie. Perfino zia Caetana, così rude e aliena alla femminilità, capitolava davanti all’incanto della cognata e correva sollecita facendosi buona anfitriona. “Un succo d’uva, Lorenza?”

È stato allora che si è notato l’improvviso cambiamento di zio Genaro. Non andava più a giocare a carte al club. La sera, dopo cena, prendeva il violino e cominciava a suonare vecchie canzoni napoletane. Lorenza, con l’intimità che si stava creando, cominciò ad accompagnarlo nelle serenate. Il timbro della diva si inseriva perfettamente negli acuti del violino.

Quant’era ottusamente felice zia Caetana. Se non si era mai lamentata delle notti del marito, delle sue immancabili sbronze, al punto di dover lei stessa sfilargli gli stivali in più occasioni, adesso si mostrava particolarmente ricompensata dal fatto che lui avesse cambiato abitudini. Era la più fervente ammiratrice. “Suona *Santa Lucia*, caro mio”, chiedeva.

Invece neppure Santa Lucia né tutti i santi avrebbero potuto fermare la concupiscenza dei destini. E la musica, come se adempisse un dovere, tessava, nota per nota, tono per tono, un altro concerto, diverso da quello cui eravamo abituati e cui pochissimi avrebbero osato disubbidire. Ah! La ragione furiosamente logica della passione! Senza freni, senza compromessi, senza convenzioni!

Seria a música que os fazia tão diferentes dos demais? Seriam os gestos, os códigos que os faziam pertencer a outro mundo e não ao daquele da pequena Nova Vicenza? Como era gorda, cinza e simplória, tia Caetana! Como era gago, o tio Francisco! Como éramos inferiores diante do violinista e da soprano!

De um outono para inverno, madrugada em ponto, tudo quieto, tudo cúmplice, completou-se o ato conspiratório.

Não, não foi surpresa aquela fuga. O detalhe da bicicleta, sim. Ora, no meio da noite fugirem de bicicleta pelas estradas de pedras irregulares?! E as roupas? E o leque? O violino? Tudo havia ficado.

Bem! Restaram o ressentimento de tia Caetana, a solidão desolada de tio Francisco, o cochicho, quase feliz, abrandando o andar lento e bucólico da cidade.

Nunca mais a família soube do paradeiro de Genaro e Lorenza. Alguns afirmam que se estabeleceram em São Paulo. Que ele, depois de alguns anos, voltou a beber e morreu de culpa e câncer. Que ela, para sobreviver, prostituiu-se. Outros dizem que a sorte do casal foi mesmo a Itália. Que lá encontraram seu verdadeiro destino. A criança que eu era preferiu acreditar na segunda hipótese.

Cosa si dicevano quei due, lui con le corde del violino, lei con le corde vocali? Nelle note che emettevano, quante notti si promettevano? Cos'era scambiato nei loro improvvisi silenzi? Lo sapevo, ma ero così piccola...

Era forse la musica che li faceva così diversi dagli altri? Erano forse i gesti, i codici che li facevano appartenere a un altro mondo e non a quello della piccola Nova Vicenza? Quant'era grassa, grigia e sempliciotta zia Caetana! Quant'era balbuziente zio Francisco! Quant'eravamo inferiori davanti al violinista e alla soprano!

Un giorno fra autunno e inverno, nell'ora esatta della notte fonda, tutto quieto, tutto complice, si compì il complotto.

No, non fu una sorpresa quella fuga. Il particolare della bicicletta, invece sì. Dai, in mezzo alla notte, scappare in bicicletta per le scomode strade selciate? E i vestiti? E il ventaglio? Il violino? Era rimasto tutto là.

Beh! Rimase anche il risentimento di zia Caetana, la solitudine desolata di zio Francisco, il mormorio, quasi felice, che ammansiva il movimento lento e bucolico della città.

La famiglia non seppe mai che fine avessero fatto Genaro e Lorenza. Alcuni sostengono che si stabilirono a San Paolo. Che lui, dopo qualche anno, riprese a bere e morì di colpa e cancro. Che lei, per sopravvivere, si mise a fare la prostituta. Altri dicono che la sorte della coppia sia stata proprio l'Italia. Che abbiano trovato là il loro vero destino. La bambina che ero ha preferito credere a questa seconda ipotesi.

29. Lembranças do Natal

Vitalina Maria Frosi

Tempos distantes, o povoado era tipicamente italiano em seus usos, em suas tradições. Teve início em 1875, com a colonização italiana feita por imigrantes vênnetos, lombardos e trentinos. Quando menina, o mundo era esse. As notícias chegavam pelas vozes familiares, em língua materna, língua dos afetos, elo entre o passado do Velho Mundo e o presente instaurado em terras sul-brasileiras, então, aí vivido e levado adiante pelos italianos, sem rasgos, sem rupturas, sem remendos. A luta por dias melhores, num contexto agreste e hostil, encontrou força em sua fé cristã. A vida, mesmo difícil e enfrentada com muito trabalho, transcorria serena, sem miséria, sem fome.

O céu era azul e unia-se ao horizonte apoiado no alto das pequenas e verdes montanhas. Essa ilusão exercia sobre mim um fascínio incomensurável. Tinha um enorme desejo de ir até esse encontro do céu com a terra, mas meu pai, docemente, esclarecia que enquanto eu fosse me deslocando, também o horizonte do meu sonho iria se diluindo. De difícil compreensão, esse fenômeno continha a inocência dos meus primeiros anos. A beleza e o encanto daquela imagem permaneceram como uma lembrança iluminada que aflui à memória e à consciência de meus anos maduros.

Não havia Papai Noel; na véspera de Natal, visitavam as famílias, montados em jumentos, o Menino Jesus, no colo de sua mãe, acompanhado por São José. Completavam o quadro anjos de cores suaves e cristalinas. Desciam por aquele emblemático horizonte que sempre eu quisera ver de perto, tocando, levando

29. Ricordi di Natale

Vitalina Maria Frosi

Tempi lontani. Il villaggio era tipicamente italiano nelle sue usanze, nelle sue tradizioni. Ebbe inizio nel 1875, con la colonizzazione italiana di immigrati veneti, lombardi e trentini. Da bambina era questo il mio mondo. Le notizie arrivavano attraverso voci familiari, in lingua materna, lingua degli affetti, legame tra il passato del Vecchio Mondo e il presente instaurato nelle terre del sud del Brasile, lì vissuto e portato avanti dagli italiani, senza strappi, senza rotture, senza rattoppi. La lotta per giorni migliori, in un ambiente agreste e ostile, trovò forza nella loro fede cristiana. La vita, benché difficile e affrontata con molto lavoro, trascorrevano serena, senza miseria, senza fame.

Il cielo era azzurro e si univa all'orizzonte appoggiato sulla cima delle piccole e verdi montagne. Quest'illusione esercitava su di me un fascino incommensurabile. Avevo un enorme desiderio di andare fino a quell'incontro di cielo e terra, ma mio padre, dolcemente, chiariva che se mi fossi mosso, anche l'orizzonte del mio sogno si sarebbe man mano diluito. Quel fenomeno così difficile da capire, trapelava l'innocenza dei miei primi anni. La bellezza e l'incanto di quell'immagine rimasero come un ricordo illuminato che affluisce alla memoria e alla coscienza dei miei anni maturi.

Non c'era Babbo Natale; la notte di Natale, in groppa agli asini, tra le braccia della madre il Bambino Gesù accompagnato da San Giuseppe, visitavano le famiglie. Completavano il quadro angeli di colori soavi e cristallini. Scendevano da quell'emblematico orizzonte che avevo sempre voluto vedere da vicino, toccare,

presentes a todas as crianças. Um ano de obediência e de preces, de comportamentos corretos, finalmente, seriam premiados.

Os preparativos começavam bem antes da data sonhada. O rito natalino estendia-se no tempo e no espaço. Os pais tinham muitos filhos, as famílias abrangiam pessoas de várias gerações. Ladeavam nossa casa outras duas, onde moravam tios do lado paterno de origem étnica cremonesa mais a belunesa. Dessa última derivava a tradição de o Menino Jesus e seus acompanhantes serem transportados em jumentos. Somadas as crianças das três famílias, resultava um pequeno exército de inocentes e esperançosas criaturas ligadas ao evento sagrado e festivo.

No período pré-natalino, pátios, estradas e terrenos circunstantes recebiam tratamento peculiar e intensivo, limpavam-se, transformavam-se. Os pequenos jardins revestiam-se de nova aparência, aprimoravam-se para a profusão de flores de espécies várias. Nada podia ser descuidado. As estradinhas levavam a pontos diversos: ao poço d'água, ao quintal, ao açude, à casa dos tios. Os caminhos abriam-se em múltiplas direções. Arcos de flores silvestres entrelaçadas com ramos verdes ornavam as passagens.

Num dia bem planejado, acontecia também a ida dos pais à cidade mais próxima. Aquele era um tempo excepcional e, quebrando a regra, a mãe também ia à cidade, acompanhando o pai às compras. Ela precisava comprar panos e louças para a casa, diziam, o pai não saberia escolher apropriadamente. Doce mentira – cúmplices os pais pelo amor a seus filhos – encobria os singelos brinquedos e objetos que juntos adquiriam. Montados em seus cavalos, lá iam os dois no cumprimento da secreta tarefa.

Os dias e as noites sucediam-se lentamente na visão das crianças! O tempo parecia imóvel, inerte. Os pequenos agitavam-se e, no final, contavam nos dedinhos as horas faltantes para a grande festa. Para eles o dia 24 de dezembro acabava ao pôr-do-sol e, então, iam dormir, condição essencial ao bom êxito da noite. Os pais e os filhos mais velhos esperariam acordados a chegada dos divinos visitantes.

e portavano dei regali a tutti i bambini. Un anno di ubbidienza e preghiere, di comportamenti corretti, era finalmente premiato.

I preparativi cominciavano molto prima della data sognata. Il rito di Natale si prolungava nel tempo e nello spazio. I genitori avevano molti figli, le famiglie abbracciavano diverse generazioni. Accanto alla nostra casa ce n'erano altre due, dove abitavano zii dal lato paterno di origine cremonese e bellunese. Da quest'ultima derivava la tradizione secondo cui il Bambino Gesù e i suoi compagni erano trasportati da asini. Sommati i bambini delle tre famiglie, ne risultava un piccolo esercito di innocenti e speranzose creature legate all'evento sacro e festivo.

Nel periodo prenatalizio, cortili, strade e terreni circostanti ricevevano un trattamento speciale e intensivo; venivano puliti, trasformati. I piccoli giardini si rivestivano di nuova bellezza, si perfezionavano con una profusione di fiori d'ogni sorta. Niente poteva essere trascurato. Le stradine portavano a punti diversi: al pozzo d'acqua, al cortile, al lago, alla casa degli zii. I cammini si aprivano in più direzioni. Archi di fiori selvatici intrecciati con rami verdi ornavano i passaggi.

In un giorno ben programmato, i genitori andavano alla città più vicina. Quello era un tempo eccezionale e, contraddicendo la regola, ci andava pure la madre per accompagnare il padre negli acquisti. Dovevano comprare panni e stoviglie per la casa, dicevano, e il padre non avrebbe saputo scegliere bene. Dolce bugia — complici i genitori per l'amore verso i figli — che celava i semplici giocattoli e oggetti che insieme acquistavano. Montati sui loro cavalli, se ne andavano i due all'adempimento del segreto compito.

I giorni e le notti si succedevano lentamente nella visione dei bambini! Il tempo sembrava immobile, inerte. I piccoli si agitavano e, alla fine, contavano sulle piccole dita le ore che mancavano alla grande festa. Per loro il 24 dicembre finiva al tramonto, e allora andavano a letto, condizione essenziale al buon esito della notte. I genitori e i figli maggiori avrebbero aspettato svegli l'arrivo dei divini visitatori.

Na calada da noite, a mãe preparava a mesa com uma toalha de linho branco, dispunha os pratos, para neles colocar os presentes: gaitinhas de boca, carrinhos, bolas de borracha, apitos, sininhos, bonecas de celuloide, sapatinhos (viva imagem daqueles brancos com bolinhas vermelhas!), amêndoas doces, bombons revestidos de papéis coloridos, doces de massa enfeitados com bolinhas prateadas e douradas, caramelos e tantos outros.

Madrugada ainda, o pai acordava a primeira criança, as demais pulavam da cama em decorrência. Alegria, surpresa e felicidade tomavam conta da casa: pais e filhos envolvidos pelo mesmo clima onírico intercambiavam afetos selados para sempre no fundo da alma. No pátio, marcas dos cascos dos jumentos; ao pé do cinamomo, espigas de milho e pasto meio comidos, simulação da visita acontecida.

Tempo de paz, de aconchego, de júbilo fecundo! Já não se fazem natais como outrora. Perdura densa a saudade desses artifices do passado, de seus feitos criativos. Nossos ancestrais italianos, em território sul brasileiro, construíram pontes de longas e intensas travessias, unindo o Velho ao Novo Mundo, facultando sermos ainda italianos, apesar de brasileiros.

Nel silenzio della notte, la mamma apparecchiava la tavola con una tovaglia di lino bianco e disponeva i piatti per metterci dentro i regali: armoniche a bocca, automobiline, palle di gomma, fischietti, campanelle, bambole di celluloido, scarpette (ancora vivida l'immagine di quelle bianche a pois rossi!), mandorle dolci, cioccolatini rivestiti da carta colorata, dolci di pasta adornati con palline argentate o dorate, caramelle e tanti altri.

Ancora nelle prime ore del giorno, il padre svegliava il primo figlio; gli altri saltavano dal letto per conseguenza. Gioia, sorpresa, felicità dominavano nella casa: figli e genitori coinvolti dallo stesso clima onirico scambiavano affetti segnati per sempre nel profondo dell'anima. Nel cortile, impronte di zoccoli d'asini; sotto il cinnamomo, pannocchie di mais e il pascolo mangiato a metà, simulazione della visita avvenuta.

Tempo di pace, di accoglienza, di giubilo fecondo! Ormai i natali non sono più come una volta. Resta forte la nostalgia di quegli artefici del passato, dei loro atti creativi. I nostri antenati italiani, nel Brasile del sud, hanno costruito ponti per lunghe e intense traversate, unendo il Vecchio al Nuovo Mondo, permettendoci di essere ancora italiani, benché brasiliani.

30. Quando me tornei Forghieri

Yolanda Cintrão Forghieri

Sou brasileira, de São Paulo, mas convivi durante mais de meio século, com a família Forghieri em decorrência do meu casamento com Cyro Forghieri Netto. Filho de Michelina De Francesco Forghieri e Arquimedes Forghieri que deram ao seu filho o nome de seu avô, o primeiro dos Forghieri a vir da Itália para residir em São Paulo- Brasil por volta de 1930.

Cyro Forghieri Netto, era considerado por sua mãe Michelina como o mais italiano de seus seis filhos, devido aos seus traços físicos, sua capacidade de liderança, seu temperamento altivo, seu caráter e sua firmeza de decisões. Eu o conheci em 1942 quando éramos bem jovens: eu com 16 e ele com 17 anos. Nosso primeiro encontro aconteceu durante uma festa-baile na antiga Escola de Comércio Alvares Penteado, onde minha querida prima Flora Bojart estudava. Ao perceber, que ele um garboso e elegante rapaz, olhava para mim com insistência, correspondi ao seu olhar abaixando discretamente a cabeça. Ele aproximou-se e delicadamente convidou-me para dançar. Logo fiquei encantada com sua aparência, sua gentileza e firmeza de movimentos; além disso dançava muito bem. Rapidamente combinamos nossos passos de modo harmonioso. Dançamos juntos, durante todo o baile, sem dizermos uma única palavra, era como se estivéssemos vivendo um lindo sonho, que tínhamos receio de interromper. Até que João, meu irmão, mais velho que me acompanhava na festa, chamou-me e rapidamente fomos embora. Cyro e eu nem tivemos tempo de nos despedir. João que percebera o nosso envolvimento, começou a me re-

30. Quando sono diventata una Forghieri

Yolanda Cintrão Forghieri

Sono brasiliana, di San Paolo, ma ho vissuto per più di mezzo secolo con la famiglia Forghieri a causa del mio matrimonio con Cyro Forghieri Netto, figlio di Michelina De Francesco Forghieri e Arquimedes Forghieri, che hanno dato al figlio il nome di suo nonno, il primo Forghieri a venire dall'Italia intorno al 1930 per abitare a San Paolo.

Cyro Forghieri Netto era considerato da sua madre come il più italiano fra i suoi sei figli, a causa dei tratti fisici, la capacità di comando, il temperamento altero, il carattere e la fermezza nelle decisioni. L'ho conosciuto nel 1942, quando eravamo abbastanza giovani: io avevo 16 e lui 17 anni. Il nostro primo incontro è accaduto durante una festa da ballo all'antica Scuola di Commercio Alvares Penteado, dove studiava la mia cara cugina Flora Bojart. Quando mi sono accorta che lui, un giovanotto elegante e leggiadro, mi guardava con insistenza, ho corrisposto al suo sguardo abbassando discretamente la testa. Lui si è avvicinato e con fare cortese mi ha invitato a ballare. Sono rimasta affascinata subito dalla sua apparenza, la sua gentilezza e la fermezza di movimenti; e inoltre ballava benissimo. In poco tempo i nostri passi si erano sincronizzati in modo armonioso. Abbiamo ballato insieme tutta la festa, senza dire una sola parola. Era come se stessi vivendo un bel sogno, e avessimo paura di interromperlo. Finché João, mio fratello maggiore, che mi accompagnava alla festa, mi ha chiamata e siamo andati via. Cyro e io non abbiamo neanche avuto il tempo di salutarci. João, che si era accorto del nostro coinvolgimento, ha cominciato a rimproverarmi, dicendo

prender, dizendo que eu era ainda muito jovem para namorar. Fiquei com os olhos marejados só ao pensar que talvez eu não encontrasse mais aquele rapaz, por quem eu já me apaixonara. Entretanto na tarde do sábado seguinte, fui à padaria como de costume para comprar pães para o lanche e qual não foi a minha maravilhosa surpresa. Parado na porta, muito alegre e carinhoso lá estava ele, eu ainda nem sabia o seu nome. Abraçamo-nos comovidos e pela primeira vez começamos a nos identificar. Ele contou-me que obteve informações a meu respeito com minha prima Flora que ainda permanecera no baile. Ficou sabendo então de meu costume nos sábados à tarde. Estávamos tão felizes que quase não conversamos, ficamos a nos contemplar, como se quiséssemos gravar para sempre as nossas imagens. Mas eu estava com pressa, pois meus pais ficariam preocupados com minha demora. Combinamos que nos encontraríamos todos os sábados naquela padaria. Lembro-me nitidamente de suas claras e firmes palavras ao nos despedirmos : aguarde-me, pois vamos nos casar ! Fiquei comovida com a firmeza de suas tão importantes palavras.

Depois de dois ou três rápidos encontros na padaria, aos sábados, resolvemos nos ver todos os dias. Ambos estávamos começando a cursar a Faculdade, ele na de Comércio na ACM (Associação Cristã de Moços) eu no memorável “Sedes” (Faculdade de Filosofia , Ciências e Letras “Sedes Sapientiae”). Então resolvemos nos encontrar às 5 horas da tarde em baixo de um grande relógio que havia na Praça da Sé. Depois pegávamos um ônibus que nos levava ao Jardim da Aclimação- e lá de mãos dadas, às vezes, abraçadinhos caminhávamos em volta do imenso lago, revivendo o nosso primeiro sonho. Quase não conversávamos, apenas íamos caminhando devagar, juntinhos , acertando nossos passos. Após um dia chuvoso Cyro comprou um guarda-chuva e nesses dias caminhávamos escutando a chuva bater, enquanto pisávamos no molhado e brilhante chão de areia. Era como se estivéssemos vivendo o nosso sonho de estar juntos, calados, chegando a sentir nossa respiração! Cyro dava passos

che ero ancora troppo giovane per avere un ragazzo. I miei occhi si sono riempiti di lacrime al solo pensare che forse non avrei più incontrato quel ragazzo, di cui ero già innamorata. Tuttavia, il sabato pomeriggio successivo sono andata dal panettiere come al solito per comprare dei panini per la merenda, e figuratevi la mia meravigliosa sorpresa. Eccolo (ancora non sapevo neanche il suo nome) in piedi sulla porta, molto allegro e affettuoso. Ci siamo abbracciati commossi e per la prima volta abbiamo cominciato a identificarci. Mi ha raccontato che aveva ottenuto informazioni su di me da mia cugina Flora, che era rimasta al ballo. Quindi ha saputo della mia abitudine del sabato pomeriggio. Eravamo così felici che quasi non ci siamo parlati; siamo restati a contemplarci, come se avessimo voluto registrare per sempre le nostre immagini. Però avevo fretta, perché i miei genitori si sarebbero preoccupati per il mio ritardo. Ci siamo messi d'accordo di incontrarci ogni sabato in quella panetteria. Ricordo nitidamente le sue parole chiare e decise quando ci siamo salutati: “Aspettami, perché ci sposeremo!” Mi ha commosso la fermezza di quelle sue parole così importanti.

Dopo due o tre incontri veloci alla panetteria il sabato, abbiamo deciso di vederci ogni giorno. Entrambi cominciamo a frequentare la facoltà, lui quella di Commercio alla YMCA locale, io al memorabile “Sedes” (Facoltà di Filosofia, Scienze e Lettere “Sedes Sapientiae”). Così abbiamo deciso di incontrarci alle 5 di pomeriggio sotto un grande orologio che c'era in Praça da Sé, nel centro di San Paolo. Poi prendevamo un autobus che ci portava al Parque da Aclimação — e lì, mano nella mano, a volte abbracciati, camminavamo intorno all'immenso lago, rivivendo il nostro primo sogno. Quasi non parlavamo, soltanto camminavamo piano piano, insieme, portando i nostri passi all'unisono. Un giorno in cui pioveva, Cyro ha comprato un ombrello, e in quelle giornate umide camminavamo ascoltando le gocce di pioggia che cadevano, mentre pestavamo il terreno bagnato e brillante di sabbia. Era come se vivessimo il nostro sogno di stare insieme, in silenzio, al punto di poter ascoltare il nostro res-

firmes que nos conduziam – eu o acompanhava sem perceber que estava sendo conduzida, tal a harmonia do amor que nos envolvia. Ainda hoje reconheço que sua firmeza, seu vigor permaneceram em toda a nossa vida.

No ano em que nos formamos (1945) revelamos nosso namoro às nossas famílias e Cyro passou, com autorização de meus pais, a frequentar a minha casa nos fins de semana, pois já havíamos começado a trabalhar. Eu no “Sedes” como professora e ele como secretário na Companhia Antártica de Bebidas. Conseguimos progredir em nossa carreira, ele chegou a gerente e eu cheguei a Professora da Universidade de São Paulo. Nos tornamos pai e mãe de dois filhos: Claudio e Ricardo e duas filhas Célia e Marisa, todos se formaram em Universidades e encontram-se bem encaminhados na própria vida. Estivemos casados durante cinquenta e quatro anos, chegamos a comemorar com muito amor e alegria nossas Bodas de Prata e Bodas de Ouro. Tivemos sessenta e quatro anos de convivência, entre eles seis foram os de nosso encantado namoro. Vivenciamos muitas realizações e alegrias, mas também vivemos várias frustrações e tristezas que conseguimos enfrentar e transcender na companhia de nossos filhos, filhas, parentes e amigos.

Juntos conseguimos concretizar uma porção de sonhos e também lembrar e reviver o mais importante deles: algumas vezes deixávamos de lado os afazeres e as preocupações e juntos íamos passear no Jardim da Aclimação com aquele mesmo guarda-chuva que guardamos com carinho.

Em nossa família foi de grande importância a firmeza de Cyro atenuada pelo amor que sempre nos uniu e a “leveza” de nossos sonhos e do carinho que sempre reinou entre nós.

Pouco tempo depois de nossas Bodas de Ouro, Cyro teve um enfarte e faleceu. A enorme saudade que sinto de meu querido companheiro, meu Cyrim, como eu o chamava carinhosamente fica mais intensa quando me ponho a recordar de nosso amor, que quase não precisou de palavras, pois sempre nos envolveu como se estivéssemos em.

piro! Cyro faceva dei passi decisi che mi guidavano — l’accompagnavo senza rendermi conto che ero condotta, tale l’armonia dell’amore che ci avvolgeva. Ancora oggi riconosco che la sua fermezza e il suo vigore sono rimasti per tutta la nostra vita.

Nell’anno in cui ci siamo laureati (1945), abbiamo rivelato il nostro rapporto alle nostre famiglie e Cyro ha cominciato, con il permesso dei miei genitori, a frequentare la nostra casa nei fine-settimana, perché ormai avevamo cominciato a lavorare: io al “Sedes” come professoressa e lui come segretario alla compagnia Antarctica di bevande. Siamo riusciti a progredire nelle nostre carriere; lui è riuscito ad essere direttore di reparto e io professoressa all’Università di San Paolo. Siamo diventati padre e madre di due figli, Claudio e Ricardo, e due figlie, Célia e Marisa. Tutti si sono laureati all’università e si sono bene incamminati nella vita. Siamo sposati da cinquantaquattro anni; abbiamo celebrato con molto amore e gioia le nozze d’argento e le nozze d’oro. Abbiamo avuto sessantaquattro anni di convivenza, di cui sei sono stati quelli del nostro incantato corteggiamento. Abbiamo sperimentato tante conquiste e gioie, ma abbiamo anche vissuto molte frustrazioni e tristezze, che siamo riusciti ad affrontare e superare insieme ai nostri figli, figlie, parenti e amici.

Insieme siamo riusciti a concretizzare tanti sogni e anche ricordare e rivivere il più importante fra loro: alcune volte lasciamo da parte le faccende e le preoccupazioni e andavamo insieme a fare un giro nel Parque da Aclimação, con quello stesso ombrello che abbiamo conservato con affetto.

Nella nostra famiglia ha avuto una grande importanza la fermezza di Cyro, attenuata dall’amore che ci ha sempre unito e dalla “leggerezza” dei nostri sogni e dell’affetto che ha sempre regnato fra di noi.

Poco tempo dopo le nostre nozze d’oro, Cyro ha avuto un infarto ed è morto. L’immensa mancanza che mi fa il mio amato compagno, il mio Cyrim, come lo chiamavo affettuosamente, diventa più intensa quando comincio a ricordare il nostro amore, un amore che non ha quasi avuto bisogno di parole.

Biografia / Biografia

Andréa Maria (Andréa Maria Ribeiro de Carvalho Rodrigues)

São José do Rio Preto (SP) - Brasil. Compositora e cantora. Oradora motivacional. Advogada. Tem diversos Cds gravados. São José do Rio Preto (SP), Brasile. Cantautrice. Speaker motivazionale. *Avvocato*. Ha registrato diversi CD.

Angélica Royo (Maria Angélica Royo)

São Paulo (SP), Brasil. Publicitária, tradutora, intérprete, escritora e compositora. Publicações: *A velha do rio* (infantil), *Lendas da Amazônia*, kindle / 2015 e *Cadê as pintinhas da galinha Conchetta*, integrada à música de mesmo título /2015.

San Paolo (SP), Brasile. Pubblicitaria, traduttrice, interprete, scrittrice e cantautrice. Pubblicazioni: *A velha do rio* (per ragazzi), *Lendas da Amazônia*, kindle, 2015 e *Cadê as pintinhas da galinha Conchetta*, con la musica dallo stesso titolo, 2015.

Cida Micossi (Aparecida de Lourdes Micossi Perez)

Santos (SP), Brasil. Professora, escritora e poeta. Participante de grupos literários e culturais. Publicação: *De Mim e dos que Amo*. Santos (SP), Brasile. Professoressa, scrittrice e poetessa. Partecipa a gruppi letterari e culturali. Pubblicazione: *De Mim e dos que Amo*.

Betty Silberstein (Elisabeth Castejón Lattaro Silberstein)

São Paulo (SP), Brasil. Escritora, Revisora, Tradutora. Seus textos e livros são objeto de estudos nos cursos de Estudos Lusófonos da Universidade de Miami, nos Estados Unidos da América. San Paolo (SP), Brasile. Scrittrice, editor, traduttrice. I suoi testi sono oggetto di studio nei corsi di Studi di Lingua Portoghese dell'Università di Miami, negli Stati Uniti d'America.

Carmen Teresa Elias (Camen Teresa do Nascimento Elias)

Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Escritora e artista plástica com exposições paralelas às obras publicadas: *Poesias ao Acaso*, *Insano*, *Clamor: Poesia em versos*, *Ancestralidades*, *Bigúmea*.

Rio de Janeiro (RJ), Brasile. Scrittrice e pittrice le cui opere sono variamente oggetto di esposizioni e di pubblicazioni parallele: *Poesias ao Acaso*, *Insano*, *Clamor: Poesia em versos*, *Ancestralidades*, *Bigúmea*.

Célia e Celma (Célia Mazzei e Celma Mazzei)

São Paulo (SP), Brasil. Articulistas e cantoras, com 15 discos gravados. Publicações: *Por todos os cantos (crônicas)*, *Do jeitinho de Minas (culinária)*.

San Paolo (SP), Brasile. Articoliste e cantanti, con 15 CD registrati. Pubblicazioni: *Por todos os cantos (crônicas¹)*, *Do jeitinho de Minas (gastronomia)*.

Custódia Wolney (Maria Custódia Wolney de Oliveira)

Brasília (DF), Brasil. Escritora. Publicações: *O preço de um sonho*; *Sombras da Revolta*; *Sina Traçada*.

Brasília (DF), Brasile. Scrittrice. Pubblicazioni: *O preço de um sonho*; *Sombras da Revolta*; *Sina Traçada*.

Débora Pio (Debora Arruda Pio Soares)

São Paulo (SP), Brasil e Atenas (Grécia). Escritora, professora de Língua Portuguesa e palestrante sobre a cultura brasileira naquele país. Publicações na internet.

San Paolo (SP), Brasile e Atene (Grecia). Scrittrice, professoressa di Lingua Portoghese e conferenziera sulla cultura brasiliana in Grecia. Pubblicazioni su internet.

¹ *Crônica*: Genere letterario tipicamente brasiliano che consiste in un testo breve, con temi legati a fatti quotidiani e attuali, originariamente pubblicato su giornali e riviste.

Edih Longo (Edileuza Bezerra de Lima Longo)

São Paulo (SP), Brasil. Linguista e professora de Língua. Atriz teatral. Diretora de Atores. Dramaturga, romancista, poeta, contista e cronista. Diversas publicações.

San Paolo (SP), Brasile. Linguista e insegnante di lingue. Attrice teatrale. Regista. Dramaturga, romanziera, poetessa, scrittrice di racconti e crônicas. Pubblicazioni varie.

Eugenia Zerbini (Eugenia Cristina Godoy de Jesus Zerbini)

São Paulo (SP), Brasil. Contista e romancista. Publicação: *As netas da Ema*.

San Paolo (SP) Brasile. Autrice di romanzi e racconti. Pubblicazione: *As netas da Ema*.

Gisela Rao (Gisela Cochrane Rao)

São José dos Campos (SP), Brasil. Redatora publicitária, editora e blogueira. Cinco publicações.

São José dos Campos (SP), Brasile. Redattrice pubblicitaria, editrice e blogger. Cinque pubblicazioni.

Hebe C. Boa-Viagem A. Costa (Hebe Canuto da Boa-Viagem de Andrade Costa)

São Paulo (SP), Brasil. Educadora, advogada e escritora. Publicações: *Elas, as pioneiras do Brasil, Elles sont venues de loin, Mes-tres, Una donna, una rivelazione, Vivências – experiences, Cose che succedono, Femmes, femmes, femmes...*

San Paolo (SP), Brasile. Educatrice, avvocato e scrittrice. Pubblicazioni: *Elas, as pioneiras do Brasil, Elles sont venues de loin, Mes-tres, Una donna, una rivelazione, Vivências – experiences, Cose che succedono, Femmes, femmes, femmes...*

Helena Peixoto Dagnino

Porto Alegre (RS), Brasil. Psicóloga.

Porto Alegre (RS), Brasile. Psicologa.

Ivone da Fonseca

São Luís do Paraitinga (SP), Brasil. Educadora e Economista. São Luís do Paraitinga (SP), Brasile. Educatrice e bancaria.

Johayna (Joana Merlin Scholtes)

Itanhaém (SP), Brasil. Professora primária e advogada. Mestre e Doutora em Direito Administrativo. Prestou serviços na ONU/PNUD. Publicação: *Poemas do Costão*.

Itanhaém (SP), Brasile. Insegnante elementare e avvocato. Dottoressa di ricerca in Diritto Amministrativo. Ha lavorato presso l'ONU/UNDP. Pubblicazione: *Poemas do Costão*.

Juliana Winkel (Juliana Winkel Marques dos Santos)

São Paulo (SP), Brasil / Roma (Itália). Jornalista e tradutora.

San Paolo (SP), Brasile, e Roma (Italia). Giornalista e traduttrice.

Laís de Barros

São Paulo (SP), Brasil. Publicitária, pós graduada em marketing. Cronista diária pelo site vidacomhistoria.com.br.

San Paolo (SP), Brasile. Pubblicitaria, Post lauream in marketing. Scrive quotidianamente sul sito vidacomhistoria.com.br.

Leonir de Lourdes Batista

Cruz Alta (RS), Brasil. Graduada em Letras. Cronista, contista e poetisa. Publicada: *No Tempo Encantado das Estações* (infantil).

Cruz Alta (RS), Brasile. Laureata in Lettere. Poetessa e scrittrice di racconti e crônicas. Pubblicazioni: *No Tempo Encantado das Estações* (opera per ragazzi).

Liliana Laganá

Roma – Itália / São Paulo (SP), Brasil. Doutora em Geografia e Mestre em Língua e Literatura Italiana. Contista. Publicações: *A última Fábula* (2002), *Terra Amada* (2005) e *Estrelas do Sul* (2014).

Roma, Italia, e San Paolo (SP), Brasile. Dottoressa in Geografia e postlauream in Lingua e Letteratura Italiana. Scrittrice di racconti. Pubblicazioni: *A última Fábula* (2002), *Terra Amada* (2005) e *Estrelas do Sul* (2014).

Lionizia Goyá (Lionizia Pereira Martins)

Uberlândia (MG), Brasil. Artista Plástica e Psicopedagoga. Publicações: *Bianca e o arco da Aliança* (infantil) e séries “Eu sou quem sou” e “Simplesmente Maria” (textos poéticos visuais).

Uberlândia (MG), Brasile. Pittrice e psicopedagogista. Pubblicazioni: *Bianca e o arco da Aliança* (per ragazzi) e le collane “Eu sou quem sou” e “Simplesmente Maria” (testi poetici visuali).

Lorien Marta Zanini

Curitiba (PR), Brasil. Jornalista, descendente de italianos vênecos, pesquisa e escreve sobre suas origens.

Curitiba (PR), Brasile. Giornalista, discendente di italiani dal Veneto, fa ricerche e scrive sulle sue origini.

Luciana de Souza Mazur

Porto Alegre (RS), Brasil. Advogada.

Porto Alegre (RS), Brasile. Avvocato.

Maria de Fátima Boni de Oliveira

Itu (SP), Brasil. Advogada. Pesquisadora da imigração. Publicação: *Família Lunardon e suas raízes italianas* (co-autoria), lançado no Brasil em 2013 e na Itália em 2014.

Itu (SP), Brasile. Avvocato. Svolge ricerche sull’immigrazione. Pubblicazioni: *Família Lunardon e suas raízes italianas* (coautrice), pubblicato in Brasile nel 2013 e in Italia nel 2014.

M H Curti (Maria Helena Curti)

São José do Rio Preto (SP), Brasil. Pianista e aquarelista. Prêmios internacionais como aquarelista.

São José do Rio Preto (SP), Brasile. Pianista e acquarellista. Ha conquistato premi internazionali come acquarellista.

Maria Rosa Fontebasso

Nervesa della Battaglia – Itália / Porto Alegre (RS), Brasil. Professora e pesquisadora sobre imigração italiana.

Nervesa della Battaglia, Italia, e Porto Alegre (RS), Brasile. Professoressa e ricercatrice sull’immigrazione italiana.

Marília Ferreira Emmi

Socióloga, mestre em Planejamento, doutora em Ciências Socioambientais e professora. Publicações: *Um século de imigrações internacionais na Amazônia brasileira* (2013); *Italianos na Amazônia- pioneirismo econômico e identidade* (2008) e *A oligarquia do Tocantins e o domínio dos castanhais* (1988).

Sociologa, post lauream in Progettazione, dottoressa in Scienze Socio-ambientali e professoressa. Pubblicazioni: *Um século de imigrações internacionais na Amazônia brasileira* (2013); *Italianos na Amazônia: pioneirismo econômico e identidade* (2008) e *A oligarquia do Tocantins e o domínio dos castanhais* (1988).

Sandra Silvestre (Sandra Meyer Silvestre)

Criciúma (SC), Brasil. Historiadora. Cronista. Diversas participações em coletâneas poéticas. Publicação: *Gatinhos travessos em versos* (infantil).

Criciúma (SC), Brasile. Storica. Scrittrice di crônicas. Diverse partecipazioni in antologie poetiche. Pubblicazioni: *Gatinhos travessos em versos* (opera per ragazzi).

Vitalina Maria Frosi

Caxias do Sul (RS), Brasil. Doutora em Educação. Mestre em Linguística. Especialista em Dialectologia. Publicações: *Provérbios italianos: pérolas na educação informal dos ítalo-brasileiros*. *Premio Distinzione Comunità Italiana* (2007) e *L’Onorificenza di Cavaliere della Repubblica Italiana*.

Caxias do Sul (RS), Brasile. Dottoressa di ricerca in Educazione. Post lauream in Linguistica. Dialettologa. Pubblicazioni: *Provérbios italianos: pérolas na educação informal dos ítalo-brasileiros*. Ha conseguito il *Premio Distinzione Comunità Italiana* (2007) e *L’Onorificenza di Cavaliere della Repubblica Italiana*.

Yolanda Forghieri

São Paulo (SP), Brasil. Doutora em Psicologia. Docente e Professora Titular. Psicóloga. Aconselhadora Terapêutica. Homenageada pela Académie Internationale Le Mérite et Dévouement Français, Médaille d'Argent, *décerné pour Services exceptionnels rendu à la Collectivité Humaine*.

San Paolo (SP), Brasile. Dottoressa in Psicologia. Professoressa titolare. Psicologa. Terapeuta. Omaggio dell'Académie Internationale Le Mérite et Dévouement Français, Médaille d'Argent, *décerné pour Services exceptionnels rendu à la Collectivité Humaine*.

Zel Gnocchi (Helen Heyzel Gnocchi)

Veneza (Itália). Tradutora, intérprete, mediadora cultural. Presidente de uma associação italo brasileira em Veneza. Colaboradora de um programa cultural numa Rádio vêneta.

Venezia (Italia). Traduttrice, interprete, mediatrice culturale. Presidente di un'associazione italo-brasiliana a Venezia. Collaboratrice a un programma culturale radiofonico del Veneto.



Caro Leitor / Caro Lettore

Nós esperamos que esta obra tenha correspondido às suas expectativas.

Speriamo quest'opera vi sia di piacevole lettura.

Envie suas dúvidas e sugestões através do nosso e-mail:

In caso di dubbi e suggerimenti, rivolgersi a noi tramite l' email:

editorainhouse@gmail.com

Compre outros títulos em
Per comprare altri libri

www.livrariainhouse.com



www.editorainhouse.com.br

Curta nossa página no Facebook: Editora In House

Fones: (55 11) 4607-8747 / 99903-7599

1º concurso literário

BrasilItália
São Paulo, 2015



*Consolato Generale d'Italia
San Paolo*

Realização / Realizzazione



www.comites.org.br

E-mail: comites.sp@comites.org.br

Parceira / Partner



REBRA
Selo Editorial

Apoio cultural
Supporto culturale



editorainhouse
www.editorainhouse.com.br

ISBN: 978-65-86978-55-1

